

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Arquitetura

Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura – PROPAR



Cabo Polônio: uma viagem através das utopias urbanas

Larissa Rodrigues Gransotto

PROPAR/UFRGS

Orientadora: Andréa Soler Machado

Florianópolis, setembro de 2009

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura
PROPAR

Cabo Polônio: uma viagem através das utopias urbanas

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre

Larissa Rodrigues Gransotto
Orientadora: Andréa Soler Machado

Florianópolis
2009

Para

Walter Henrique Comine Maldonado

Agradecimentos

Agradeço a orientação, apoio, amizade e incentivo da professora Doutora Andréa Soler Machado.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura a possibilidade de ter realizado esse estudo e ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo financiamento parcial desta pesquisa.

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram na elaboração do presente trabalho, em especial a minha família – Luciana, Laura, Ricardo e Lara – pelo amor e carinho de sempre; ao professor e arquiteto Nelson Teixeira Netto pelas sugestões, questionamentos e incentivos; ao professor e arquiteto uruguaio Rafael Cortazzo pelas informações valiosas e pronto auxílio aos meus questionamentos; às amigas Cátia (que descobriu comigo Cabo Polônio), Cibele e Patrícia (sempre presentes), Thaís e Marina (pelas constantes conversas) e ao meu marido e professor Walter Henrique Comine Maldonado pela presença constante e ajuda impecável.

Resumo

O presente trabalho aborda a temática da utopia pelo viés do urbano. Utilizando-se do texto no formato de uma viagem, é estabelecido um roteiro que se divide em três momentos principais: a partida, a chegada e o retorno. Parte-se da revisita a alguns dos principais utopistas da história ocidental; chega-se a um novo espaço urbano localizado além das nossas fronteiras - Cabo Polônio - e retorna-se para fazerem-se as relações entre esse inusitado destino e as utopias, seus contextos, épocas e ideários. A pesquisa propõe utilizar-se do pensamento utópico como instrumento de compreensão, reflexão e abordagem para as novas cidades - reais ou ideais.

Palavras chave: utopia, cidades reais, cidades ideais, arquitetura, Cabo Polônio.

Abstract:

This work concerns the theme of the utopia through urban bias. By using the text in the form of a trip, is there a roadmap that is divided into three main points: the departure, arrival and return. It starts revisiting some of the major Western utopians of history; it arrives to a new urban area located beyond our borders - Cabo Polonio - and returns it to make the relationship between this unusual destination and utopias, their contexts, times and ideas. The research proposes to use the utopian thinking as a tool for understanding, reflection and approach to the new cities - real or ideal.

Keywords: utopia, real cities, ideals cities, architecture, Cabo Polonio.

Roteiro de Viagem

Resumo	05
Abstract	06
Mapas , malas e cuia	08
A Partida	13
<hr/>	
Cidade e Utopia	14
Atlântida de Platão	20
Utopia de Tomas Morus	27
Falanstério de Fourier	35
Cidade Moderna de Le Corbusier	41
Cities de Archigram	52
Utopias Juvenis Modernas	60
Uma parada necessária	68
<hr/>	
A Chegada	87
<hr/>	
34°22' S, 53°47'59" W	88
Dicotomias de Cabo	94
Cabo Polônio e as utopias	103
Novas utopias para Cabo	113
O Retorno	119
<hr/>	
Listas das Ilustrações	124
Referências Bibliográficas	128
Anexo	134

Mapas, malas e cuia

Cidades perfeitas, sociedades harmônicas, leis justas, mundo ideal. Vislumbrar possibilidades e imaginar alternativas mais felizes às realidades que vivemos tem sido uma constante na história da humanidade. As possibilidades e alternativas, assim como os sonhos e os desejos, fazem parte do universo da utopia.

A utopia, o “não-lugar” ou “melhor lugar” é tão recorrente na vida urbana quanto foram e são os textos, as propostas e os projetos que delineiam os contornos de nossas cidades reais.

Se considerarmos que em cada cidade real cabem inúmeras cidades ideais, que todas se relacionam de alguma forma e que a arquitetura permeia tudo o que se refere à *urbis*, é fundamental que os profissionais dessa área e das áreas afins conheçam de que forma se dão esses processos e quais seriam as maneiras que poderiam intervir mais adequadamente no espaço a partir desse conhecimento.

Com esse intuito, a presente pesquisa se propõe a abordar a temática da utopia pelo viés do urbano, com o auxílio da história, de conceituações e referência empírica em um exemplo real. Partindo-se desse objetivo maior, o trabalho pretende questionar e investigar as relações entre as cidades reais e ideais e entre o passado e as novas possibilidades de se pensar e fazer arquitetura. Também se propõe a utilizar do pensamento utópico para servir como instrumento de compreensão, reflexão e auxílio às futuras intervenções nos aglomerados humanos do presente e do futuro e melhor propor os novos traços ou redesenhos dessas composições urbanas infinitas.

Um tema como esse pode ser mais bem compreendido se abordado de uma forma mais próxima às propostas idealizadas. Assim, a apresentação deste trabalho se dá na forma de uma viagem, de maneira lúdica, tal qual o é a utopia.

Viagem essa em sua significação mais ampla: o deslocamento de pessoas em uma jornada, que buscam conhecer e percorrer novas estradas, conhecer novos lugares, relacionar-se com outros povos e interagir com contextos diferentes dos que são vivenciados em seus cotidianos.

E tal percurso proposto neste trabalho acadêmico tem como propósito inicial a utilização do “paradigma utópico” para compreender e repensar alguns dos caminhos

pelos quais têm passado nossas cidades, na seqüência desvendar um lugar utópico real para, finalmente, criar um paralelo entre essas as partes.

Dessa forma, o roteiro dessa viagem estabelece três momentos principais: a partida, a chegada e o retorno.

A Partida

O momento da partida é quando se prepara a viagem, quando são feitas as malas, quando se escolhe tudo o que é importante para levar e é quando se define o trajeto a ser percorrido.

Dos infinitos percursos possíveis, foi escolhido apenas um. Ele foi estabelecido a partir das paradas em alguns pontos importantes da história da utopia, nos quais se revisitam alguns dos visionários que marcaram presença no auge de importantes períodos da humanidade e influenciaram outros tantos idealistas nos posteriores.

Para estabelecer essas delimitações, foi feita uma revisão bibliográfica das obras relacionadas às utopias urbanas que mais se aproximavam das características necessárias à abordagem do tema escolhido. Definidas as paradas, a viagem tem seu início.

A partida se dá no ano 384 a.C. na Grécia Antiga, onde é conhecida a ilha Atlântida de Platão. No ano de 1516, passa por outra ilha, a Utopia, de Tomas Morus, na Inglaterra renascentista. Da Inglaterra para a França, faz-se o salto temporal até o século XIX, e são visitados os falanstérios de Charles Fourier. No início do século XX, chega a vez das cidades modernas, em especial os projetos de cidades propostos por Le Corbusier. Neste mesmo século, um pouco mais tarde (década de 60), a última parada dessa etapa da viagem. Reencontram-se as *cities* do grupo Archigram e reconhecidas outras formas utópicas de expressão de outros jovens do mesmo período.

Cada uma das utopias, seus autores, suas cidades e o período nos quais foram criadas, tiveram suas escolhas baseadas em características especiais e únicas, em formas de apresentação diferenciadas (narrativa, experimento, projeto e manifestação), em representatividade temporal e espacial, em contestação de sua época ou contexto político, econômico ou social.

A próxima parada é o próprio destino dessa viagem: a utopia de Cabo Polônio. Com a chegada nesse novo lugar é iniciada uma nova etapa do deslocamento.

A Chegada

Agora não mais distanciada de nossa realidade no eixo temporal, acontece a descoberta de um novo espaço urbano localizado além das nossas fronteiras: Cabo Polônio.

Ao se passar pelo “portal” de Cabo Polônio, percebem-se, de maneira impactante, as especificidades desse espaço em diversos aspectos: desde a história lendária de seu nome, a forma como chegaram seus primeiros habitantes, a implantação das suas casas, a própria arquitetura dessas, até as questões de sociabilidade, relação com a natureza e conceito de vida do próprio lugar.

Essas diferenças são exibidas e reconhecidas apenas de olhar e percorrer seus caminhos efêmeros. É uma afirmativa que se justifica ao experienciar momentos naquele lugar ou ao ouvir e ler os relatos de quem por lá já passou.

A escolha por esse lugar distante, situado em outro país e em outras realidades, tem como objetivo sair do lugar comum, adentrar em um contexto próprio, diferente, isento de informações e idéias pré-concebidas.

E não se trata apenas da distância, pois não somente são identificadas as diferenças acentuadas por se tratar de outro país, de outra cultura – a uruguaia – mas esse mesmo lugar, dentro de seu próprio país e dentro sua própria cultura, também se diferencia.

Quem deseja, contudo, conhecer com mais profundidade o local na história, depara-se com pouca quantidade de informações técnicas e oficiais. O que existe é muito mais um compêndio de laudos e relatórios destinados a ser base para os decretos políticos sobre a propriedade e o destino da área.

Apenas nos últimos anos foram iniciadas pesquisas uruguaias sobre Cabo Polônio. Uma delas, em fase de conclusão (provavelmente uma das primeiras pesquisas acadêmicas), foi utilizada como apoio ao presente trabalho, assim como o contato com o próprio pesquisador, o arquiteto Rafael Cortazzo, da Universidad de la Republica (Universidade Federal do Uruguai) e sua tese: “Discusión sobre el Sistema

Nacional de Áreas Protegidas como Instrumento y enfoque de Ordenación Territorial y elaboración de una Propuesta de Ordenamiento para la zona de Cabo Polonio - Cerro de la Buena Vista (Rocha)”¹.

O Retorno

Conhecidas, pesquisadas e relatadas as informações sobre uma das penínsulas uruguaias, a ocasião da viagem é a do retorno.

Ao retornar, observa-se o caminho percorrido. É o momento de se fazerem as considerações e análises do trajeto através de um paralelo entre as utopias urbanas clássicas escolhidas e o pensamento contemporâneo, usando como suporte, Cabo Polônio.

As características principais das cidades utópicas são listadas e consideradas para cada forma de expressão apresentada. São feitas as relações entre cada uma delas e seus contextos, épocas e ideários.

Para tornar mais contemporânea a discussão utópica - mesmo que a utopia seja ao mesmo tempo atemporal e completamente vinculada a cada período histórico que a contempla - a última parte do trabalho expõe os projetos ideais de estudantes uruguaios no ano de 2008 para a área de Cabo Polônio.

Suas soluções gráficas e conceituais se transformaram na base para os questionamentos e abordagens finais a respeito do pensamento e a consciência crítica que deve acontecer em todos os espaços de tempo da prática do projeto urbano e arquitetônico.

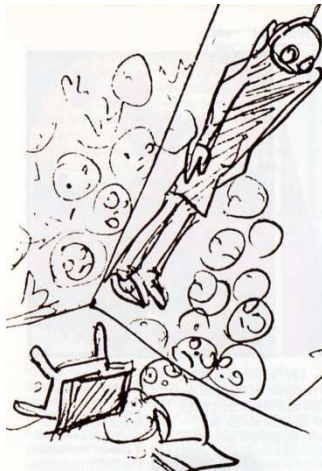
A utopia de Cabo renova-se, apresenta novos matizes, abrange novos grupos. Os desejos de Platão e Morus por um mundo melhor se reapresentam, atravessam milênios e tornam-se contemporâneos.

Dessa forma o trabalho não pretende estabelecer o melhor caminho a ser percorrido (é apenas um dos possíveis), nem de se constituir como um catálogo das obras utópicas mais características e nem busca chegar a conclusões definitivas a respeito das definições de utopia e suas manifestações. Pretende, sim, apresentar uma

1 Até o final da presente dissertação não havia sido concluída a pesquisa do arquiteto uruaio, mas continuaram acontecendo os contatos e informações por ele fornecidas através de correio eletrônico.

trilha, um caminho: um viés a mais para a reflexão sobre o destino da vida contemporânea, nesse imenso mar de possibilidades de pesquisas no campo da arquitetura e da utopia.

A Partida



Cidade e Utopia

“(...) As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (...) De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas. – Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder (...)”²



Figura 1: Cidade Inca; Tóquio; Favela Rio de Janeiro; Marrocos; Las Vegas

Cidade

Podemos considerar a cidade como “algo mais do que o somatório de seus habitantes”. Ela é “uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independentemente de outras razões – viver em comunidade a viverem isoladas.”³

A construção dessa poderosa unidade é feita por muitas e heterogêneas mãos – seus habitantes – que passam a modificar sua estrutura cotidianamente, com um controle apenas parcial sobre seu crescimento e forma, que nunca gera um resultado final e sempre um contínuo processo de mutação. Essa reinvenção diária da cidade

² CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 44.

³ CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1971, p. 9.

torna-a como “um reservatório concreto e efetivo de memórias coletivas e de vontades de indivíduos e grupos ”⁴ que agem e compartilham deste mesmo território.

“A cidade é, portanto, uma obra de arte, uma figura estética aberta e dinâmica, também configurada pelas formulações científicas e pelos conceitos filosóficos de cada sociedade. A urbanidade emerge da confluência de múltiplos fatores, às vezes imponderáveis, porém tão atraentes e fundamentais para a chamada vida civilizada, que grande percentual da população mundial concentra-se em ambientes construídos.”⁵

Os diversos olhares que incidem sobre essa cidade reclamam seu ponto de vista. Cada olhar – de quem nela vive ou de quem a planeja – estabelece um conjunto de projeções. Essas são decorrentes dos imaginários sociais no espaço real ou no espaço idealizado. Com elas podemos “ver” e “viver” a cidade em todos os seus tempos – seja na cidade que pensamos concreta ao pisarmos no asfalto quando atravessamos suas ruas; seja na cidade do passado quando a encontramos nas descrições literárias ou nas poucas ruínas que ainda permanecem; ou ainda na que podemos idealizar a partir das duas primeiras e adicionar nosso desejo.

É justamente esta última cidade que nos interessa: a cidade do desejo, a idealizada. E, a partir dela, podemos medir os problemas da cidade real, reinterpretados.

Tal ação de “recriação da cidade” a partir das próprias vivências remete a um ato quase divino: “a idéia de cidade ideal está profundamente arraigada em todos os períodos históricos, sendo inerente ao caráter sacro anexo à instituição e confirmado pela contraposição recorrente entre cidade metafísica ou celeste e a cidade terrena ou humana.”⁶

Dentro do recorte das cidades ideais, existem muitos outros – tantos quantos existem indivíduos vivendo nelas.

4 ROCHA, A. L. C.. *Cidade como lugar do próprio e do absoluto: os dilemas de uma política*. In: *I Encontro sobre preservação e valorização de bens materiais intangíveis*, 1998, Porto Alegre. Iluminuras vol. 8. Porto Alegre: Publicação eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, 1998, p. 11.

5 SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p.10.

6 ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 73.

Porém, a partir desse número infindável de recortes, alguns se sobressaem: são aqueles que, de alguma forma de expressão (narrativa, literária ou gráfica) representam os demais, caracterizam sua época, explicitam os sentimentos e pensamentos de um grande grupo ou ainda impactam por sua total diferenciação de seu contexto.

Os projetos ou narrativas de cidades ideais se situam no âmbito das **utopias**, e elas “são, ou pelo menos tentam ser, sistemas racionais capazes de conceber novos modos de organização social. Implicam sempre uma vontade de transcender o existente e são, ao mesmo tempo, uma evasão e uma crítica do presente.”⁷

Utopia

A palavra ‘utopia’ tem origem grega, que parte da composição do ‘U’ que significa *nenhum* e de ‘topus’ que significa *lugar*.

A invenção desse termo foi feita por volta de 1516, pelo chanceler inglês Thomas Morus. Foi utilizada como título de sua obra e nome da ilha sobre a qual discorre em seu livro. Seu texto literário descreve o modelo de uma cidade perfeita, ao mesmo tempo em que faz severas críticas à sociedade inglesa.

Da sua criação até os dias de hoje, muitos são os conceitos empregados a essa palavra e muitas são as formas de utilização. De lugar nenhum a melhor lugar, sua interpretação nunca é neutra. “Por cierto, el género utopista es una muestra significativa de las inquietudes de un tiempo.”⁸

“A utopia é, de certo modo, um arquétipo que se encontra em todas as épocas e em numerosos povos. Descrições de viagens e descobertas de cidades imaginárias e representações de sociedades ideais alternativas e em oposição à frustração proporcionada pela condição real, o paradigma utópico é uma invenção que percorre, ao longo da história, um longo percurso de mutações e será, no século XX, a base filosófica da arquitetura moderna.”⁹

7 MACHADO, Andréa Soler. *Cidades Ideais Regressivas: Utopias do Paraíso Perdido*. II Curso de Especialização: Patrimônio Cultural em Centros Urbanos, UFRGS, 2006, p. 3.

8 GIANNINI, Humberto. *El lugar propio de la utopía*. Atenea (Concepc.). [online]. 2005, n° 491, p. 12

9 MACHADO, Andréa Soler. *Cidades Ideais Regressivas: Utopias do Paraíso Perdido*. Op. Cit., p. 1.

Enquanto imaginação que busca produzir uma existência mais harmônica, a utopia não se produz no vácuo – a cidade ideal busca sempre na cidade real suas bases, reflexões, críticas e novas proposições.

Nesse sentido tomamos o conceito amplo proposto por Bronislaw Baczko, que proporciona apropriações parciais ou completas para as diversas formas de manifestações utópicas:

“A utopia, que constitui a manifestação mais completa da *imaginação social*, situa-se num <algures> temporal (cf. *tempo/temporalidade*) – no passado (cf. *origens, passado/ presente*) ou no futuro – ou talvez <espacial> (cf. *espaço social*); para lá das fronteiras (cf. *fronteira*) do mundo conhecido (cf. *ecúmeno*), uma *sociedade* regida pelo consenso (cf. *consenso/dissenso*) que banuiu qualquer tipo de conflitualidade (cf. *agonismo/conflito*) e previu que cada um seja submetido a um *controle social* de tal modo interiorizado que acaba por regular o *inconsciente*. Esta sociedade sem *história* funde-se com a finalidade (cf. *escatologia, milênio*), não produz nenhuma *revolução*, nem sequer mesmo algum *acontecimento*, a não ser que seja provocado pelo exterior. O papel de tais formas de *representação* tem sido particularmente importante na época moderna (cf. *antigo/moderno, periodização*); uma prova disso são as obras literárias (cf. *literatura*) e artísticas (cf. *artes*), as filosofias (cf. *filosofia/filosofias*), as ideologias (cf. *ideologia*), as religiões (cf. *religião, igreja*). Estas representações inspiram os programas dos *partidos*, as constituições (cf. *constituição, estado*) e as leis civis (cf. *direito, comunidade, sociedade civil*), e exercem uma influência sobre a vida intelectual (cf. *intelectuais*) e política (cf. também *liberdade, planificação, poder/autoridade, progresso/reacção*).”¹⁰

Mesmo que contemplando uma definição de certa forma abrangente, o autor nos esclarece que o termo-conceito se revela multiforme no plano discursivo. A própria localização temporal de seu uso revela essa diferenciação: “em determinadas épocas, as utopias não passam de um fenômeno marginal e isolado. Noutras, porém, a criatividade utópica intensifica-se”¹¹.

10 BACZKO, Bronislaw. *Utopía. Los Imaginarios Sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991, p. 394.

11 BACZKO, Bronislaw. *Utopía. Los Imaginarios Sociales*. Op. Cit., p.346.

É um conceito que fusiona imaginação e crítica, que perpassa as diversas fronteiras do pensamento humano e mantém “relações múltiplas e complexas com as idéias filosóficas, as letras, os movimentos sociais, as correntes ideológicas, o simbolismo e o imaginário coletivos”¹², com as artes, política e diretamente com o urbanismo. As utopias têm “(...) como objeto todos los mundos objetivos del trabajo humano y se extiende tanto a la fantasía diurna como al sueño nocturno.”¹³ Elas pertencem ao mundo dos sonhos e das fantasias quando postulam transformações totais nas sociedades e fixidez em seus resultados. Ganham o mundo real “na medida em que se inscrevem no campo das expectativas de uma época ou de um grupo social e, sobretudo, na medida em que se impõe como idéia-guia e idéia-força que orientam e mobilizam as esperanças, ao mesmo tempo em que solicitam as energias coletivas”¹⁴.

Idealizações ou realizações, esperanças ou destinos. Nas próximas páginas faremos uma viagem através das principais utopias urbanas que nortearam nossa civilização e que ainda suscitam esperanças, povoam pensamentos e norteiam ações, em forma de escrita, lei, manifestação, projeto ou arte.

Vamos retroceder no tempo, até a Grécia antiga, e encontrar uma narração criada sobre um mundo paralelo, que permaneceu por centenas de anos como dúvida de sua veracidade: a Atlântida de Platão.

Assim como Atlântida, outra ilha também se tornou um lugar idealizado. Sua história foi contada há quase quinhentos anos por Hitlodeu – personagem de Tomas Morus no livro *Utopia* – que descreveu uma viagem a um lugar fantástico e perfeito e retornou de lá para contar às pessoas de seu país como uma forma de crítica à sociedade de sua época.

A utopia escrita com função de questionamento, como fez Morus, ou como fonte de inspiração, como propôs Charles Fourier no século XVIII em sua alternativa de espaço que seguia fielmente um modelo, uma forma de organização social onde os cidadãos viveriam dentro e no entorno das “falanges”.

12 Idem. *Ibidem*, p. 346.

13 ALONSO, María Nieves, BLUM, Andrea, CERDA, Kristov et al. *Donde nadie ha estado todavía: Utopía, retórica, esperanza*. Atenea (Concepc.). [online]. 2005, n° 491, p.45.

14 BACZKO, Bronislaw. *Utopía. Los Imaginarios Sociales*. Op. Cit., p.393.

Utopia como análise e crítica da cidade real e proposta radical de mudança, como foi a projeto *Plan Voisin* de Le Corbusier para Paris no início do século XX, o qual eliminava parte da cidade existente para inserir um recorte urbano completamente diferente e oposto ao antigo.

Na modernidade, a utopia se torna cada vez mais gráfica, tecnológica e futurista como as propostas de apropriação do espaço com disposição quase anárquica de células de habitação, feitas pelo grupo Archigram, em 1965, na *Plug in City*. Ou ainda mais ativista, mais social e engajada e presente nas manifestações juvenis através dos textos acadêmicos e intelectuais, das passeatas de protesto, da arte popular e das novas formas de vida comunitária.

Seja literatura, plano de governo alternativo, projeto urbano, arquitetura do futuro ou movimento social, as histórias de um lugar têm em comum a utopia de cada sociedade, de cada tempo, de cada criador e desvendam suas facetas, e delineiam outras.

“As representações utópicas tomam à sua conta (...) promessas e esperanças, mais ou menos vagas e difusas, elaborando-as, estruturando-as e traduzindo-as, por fim, em imagens de uma outra sociedade em ruptura variavelmente radical com as realidades existentes.”¹⁵

15 Idem, *ibidem*, p. 377.

Atlântida de Platão

“(...) Pensaram tê-la encontrado no Novo Mundo. Não: ela pertence a um outro mundo, que não é do domínio do espaço, mas do domínio do pensamento.”¹⁶

A primeira viagem. No tempo: desde agora até onze mil anos atrás. No espaço: uma ilha perdida possivelmente entre a Líbia e a Ásia. Atlântida.

A história dessa ilha e do mito do povo atlante foram escritos por Platão no período entre 384 e 377 a.C., na Grécia Antiga. Foi o mito de uma ilha-cidade-estado que desapareceu no mar nove mil anos antes de seu tempo.

Platão viveu durante a “Idade do Ouro” da Grécia (idade que durou de aproximadamente 500 a.C. até 300 a.C.). Foi neste intervalo de tempo que o império tornou-se o principal centro cultural e intelectual do Ocidente. Foi em sua capital, Atenas, onde surgiu certamente a base das principais idéias e práticas do que hoje nós chamamos de “civilização ocidental”.

Atenas também foi o mote para a história de Platão. Não que o filósofo tenha escrito sobre ela especificamente, mas foi criando uma oposição à sua realidade que o enredo se desenvolve. Realidade essa diminuída de valor, segundo o autor, através da destruição de suas “qualidades aristocráticas, guerreiras e frugais” que “o filósofo julga destruídas pela democracia, com seu igualitarismo e opulência”¹⁷.



Figura 1 – as muitas imagens da ilha de Atlântida

O filósofo utiliza-se de textos em formas de diálogos. Dos vários que produziu, quatro deles abarcam a temática da utopia. Na “República”, o Estado imaginário é

¹⁶ VIDAL-NAQUET, Pierre. *Atlântida: pequena história de um mito platônico*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 25.

¹⁷ CHAUI, Marilena. *Notas sobre Utopia*. Cienc. Cult. [online]. 2008, v. 60, n. spe1, p. 10.

utópico por criar uma cidade na qual impera a justiça e o espírito comunitário. Nas “Leis”, o pensador ateniense estabelece os princípios de uma estrutura política que continuarão a influenciar posteriormente a cultura humana. Esse texto possui um caráter mais realista e prático que o da “República”, porém continua com o caráter idealista, quando o homem é considerado sempre súdito fiel das leis.

Mas os diálogos que realmente nos interessam são as obras intituladas “Timeu” e “Crítias”. É em tais textos que aparece então o mito de Atlântida. Ele utiliza-se do tema ‘viagem’ para iniciar seu relato: um de seus personagens, o sacerdote, regressa da terra atlante, responde às questões feitas por Sólon sobre as origens daquela ilha perdida e passa a descrever suas feições, descrever seu povo e a contar suas proezas, suas lutas e sua destruição.

Como em tantos outros mitos gregos, a história envolve homens e deuses. Um destes deuses, Poseidon (o deus dos mares), o dono daquelas terras, apaixonou-se pela jovem Clitô, filha de um casal autóctone. E, para que pudesse com sua amada viver em segurança, transformou sua imensa propriedade em um lugar protegido. Pierre Vidal, em seu livro sobre a história do mito de Atlântida cita o próprio Platão em Crítias:

“(…) Poseidão transforma essa ilha em fortaleza, instalando um após outro, cada vez maiores, anéis de terra e de mar, dois de terra e três de mar, que eram feitos como se saíssem do torno de um oleiro..., tornando assim a ilha central inacessível aos humanos; com efeito, ainda nem navios, nem navegação.”¹⁸

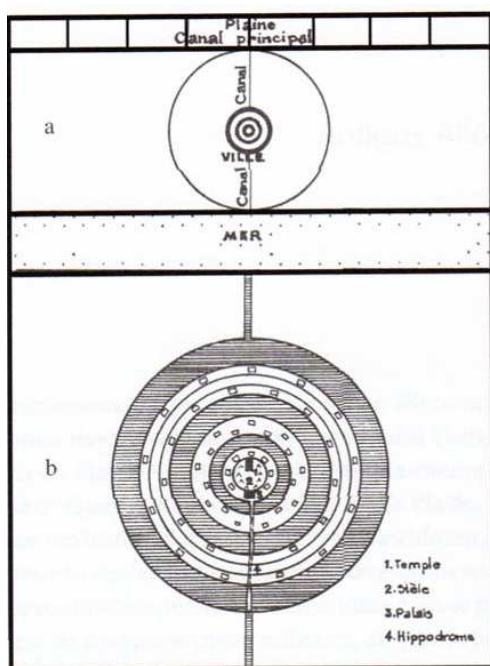
O casal por lá viveu por muitos anos. Dessa união nasceram cinco pares de gêmeos que receberam cada um deles uma parte dos anéis. Cada um desses trechos era por eles governado sob a regência da monarquia e Atlas, o mais velho deles, foi por seu pai aclamado posteriormente como o rei soberano da ilha.

Da criação de Atlântida por Poseidon até o período áureo de sua existência, a riqueza, a prosperidade do comércio e a defesa das terras podem ser identificadas como as características principais desenvolvidas por esses governantes e seu povo.

¹⁸ VIDAL-NAQUET, Pierre, op. cit., p. 32.

Para o desenvolvimento dessas especificidades, era fundamental que a composição da forma seguisse algumas premissas básicas:

“O gesto inaugural dessa cidade era, segundo Platão, a implantação de uma acrópole no centro do território. A partir do ponto central, era traçada uma circunferência para demarcar o contorno de espaço urbano, que se estenderia regularmente em torno da acrópole. O tamanho da cidade das Leis era limitado ao assentamento de cinco mil e quarenta famílias, que possuíam lotes individuais, divididos em duas partes, uma ligada ao centro e outra próxima à periferia.”¹⁹



Atlântida tinham acesso.

Figura 2: A cidade dos Atlantes
a) visão de conjunto b) a cidade interior

Os anéis concêntricos que definiam sua composição formal regiam as principais funções da cidade: os edifícios públicos (palácio, fonte e santuário) estavam localizados no centro e as edificações de habitações em anéis mais afastados e de diâmetro maior. Alguns anéis davam acesso à população em geral através das pontes, canais e passagens, e outros, na verdade, a maioria deles, eram cinturões de terra protegidos por muros. Eram verdadeiras fortificações e somente os reis de

Dos espaços públicos que valorizaram o acesso irrestrito dos cidadãos gregos, a Praça Pública, a Ágora, era a que promovia os maiores momentos de convívio e era onde ocorriam as discussões políticas e os tribunais populares. Em comparação com Atenas, a praça tornou-se diferente, não mais como o espaço da democracia que existia na capital grega (para Platão, esta forma de governo não era a forma mais justa de poder), mas sim se tornou o espaço da disputa.

¹⁹ SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p 56.



Figura 3: A Ágora de Atenas

suas competências.”²⁰

Partindo da praça para o centro, todos os outros espaços públicos adjacentes eram divididos em zonas funcionais, fisicamente delimitadas, e que trocavam bens de consumo e defesa. Tais espaços eram divididos de acordo com as classes sociais que iriam ocupá-los, ou seja, os governantes, os guerreiros – que tinham o dever de controlar o espaço cívico – e os produtores - agricultores e artesãos.



Figura 4: Olof Rudbeck anatomista e a Atlântida revelada.

“(…) A democracia postulada por Platão visava à divisão desigual de obrigações e recompensas, de privilégios e honras, de acordo com as diferenças determinadas pela riqueza, pela força e pela inteligência de cada indivíduo. Assim, a justiça consistiria na igualdade aplicada sobre desiguais, segundo

Outros profissionais também tinham deveres para com o espaço, neste caso para com o espaço físico: os arquitetos. Diferentemente de tantas outras épocas posteriores, os arquitetos não tinham um papel necessariamente criativo e sim deveriam imitar o modelo da cidade ideal, definindo o território como o espaço do controle, dos princípios atemporais, da delimitação, do racionalismo, da hierarquia e principalmente da rigidez formal.

Platão, ao descrever socialmente Atlântida, relaciona suas características às do império persa, para que os gregos não se esquecessem das guerras e invasões daqueles sobre estes e, para que se relacionasse com seu tempo, colocou a tecnologicamente avançada Atlântida como rival da Atenas, no seu ponto de vista, arcaica.

²⁰ SCHULZ, Sonia Hilf, op. cit., p. 52.

Passado o tempo, a cidade insular, mesmo que habitada por um povo de pensamento muito avançado, tentou invadir novas terras. O objetivo era sua conquista e o aprisionamento de outros povos para fazê-los de escravos, no que foi impedida por Atenas. Também foi classificada como tirânica e sem fé e mereceu um desfecho considerado justo pelo filósofo grego: pereceu em um grande cataclisma que afundou a ilha. “(...) Aquele que a criou foi também aquele que a destruiu.”²¹

“Desde o início, portanto, existe uma mistura, uma mescla entre o divino e o humano. Ora, é precisamente a predominância progressiva do elemento humano sobre o elemento divino que, no final do Crítias provoca a degeneração de Atlântida e dos atlantes, que se tornaram “cheios de injustiça, cupidez e de excessos”, e que leva Zeus à decisão de destruir Atlântida.”²²

Apensar desse trágico desfecho, que muitas vezes é o que mais ressalta da obra de Platão, o que realmente é inédito em sua obra é toda a proposição inicial, de um espaço antagônico ao de seu contexto, com alternativas aos seus problemas, inserção de novos conceitos, novas leis, novas formas de relações sociais. Foi “a elaboração do modelo platônico, o primeiro projeto urbano que visava afastar as forças caóticas do mundo real através da construção de uma cidade ideal.”²³

Cidade ideal esta, paradigmática, utópica ou, como propõe Yannis Tsiomis, uma contra-realidade, “uma versão de texto que construa um outro espaço que não é inexistente, mas que seja uma inversão do espaço existente.”²⁴

Passados mais de dois milênios desde sua escrita, ainda muito se questiona sobre a ilha atlante. Alguns arqueólogos, historiadores ou curiosos ainda fixam-se na dúvida da existência física real ou irreal do lugar e continuam criando hipóteses e fazendo pesquisas científicas para localizar a ilha no tempo e no espaço.

21 VIDAL-NAQUET, Pierre, op. cit., p. 51.

22 Idem, ibidem, p. 31.

23 SCHULZ, Sonia Hilf, idem, ibidem, p. 11.

24 Tsiomis, Yannis. *O ensino do projeto urbano entre a crise e a mutação*. Tradução: Denise Pinheiro Machado. In: Denise Pinheiro Machado. (Org.). *Sobre urbanismo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Vianna & Mosley, 2007, v. 1, p. 65-80.

As questões interessantes e pertinentes no caso do estudo da utopia são relacionadas com o espaço social, vida cotidiana e projeto de cidade, existente no plano físico ou no texto propositivo.

Dessa forma podemos, antes de nos aprofundarmos nas outras obras que posteriormente receberam sua influência, nos questionarmos sobre sua pertinência, validade e utilidade nos dias de hoje.

De forma crítica, podemos nos perguntar como os limites físicos e demográficos propostos nesta utopia permitiriam as trocas culturais e com isso todo o processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento de saberes de uma sociedade? ²⁵ Como direcionar e controlar o equilíbrio das classes sociais somente com um modelo de leis e um modelo compositivo de cidade? ²⁶ Como estabelecer a fixidez formal e física de uma cidade, se é justamente a cidade um organismo em eterna mutação? ²⁷

Ou seja: O paradoxo da cidade ideal é que o espaço limitado aprisiona o tempo. Por um lado, assim fica garantida a sua qualidade de modelo. Por outro, a estanqueidade impede a sua transformação e evolução. Apesar disso, o homem segue obstinado ao longo dos tempos pela idéia de um lugar ideal, segue tentando imaginar e construir um outro espaço-tempo. A história mostra que esse modelo atua como um referencial crítico que às vezes a arquitetura trata de materializar.

O que é válido para se pensar deste mito antigo é que o imaginário utópico é uma valiosa ferramenta de encontro entre o passado distante e os diversos momentos posteriores... Platão em Tomas Morus, em Francis Bacon, em tantos outros pensadores, seja para reforçar suas idéias, seja para criticá-las, seja para reformulá-las.

Aqui nos interessa a idéia de que o mito de Atlântida inaugura um paradigma social e um modelo urbano que será reinterpretado ao longo da história: as cidades criadas pelos homens carregam sempre um pouco de utopia, confirmando o caráter demiúrgico de recriação do mundo que se encontra na essência da arquitetura.

25 No caso de Atenas, contra-argumentada na ilha de Atlântida, onde a cultura grega tinha grande produção nas artes e filosofias, justamente por não viver isolada era de se imaginar que não conseguiria permanecer com um limite geográfico e populacional tão rígido.

26 Platão propôs que a comunidade ideal deve ter padrão de vida comum e que deveria haver um limite de riqueza e dos desejos de gratificações. Mas em seu texto aparece a figura dos reis, dos escravos.

27 As histórias das muralhas de todas cidades antigas sempre tiveram algo em comum: em algum momento de sua história foram transpostas.

Paradigma inaugurado, reflexões posteriores (durante mais de dois milênios) e novos paradigmas serão criados até a instauração do urbanismo moderno.

Utopia de Thomas Morus

“(...) Na Utopia, ao contrário, onde tudo pertence a todos, não pode faltar nada a ninguém, desde que os celeiros públicos estejam cheios. A fortuna do estado nunca é injustamente distribuída naquele país; não se vêem nem pobres nem mendigos, e ainda que ninguém tenha nada de seu, no entanto todo mundo é rico.”²⁸

A próxima parada desta viagem pelas utopias urbanas faz um salto histórico de quase dois mil anos. Da Idade de Ouro da Grécia antiga à Renascença europeia. De Platão a Morus. Da ilha de Atlântida à Ilha de Utopia.



Figura 1: as muitas imagens da Ilha de Utopia (capas das diversas edições da “Utopia” de Thomas Morus)

Thomas Morus escreveu “Utopia”, seu texto paradigmático, em 1516, no auge do Humanismo. Texto literário que, ao mesmo tempo, descreve o modelo de uma cidade perfeita e faz severas críticas à sua sociedade inglesa.

Para que se entendam os sentidos e objetivos dessa escrita, é necessário contextualizar a obra de Morus à sua época.

A Renascença foi um movimento das letras e das artes que iniciou no século XIV, na Itália e teve seu auge nos outros países europeus, no século XVI. Teve como principal característica o retorno da cultura aos padrões clássicos, influenciando os mais variados campos de atividade humana desde o final da Idade Média. Do teocentrismo medieval ao humanismo, o homem passa a não só ir à busca do conhecimento da realidade como percebe as possibilidades que tem de transformá-la.

²⁸ MORUS, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Editora Escala, 2000, p. 137.

Essas transformações econômicas, sociais e culturais ocorreram na sociedade dessa época com uma velocidade muito maior que no seu passado. Fizeram-se muitas descobertas impulsionadas pelos estudos da matemática e da geografia, pelas viagens marítimas, pela ampliação das rotas de comunicação, pelo conhecimento de novas terras, dos novos povos, das novas culturas.

A exaltação da razão humana pela sua capacidade de pensar e agir acaba por inspirar os homens daquela época e conduzindo a duas outras idéias essenciais para o surgimento das utopias: “a de que os homens valem por si mesmos, independentemente dos privilégios de nascimento e de sangue”²⁹, abrindo um leque de possibilidades de ação, e “a de que é possível organizar um Estado sereno, feliz, glorioso e perfeito, fundado na equidade e dirigido por um verdadeiro príncipe”. Surge aí o embrião das utopias urbanas no Renascimento.

Obviamente que todas essas idéias voltadas à cultura e às artes não atingiam a sociedade como um todo, ou melhor:

“(…) la utopía clásica iba dirigida necesariamente a un público conspicuamente reducido, y su corolario arquitectónico, la ciudad ideal – nada menos que un emblema de bien universal y final - , debe imaginarse como un instrumento de educación dirigido a una clientela igualmente limitada.”³⁰

A utopia clássica seguia na linha de uma nova disciplina, a teoria da arte, que tinha como fundamentos básicos não somente a revelação da “aparência dos objetos, mas reduzia as múltiplas imagens de tais objetos a uma forma idealizada”.³¹



Figura 2: Cidade ideal, Piero della Francesca, século XV

29 CHAUI, Marilena. *Notas sobre Utopia*. Cienc. Cult. [online]. 2008, v. 60, n. spe1 [cited 2009-01-17], pp. 7-12.

30 ROWE, Colin & KOETTER, Fred. *Ciudad Collage*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1982, p19.

31 SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p68.

Forma essa demonstrada com grande força nos traços da arquitetura que eram expressos nas formulações das cidades ideais. Traços que indicavam o predomínio da



Figura 3: Santo Agostinho e “La Cité de Dieu”, 1473

forma geométrica, dos ideais de proporção, da regularidade, da ordenação formal, da centralidade - o homem como centro da composição.

Revisitando novamente a antiguidade clássica, muitos desses princípios eram encontrados de alguma maneira nos textos descritivos de Platão e Santo Agostinho³².

Partindo-se deste contexto, destas releituras, desta nova forma de expressão, Thomas Morus inaugura uma nova narrativa.

Morus foi um dos grandes humanistas do Renascimento. Canonizado como santo pela Igreja Católica em meados do século passado, o escritor de “A Utopia”, nasceu em Londres a 07 de fevereiro de 1478, foi diplomata, advogado e ocupou diversos cargos públicos, dentre eles o de chanceler de Henrique VIII, da Inglaterra. Diferentemente de sua posição como libertário aparente em seus textos, tinha como princípio a defesa da rígida autoridade religiosa. A manutenção dessa defesa fez com que Morus se desentendesse com Henrique VIII quando o soberano desejou divorciar-se de sua primeira esposa para casar-se com Ana Boleana. O papa Clemente VII negou o pedido e Henrique VIII rompeu com a Igreja católica e fundou a Igreja inglesa ou

32 Também Santo Agostinho foi influenciado por Platão. Nasceu no norte da África colonizada por Roma, mais de sete séculos depois do filósofo ateniense. Foi importante na disseminação do pensamento grego junto à tradição cristã e posteriormente à tradição intelectual. Uma de suas principais obras, a Civitas Dei, a “Cidade de Deus”, descreve a divisão do mundo em duas grandes partes: o mundo terreno, dos homens e o mundo espiritual, dos céus. Lá estão presentes os grandes temas humanos: o bem contra o mal, a morte, as leis, o tempo e o espaço, a cidade, a comunidade humana.

anglicana. Morus renunciou ao cargo. Em 1535 foi chamado a realizar seu juramento e, diante de sua recusa, foi aprisionado na Torre de Londres. No mesmo ano foi acusado de traição, julgado, condenado e decapitado.

O período da Grã-Bretanha no qual viveu Thomas Morus foi tumultuado por lutas religiosas - Reforma protestante e Contra-Reforma e por lutas políticas – a vertente republicana e a vertente monarquista. Essas crises estavam presentes no texto de Morus, literalmente na primeira parte e como respostas a elas na segunda.

O texto descritivo-narrativo de Morus tem como enredo principal o retorno de Rafael Hitlodeu (um português que acompanhou Américo Vespúcio por viagens marítimas) de uma terra desconhecida, uma ilha distante, uma sociedade perfeita de homens vivendo em harmonia. Quando desse regresso, anuncia e detalha todas as principais características do lugar. O narrador opta por falar na primeira pessoa do singular na maior parte do tempo. Conforme o texto sobre utopia, escrito por Bronislaw Baczko, “na estrutura da narrativa, o espaço-tempo requerido por essa longa viagem assume uma dupla função: (...) o viajante vai descobrir estar espacialmente isolado da sua terra natal e, por conseguinte, do universo cultural e social dos leitores.”³³



“Thomas More inventa uma sociedade ideal, na qual reinam a liberdade e a igualdade, a paz e a ordem, a justiça e a lei. (...) (Possível) pela supressão da causa da desigualdade, isto é, a propriedade privada da terra com seus privilégios; e pela supressão das facções e dos conflitos, isto é, o Estado como instância separada da sociedade e as igrejas, portadoras da intolerância religiosa. Em *Utopia*, vigora a democracia direta, fundada na vontade coletiva guiada por homens virtuosos, e reina a tolerância religiosa.”³⁴

Figura 4: viagem à ilha de Utopia, gravura de Hans ET Ambrosius Holbein, 1516.

33 BACZKO, Bronislaw. *Utopia. Los Imaginários Sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991, p. 358.

34 CHAUI, Marilena. *Notas sobre Utopia*. Cienc. Cult. [online]. 2008, v. 60, n. spe1 [cited 2009-01-17], pp. 7-12.

O autor inventa não apenas uma cidade ideal, mas no próprio título de sua obra insere um neologismo, por ele criado. *Utopia*. Em grego:

tópos: significa lugar;

prefixo “u”: normalmente empregado com significado negativo;

Então “não-lugar”, “lugar nenhum”.

Da mesma forma e durante todo o texto, o autor joga com as palavras, utilizando-se principalmente do prefixo “a”, que também possui o sentido de negação.

Tal aspecto lúdico da obra também é citado por Baczko:

Hitlodeu: duas palavras gregas que significam “hábil no palavreado”;

A capital da ilha: *Amaroute* – Cidade-Miragem, Cidade-Obscura, impossível de ver;

O rio que atravessa a capital: *Anidro* – rio sem água;

O governador da cidade: *Ademo* – chefe sem povo;

População vizinha do país: *Acorianos* – povo sem lugar.

Partindo-se deste tipo de discurso, seria de imaginar que a idéia da negação, do não-lugar, da inexistência pudesse prevalecer. Porém, outro prefixo grego, “eu”, já utilizado por Aristóteles (referido como viver feliz ou bem viver), acabou por acrescentar-se ao sentido negativo, podendo aparecer também a “*eu-topia*” ou, “o melhor país”. Na verdade ambas as construções e ambos os sentidos estão presentes e denotam, simultaneamente, o lugar nenhum e o lugar feliz. “A utopia de Morus não é jamais pensada como uma certeza que virá, mas como um “possível colateral” à história; muito mais que uma esperança, é um desejo.”³⁵

O lugar perfeito e distante da realidade visitado e descrito por Hitlodeu, assim como contado pelo sacerdote de Platão, é uma ilha no algures da imaginação. O viajante descobre que o início do povoamento do lugar acontecera mil e duzentos anos antes, com o naufrágio de um navio por decorrência de uma tempestade, no qual alguns egípcios e romanos sobreviveram ao infortúnio. Esse lugar remotamente chamava-se Abraxa e ligava-se ao continente por uma estreita porção de terra. Foi num gesto real e metafórico, contudo, que o conquistador Utopus apoderou-se da

35 MACHADO, Andréa Soler. *Cidades Ideais Regressivas: Utopias do Paraíso Perdido*. II Curso de Especialização: Patrimônio Cultural em Centros Urbanos, UFRGS, 2006, p. 8.

terra, deu-lhe seu nome e mandou cortar o istmo. Abraxa tornou-se Utopia e a civilização que era grosseira e selvagem, pelas mãos de seu gestor, tornou-se superior a todos os outros povos em civilização.

Diferentemente de Atlântida, não houve em Utopia uma intervenção eloqüente sobre sua geografia.

“A ilha da Utopia tem duzentos mil passos em sua maior Largura, situada na parte média. Esta largura diminui gradual e sistematicamente do centro para as duas extremidades, de maneira que a ilha inteira se arredonda em um semicírculo de quinhentas milhas de arco, apresentando a forma de um crescente, cujos cornos estão afastados onde mil passos aproximadamente. (...) O mar enche esta imensa bacia; as terras adjacentes que se estendem em anfiteatro quebram o furor dos ventos, mantendo as águas calmas e pacificadas, e dando a esta grande massa líquida a aparência de um lago tranqüilo. Esta parte côncava da ilha é como um único e vasto porto acessível aos navios em todos os pontos.”³⁶

A ilha possuía grandes dimensões e abarcava cinquenta e quatro cidades. Todas elas possuíam a mesma configuração, o mesmo plano e eram planejadas para não crescerem. Cada uma delas era composta por seis mil famílias. Em comum também tinham sua linguagem, seus hábitos, suas instituições, suas leis, seus edifícios públicos e privados (estes somente modificados por alguma exigência específica local).

Assim como nos projetos de cidades do Renascimento, as plantas urbanas tinham a composição das suas malhas com forma ortogonal e a cidade inteira se dividia em quatro quarteirões iguais, localizando, em seu centro, o mercado com todos os produtos de necessidade básica.

Mesmo com certa rigidez formal, a natureza estava presente nas ruas, nos jardins intercalados com edifícios residenciais e nas praças, “convenientemente dispostas, seja para o transporte, seja para abrigar-se do vento. Os edifícios são construídos confortavelmente; brilham de elegância e de conforto e formam duas

36 MORUS, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Editora Escala, 2000, p. 74.

fileiras contíguas, acompanhado de longo as ruas, cuja largura é de vinte pés.”³⁷ Os principais edifícios, os palácios, estavam dispostos em cada rua em igual distância, distinguindo-se por nomes particulares.

Com relação às disputas bélicas com outros países, a ilha também se comportava de forma diferenciada: mesmo possuindo a configuração do terreno e um engenhoso sistema de defesa que a protegiam eficazmente contra possíveis invasões, não tinha o objetivo de conquistar novas terras nem se apoderar da riqueza alheia. O país buscava sempre através da diplomacia resolver suas questões contraditórias.

Assim como sua configuração física, o modelo de sociedade proposto para a cidade visava à distribuição igualitária dos bens, a ênfase no trabalho digno, o planejamento da produção econômica, o pluralismo religioso. Opunha-se à corrupção, à ociosidade, à injustiça. “O governo vela cuidadosamente pelo equilíbrio demográfico. Desse modo, a fim de assegurar a cada cidade o número ótimo de habitantes, os jovens são transferidos de uma cidade com população a mais para cidades menos prolíficas.”³⁸ Todo luxo e riqueza exacerbada eram rechaçados, até mesmo as autoridades não tinham distinção em classes econômicas mais abastadas. E por assim viverem, não havia necessidade de criação de muitas leis.

Figura 5: rei de Utopia – não se distingue dos outros cidadãos pelo uso do luxo. Gravura de “Utopia”, ed. XVII.



Mais do que a descrição de um território além-mar prodigioso, a sociedade ideal descrita por Thomas Morus e o período áureo da Atlântida de Platão tinham em comum a abrangência filosófica necessária para a abertura da reflexão sobre o urbano e o social.

María Nieves Alonso, em seu texto sobre “Utopia, Retórica e Esperança”, ao situar a narrativa do ponto de vista novelesco observa que “os habitantes da ilha não (são) mais que personagens planos, anulados pela imobilidade das estruturas vigentes na comunidade, e suas ações parecem obedecer ao único propósito de obter

37 MORUS, Thomas, op. Cit., p. 78.

38 BACZKO, Bronislaw, op. Cit., p. 339.

permanentemente o mesmo, dessa forma não se admite nada que possa transformar essa realidade.”³⁹

E por não transformar a realidade – neste ponto difere-se do texto de Platão no qual justamente a modificação do status da sociedade acabou por destruí-la – pouco há do passado da ilha, da sua história, ou grandes previsões de alterações futuras – o que existe é um presente perfeito e interminável. Das características utópicas da ilha, talvez seja a imobilidade social a de maior impossibilidade de existência.

Outra diferença essencial entre os textos de Morus e seu antecessor acontece na construção de uma nova idéia germinada no ambiente moderno do renascimento: a noção de espaço. E esse espaço é muito específico quando relacionado ao projeto das cidades ideais, já que se relaciona com a imagem da perfeição, com a geometria que utiliza as formas esféricas (consideradas perfeitas) em oposição ao quadrado da Antiguidade.

O autor da Utopia não apenas se apropria de tais formas e conceitos como ainda adiciona novos valores e significados ao adaptá-las a um ideal mais pitoresco, mais selvagem⁴⁰.



Figuras 6 e 7: cidade ideal Sforzinda, de Filarete e cidade ideal Utopia, de Tomas Morus

39 Livre tradução - ALONSO, María Nieves, BLUM, Andrea, CERDA, Kristov et al. Donde nadie ha estado todavía: Utopía, retórica, esperanza. Atenea (Concepc.). [online]. 2005, no.491, p.34.

40 As utopias do século XVI (Erasmus de Rotterdam, Elogio da Locura; Tomás Moro, Utopia) e outras obras literárias levaram à discussão da natureza humana como má por natureza ou boa por natureza, como pretendeu o Iluminismo (Locke e, sobretudo, Rousseau), que volta a descobrir exemplos de bons selvagens nas ilhas do Pacífico (tropicais e paradisíacas como as Antilhas, com indígenas nus de fácil trato e natureza pródiga).

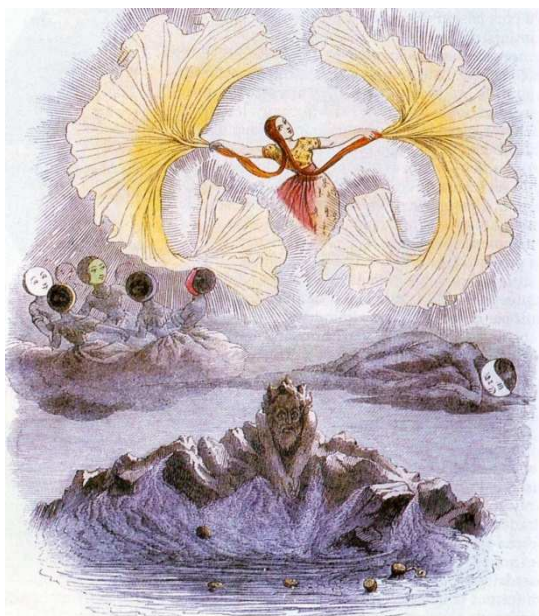
Falanstério de Fourier

“(...) Os modelos emblemáticos desse período (século XIX) foram elaborados por Charles Fourier e Robert Owen. O falanstério de Fourier era uma reinterpretação do monumental Palácio de Versalles, devolvido ao povo.”⁴¹

O deslocamento temporal agora é de aproximadamente trezentos anos, mas a viagem permanece seu curso na Europa: da Inglaterra à França.

Do texto ao projeto, do projeto à obra.

O século XIX presencia, além de todas as transformações sociais daquele período, as transformações da própria utopia, quando passa a ter uma abordagem mais direta com os problemas urbanos e quando intenciona e edifica soluções para as novas necessidades das cidades.



É neste momento que aparecem os “utopistas sociais”. Dentre eles, Charles Fourier (1772-1837) foi quem buscou resumir a idéia de cidade ideal em um único conjunto, o Falanstério: “uma cidade-edifício no meio do campo que simbolizava o futuro prometido dos saint-simonianos⁴², reformadores do cristianismo e fabricantes de utopias baseadas na aliança e troca de papéis, entre o progresso e o Reino de Deus, o

primeiro, sacralizado, e o segundo, socializado”.⁴³

Figura 1: “Le Système de Fourier”, caricatura De J.J. Grandville, em “Un Autre Monde”, séc. XIX.

41 SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p. 140.

42 Conde de Saint-Simon foi um filósofo e economista francês, um dos fundadores do socialismo moderno e teórico do socialismo utópico. Sua obra principal foi *New Christianity* (1825).

43 MACHADO, Andréa Soler. *A borda do rio – POA: arquiteturas imaginárias como suporte para a construção de um passado*. Tese de Doutorado. UFRGS, 2003, p.76.

A partir da consolidação da indústria na Europa do século XIX, do ritmo acelerado do desenvolvimento e do grande aumento da população, existiu a constatação de que tais fatores não eram acompanhados por formas de planejamento de crescimento das cidades, e elas acabavam por não conseguir acomodar dignamente seus novos operários.

Analisando tal situação e se opondo a ela, diferentes pensadores perceberam que esse poderia se tornar um período propício para se estabelecerem alternativas de organização física e social. Ainda munidos das idéias do pensamento iluminista, mas procurando uma nova saída pela via do racionalismo, tais pensadores não se opunham radicalmente ao capitalismo e sim buscavam meios de, em meio a ele, instalar novos conceitos de sociedade.

É nesse momento que o discurso utópico, diferentemente de todas as produções anteriores, procura diminuir a distância entre a cidade imaginada e a cidade real.

“Quando passamos ao século XIX, a utopia deixa de ser um jogo intelectual para tornar-se um projeto político, no qual o possível está inscrito na história. Esta deixa de ser a narrativa de grandes feitos e de acontecimentos contingentes para ser concebida como ciência do encadeamento causal necessário dos fatos e das instituições humanas.”⁴⁴

Reconhecidos com os ideais de tendência socialista, Robert Owen, Saint-Simon e Charles Fourier, como escreve Baczkó, são considerados utopistas, mesmo que nunca tenham escrito textos narrativos de viagens imaginárias a terras distantes e nem propuseram sonhos de governos e modelos de legislações.

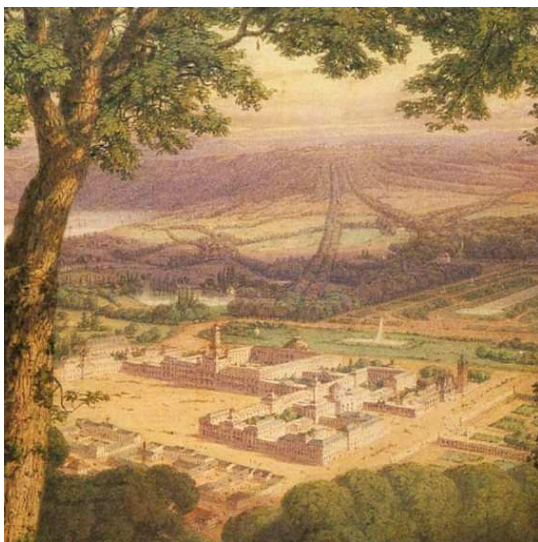
A sociedade ideal que propunham era organizada de tal forma que as classes sociais pudessem viver em harmonia e tivessem interesses comuns acima da exploração ou da busca incessante pelo lucro. “Subjacente a esses modelos utópicos, havia a promessa de progresso, de um futuro melhor, no qual a produção industrial pudesse suprir as demandas de consumo e a higiene pudesse erradicar as doenças urbanas”.⁴⁵

44 CHAUI, Marilena. *Notas sobre Utopia*. Cienc. Cult. [online]. 2008, v. 60, n. spe1, p. 11.

45 SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p. 139.

Para estes pensadores, a cidade era imaginada em termos de modelo, e, “ao invés de ser pensada como processo ou problema, é sempre colocada como uma coisa, um objeto reprodutível”.⁴⁶

Owen, Saint-Simon e Fourier foram identificados por Marx e Engels como “socialistas utópicos”, e por eles – os “socialistas científicos” – criticados. Para estes, um dos argumentos principais era que a utopia encontrava-se em um estágio inferior ao da ciência, funcionava como um pressentimento, uma antecipação de saberes. Na visão de Marx e Engels o estágio mais avançado da ciência da história seria então encontrado a partir da evolução das idéias utópicas e revelado na maturação delas em seus textos^{47 48}.



Dos modelos de cidades propostas pelos socialistas, normalmente formatados como pequenas comunidades auto-sustentáveis e sem propriedade privada, destaca-se a cidade configurada por um grande e único edifício público circunscrito por um novo conceito de implantação, o

Figura 2: Vista do falanstério, aquarela anônima do século XIX, Musée Du Temps, Besançon

46 CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 14.

47 “Para Marx e Engels o socialismo científico é a passagem do afetivo ao racional, do parcial ao totalizante, da antecipação ou pressentimento à emancipação revolucionária. (...) O socialismo utópico ergue-se contra o sofrimento dos humilhados e oprimidos, mas o socialismo científico é o conhecimento das causas materiais (econômicas e sociais) da humilhação e da opressão, ou seja, o modo de produção capitalista, fundado na luta de classes, que é determinada pela propriedade privada dos meios sociais de produção – a revolução socialista será, por isso mesmo, a passagem à propriedade social dos meios sociais de produção, passagem que será a ação política da classe economicamente explorada, por sua organização, conhecer-se a si mesma como classe.” Citação: CHAUI, Marilena. Notas sobre Utopia. Cienc. Cult. [online]. 2008, v. 60, n. spe1, p. 11.

“A teoria marxista é vista por muitos como uma utopia. No entanto, o próprio Marx não se vê como autor de uma utopia. Seus escritos confirmam que não há em sua obra nenhuma suposição de como a cidade deve ser, se comportar ou viver, como se supõe que seja previsto num trabalho utópico.”

Citação: PESSOA, Denise Falcão. *Utopia e cidades: proposições*. São Paulo: Annablume Editora /Fapesp, 2006, p. 40.

48 “É notório (...) perceber que o socialismo tanto como palavra, como concepção teórica ou como ação, teve seu surgimento relacionado à trilogia dos escritos de Saint-Simon, Fourier e Owen. A estes, correta e justamente, caberia bem mais a atribuição de fundadores do socialismo do que a alcunha ou estigma de socialistas utópicos.” Citação de: GÜTLER, Antonio Carlos. A Colonização do Saí (1842-1844): esperança de falanstorianos, expectativa de um governo. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994, p. 33.

Falanstério (1829) de Charles Fourier.

O autor, utilizando-se de Versalles como protótipo para o futuro proletário e inspirado pelo modelo de sociedade proposto por Felipe da Macedônia, a “falange”⁴⁹, criou uma cidade que contrastava com a tradicional: “*Falanstério*, um dos muitos neologismos criados por Fourier, aglutina os termos *falange* e *monastério*. Trata-se da célula inicial que se proliferaria e possibilitaria, de maneira gradativa, o processo de substituição da *economia de lucro* para a *economia do desejo*.”⁵⁰

O objetivo foi elaborar um complexo sistema de organização social capaz de avançar no interior das cidades européias, reestruturando-as a partir de dentro.

Essa organização social seria controlada através de três principais fatores: definições compositivas (a forma de seu traçado urbano e suas tipologias arquitetônicas); reabilitação da sociedade (com propostas de modelos baseados na análise científica das necessidades do indivíduo típico) e auto-suficiência do conjunto (disposição de terras que seriam cultivadas e a produção trocada entre si, onde cada pessoa seria livre para escolher seu trabalho e sua produção serviria para o bem comum).

Os falanstérios deveriam localizar-se preferencialmente em áreas rurais. Os camponeses poderiam escolher entre morar em suas casas ou no prédio principal do falanstério, que também poderia ser chamado de “palácio do povo”. Porém, como enfatiza Françoise Choay, para o autor dos falanstérios o futuro urbano será o da “cidade-campo, resultado da supressão da diferença entre a cidade e o campo”⁵¹.

A cidade por ele planejada seria composta por um número de habitantes de até 3.000, formada por uma população heterogênea (todas as etnias, classes, sexos e idades) e que estivesse disposta a viver em uma comunidade harmônica, a trabalhar para seu sustento e para a manutenção do conjunto.

“Para Fourier, o elemento da sociedade é a comuna”⁵². O estado da comuna num país dá a conhecer a natureza da sociedade à

49 Felipe da Macedônia organizou seus soldados em forma de falange que eram unidades de batalha que poderiam rapidamente se infiltrar nos campos inimigos.

50 GÜTTLER, Antonio Carlos. Op. Cit. p. 44.

51 CHOAY, Françoise. *O urbanismo: Utopias e Realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 16.

52 “comuna”: na França, a menor subdivisão administrativa do território

qual esse país pertence. Assim, para fazer a França passar do estado ‘civilizado’ ao ‘societário’, seria preciso transformar em comunas societárias – ou ‘falanstérios’ – as 40 mil comunas civilizadas existentes.”⁵³

As funções dos espaços definiam sua localização a partir de três círculos concêntricos: o primeiro círculo contém a cidade central, o segundo as grandes fábricas e as cercanias e o terceiro contém as avenidas e o subúrbio. Cada anel é dividido do outro por paladiças, relvas e plantações e não devem cobrir a visão do próximo.

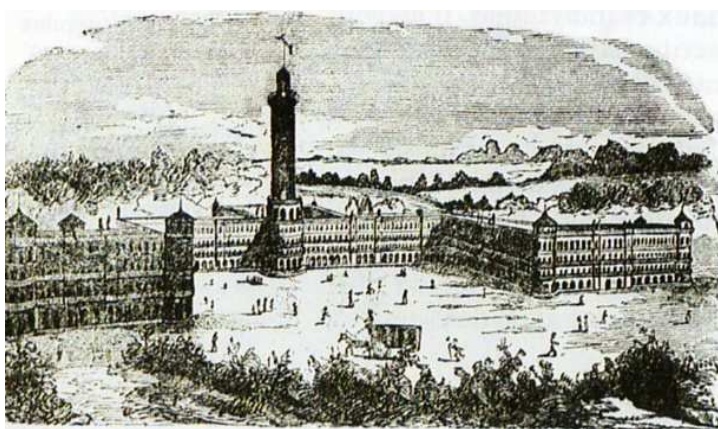


Figura 3: Organização do trabalho a partir da fundação de uma comunidade modelo, depois da teoria de Charles Fourier, 1845.

Partindo-se do centro, a edificação principal teria como função abrigar os operários e trabalhadores, as salas para reuniões de todos os tipos, os ateliers, as creches, os dormitórios das crianças, o refeitório e as cozinhas coletivas.

Fourier inspirou-se nas galerias do Palais Royal (localizado em frente ao Louvre) para compor as circulações pelo edifício: galerias fechadas com vidro, aquecidas durante o inverno e refrescadas durante o verão.

Outra característica preconizada por Fourier é a diferenciação estética entre as diversas edificações. A edificação principal teria suas setorizações e linguagem propícias para um prédio que cumpre as funções às quais seria destinado. Já as demais edificações, as residências em sua maioria, teriam seus méritos justamente por diferenciarem-se, por estarem adaptadas e estetizadas conforme o gosto de seus moradores. Segundo o autor, o que garantiria as questões de salubridade e higiene - e era premissa fundamental para a execução das residências - eram as medidas de

⁵³ CHOAY, Françoise, op. Cit., p. 71. Citando os editores na Introdução da obra de Charles Fourier, *Modificatios à introduire dans l'architecture des villes*, Paris, 1849.

afastamentos e alturas das edificações entre si. Fourier criou um cálculo para estas distâncias que relacionava a posição urbana em que se localizava – primeiro, segundo ou terceiro anel – os ângulos de inclinação do telhado e a proporção das larguras das vias em função das alturas das construções. Porém, mesmo com as possibilidades de se edificarem residências individuais, havia uma preferência pelas coletivas, dadas as questões relativas aos custos de construção e manutenção, principalmente pelos recuos e isolamentos obrigatórios das edificações de menor porte.

Do projeto até a aplicação na prática, várias foram as tentativas de implantação do modelo em diversos outros lugares do mundo. A primeira intervenção foi feita em 1859 em Guisa (França) pelo industrial Jean-Baptiste Godin, a qual foi transformada em uma cooperativa gerenciada pelos trabalhadores.

A partir daí, várias foram as tentativas de implantarem falanstérios como uma alternativa de criação de novas comunidades auto-sustentáveis: na Bélgica, nos Estados Unidos, no sul do Brasil (próxima a São Francisco do Sul, a comunidade chamada “Falanstério do Saí”⁵⁴). Todas estas tentativas enfrentaram problemas e tiveram curta duração. Porém essas idéias revolucionárias foram algumas das bases dos princípios do pensamento socialista e propulsoras de atitudes práticas em diversos países da Europa, da América e da África.

Os Falanstérios de Fourier, assim como o ‘Familstério’ de Godin, a colônia ‘New Harmony’ de Orwel e outros sistemas utópicos, mesmo que ainda investidos de vários conceitos baseados nas idéias de Platão – centralização, hierarquização, limites rígidos de composição e conduta – acabaram por influenciar vários outros pensadores e arquitetos nos dois séculos seguintes. Foram inspiradas em tais idéias que as cidades-jardins modernas foram projetadas.

54 “A nova ordem foi apresentada ao Brasil em 1840 pelo Dr. Benoit Jules Mure, um médico homeopata, que adaptou as concepções fourieristas a um projeto colonizador. Em sua proposta, ofereceu mão-de-obra especializada abundante e equipamentos produtivos inexistentes no Brasil. A oferta obteve um forte apoio de um importante jornal da Corte e logo ganhou simpatias do Governo Imperial no decorrer do ano de 1841. Bem divulgado, discutido e polemizado, o projeto de Mure conseguiu a aprovação de um financiamento de Poder Legislativo e a celebração de um contrato do Poder Executivo no mesmo ano. Em 1842, a colônia francesa implantou-se na Península do Saí em Santa Catarina e até 1844, mobilizou aproximadamente quinhentos imigrantes. Contudo, a experiência transcorreu em meio a comprometedores problemas e frustraram a grande expectativa do Governo Imperial que acreditava estar recebendo uma inovadora colonização de base industrial. A maior decepção no entanto, provavelmente pairou sobre os franceses esperançosos na experiência que, ao seu ver, marcaria o início da transformação em busca da Harmonia.” Citação de: GÜTTLER, Antonio Carlos. Op. Cit. p. 10.

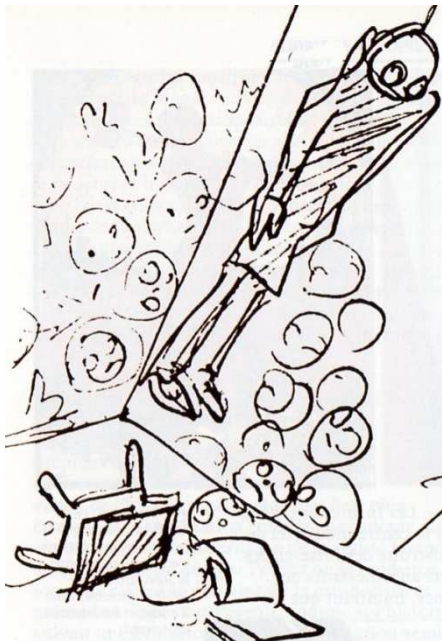
Cidade Moderna de Le Corbusier

“Sin duda, la arquitectura moderna debe ser vigorosamente interpretada como un evangelio, literalmente, como un mensaje de buena nueva; de ahí su impacto.”⁵⁵

Chegamos ao século XX. O pensamento utópico amplia-se da Europa para os outros continentes. Estamos no auge do movimento moderno.

A Industrialização e o capitalismo da primeira metade do século XX continuam sendo os fatores determinantes para a modificação e crescimento vertiginoso das cidades. Sem a noção mais ampla da situação daquele momento e nem a certeza do direcionamento das cidades em relação ao futuro, os arquitetos passam a vislumbrar outras possibilidades.

O sistema econômico vigente impulsionava a produção em massa incessante e a permanente inovação do consumo, da tecnologia, das artes. Era necessário inventar-



se sempre, pensar à frente, romper com idéias anteriores, estabelecer novos paradigmas. Era necessário sobrepôr o progresso à tradição.

“Para os arquitetos, a antiga ordem estava superada, e somente a total redefinição do conceito de cidade impulsionaria profundas transformações, capazes de promover um maior estágio de civilidade. Em vez de melhorias graduais, era inevitável uma reestruturação radical, uma revolução urbana, para solucionar a crise da urbanidade e suas distorções socioeconômicas.”⁵⁶

Figura 1: Serguei Einsenstein, *La Maison de Verre*, 1926, desenhado para um filme jamais realizado

⁵⁵ ROWE, Colin & KOETTER, Fred. *Ciudad Collage*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1982, p.17.

⁵⁶ SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p. 159.

Filósofos como Platão, pensadores como Tomas Morus e Fourier e arquitetos como Hipódamo de Mileto⁵⁷ e Alberti⁵⁸ foram importantes idealizadores do mundo ocidental. Através de seus escritos ou desenhos visavam conceber novas maneiras de viver em suas utopias urbanas, sempre focados nas relações entre o passado perdido e as impossibilidades de um futuro distante. Destes autores, foi Tomas Morus, no início da era moderna, quem propôs, através do duplo paradigma literário e urbano, o surgimento da utopia enquanto proposta alternativa ao mundo real e concreto, uma nova possibilidade de reforma espacial urbana.

“No século XX, entretanto, surgiu um ineditismo: ao invés de buscarem inspiração no passado, os arquitetos tentavam prognosticar o futuro e planejar a cidade do presente.”⁵⁹ “Neste contexto, o paradigma utópico veicula a idéia de criação de um ser humano novo, representando uma espécie de sublimação dos fracassos e potencialidades, reais ou presumidas, da civilização tecnológica,”⁶⁰ e configura-se como “uma nova representação que procura estabelecer uma coerência entre a crítica que problematiza o real e o leque de idealizações gerado a partir da mesma”⁶¹.

Esse rompimento com o passado se expressava também nas formas de manifestação estética e conceitual de todas as artes. O período foi designado “Modernismo” e, mesmo que convergentes em vários momentos, a literatura, a arquitetura, a pintura, o design, a música e a escultura, em geral se diferenciavam e até mesmo se antagonizavam.

57 Hipódamo de Mileto foi um arquiteto grego que viveu 500 anos a.C. e o primeiro a conceber um planejamento urbano e a estruturar uma cidade a partir de um ponto de vista que privilegiava a funcionalidade.

58 Leon Battista Alberti viveu na renascença italiana, foi humanista, pintor, escultor músico e arquiteto. Seu principal trabalho teórico foi «De re aedificatoria libri decem» ou Dez Livros sobre Arquitetura, o primeiro grande **tratado** de arquitetura da era moderna.

59 SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p. 159.

60 BOIA, Lucien. *Pour une Histoire de l'imaginaire*. Paris: Les Belles lettres, 1998, p. 23. Citado em: MACHADO, Andréa Soler. *A borda do rio – POA: arquiteturas imaginárias como suporte para a construção de um passado*. Tese de Doutorado. UFRGS, 2003.

61 MACHADO, Andréa Soler. *Cidades Ideais Regressivas: Utopias do Paraíso Perdido*. II Curso de Especialização: Patrimônio Cultural em Centros Urbanos, UFRGS, 2006, p. 18.



Figura 2: Segundo Benévolo ¹: “os pintores independentes retiraram de igual modo sua aceitação da realidade externa, e começam a desmontar pacientemente o espetáculo do mundo cotidiano”. 1. Van Gogh explora a estrutura oculta das aparências visíveis; 2. Picasso e 3. Matisse “decompõe definitivamente a imagem de uma realidade dada, e põe fim à tarefa secular da pintura, de estabelecer uma regra constante para conhecer e interpretar o mundo exterior.



“As transformações culturais, sociais e econômicas do princípio do século XX, criaram as condições para que a vanguarda européia dos anos 1920 declarasse guerra ao passado e concebesse uma nova arquitetura, através da qual seria possível construir um mundo novo e perfeito como a máquina, essencial e puro como a própria natureza. Natureza e máquina eram as referências, arquitetura e máquina, máquina e universo, máquina e homem, as metáforas.” ⁶²

Figura 3: Walter Determann, plano de situação para uma cidade da Bauhaus para Buchart, 1920

Também na arquitetura, no urbanismo e nas utopias urbanas modernistas havia muitos aspectos divergentes entre as diversas propostas: oscilação entre sugestões de adensamento e dispersão, entre a verticalização e a horizontalização, entre composição centralizada e linear.

Em comum havia a defesa da descontinuidade histórica projetual. O passado e o presente demonstravam a pouca validade das idéias antigas aplicadas no contexto daquele momento. A busca ia ao encontro da eliminação das condições precárias de habitação, da aproximação das classes segregadas, da análise clara das necessidades e

⁶² MAHFUZ, Andrea S.M. *Dois Palácios e uma Praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996, p. 56.

funções de cada espaço, da apropriação da tecnologia pela construção, da reforma da estética arquitetural.

Outras similitudes de idéias do modernismo estavam relacionadas à forma arquitetônica como derivada da estrutura, da função e dos problemas relativos à construção. Tais funções e formas seriam análogas à “máquina, com os perfeitos produtos que a construção ou a indústria obtinham através dela e seria representada pela estrutura em esqueleto”⁶³ ⁶⁴.

Essas novas possibilidades estruturais facilitaram novas configurações estéticas. Dentre as diversas proposições aceitas e difundidas por muitos arquitetos, a construção em altura foi uma das novas representações do espaço, porém de forma vertical: a torre. Ela se tornou o símbolo do progresso capitalista e, rapidamente, preponderante na paisagem urbana.



“A cidade vista das torres era uma composição abstrata que subvertia o espaço tradicional e, portanto, o olhar tradicional. A enorme distância entre o observador e o solo urbano anulava, paradoxalmente, as alturas dos próprios edifícios. A cidade como panorama estava perdendo a terceira dimensão, a profundidade, para tornar-se uma superfície plana, recortada geometricamente, na qual as identidades do espaço urbano e de seus monumentos se desfaziam.”⁶⁵

Figura 4: Torres de apartamentos na Lake Shore Drive, Chicago, EUA. Mies van der Rohe, 1948-51

São nessas cidades de torres, de formas em decorrência das funções, de presente, mas fundamentalmente

63 A estrutura em esqueleto foi a base da aplicação do concreto armado para a construção civil. Le Corbusier esquematizou esta estrutura como *dom-inó*: lajes apoiadas sobre colunas – “As colunas de apoio, em geral dispostas sobre uma grelha geométrica que pode adquirir configurações variadas, devem, em dom-inó, ser elementos livres no espaço, à maneira de uma linha, sem vínculos explícitos com os planos contínuos do teto ou do solo. Desta forma, não promove a expressão do vão estrutural, mas sim uma espécie de interrupção ou contraponto à horizontalidade do espaço.” - MAHFUZ, Andrea S.M. Op. Cit. p. 56.

Não foi Le Corbusier o primeiro a utilizar – em 1904 Auguste Perret já havia construído em Paris um edifício de apartamentos com esta estrutura e este material – mas foi, sem sombra de dúvidas, seu maior divulgador.

64 MAHFUZ, Andrea S.M. idem, ibidem.

65 SCHULZ, Sonia Hilf. Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p. 167.

de futuro que são pensados, idealizados e projetados os novos perfis das aglomerações urbanas.

Elas seriam projetadas pelo urbanista⁶⁶, profissional que, segundo Choay, “quer resolver um problema (o planejamento da cidade maquinista) que foi colocado bem antes de sua criação, a partir das primeiras décadas do século XIX, quando a sociedade industrial começava a tomar consciência de si e a questionar suas realizações.”⁶⁷

Nesse contexto, dois arquitetos destacam-se na organização e difusão de idéias primárias que seriam utilizadas em diversos projetos de seus contemporâneos: Ebenezer Haward – que sugere a criação da terceira via entre cidade e campo, a ‘cidade jardim’ – e Ludwing Hilberseimer – que “propõe uma nova ordem social através da zonificação das atividades e estrutura-se sobre uma grelha geométrica que hierarquiza a circulação”⁶⁸.

Simultaneamente aos projetos urbanos (e muitas vezes se antecipando a eles), os conceitos filosóficos e os imaginários das cidades ideais são prescritos e continuam, desde o início da era moderna, a elucidar e propor outras soluções, não exatamente tão concretas quanto às dos planos urbanos, mas tão importantes quanto eles.

Teoria e prática nunca estiveram tão presentes e conectadas como no período moderno. Suas idéias, iniciadas por Haward e Hilberseimer, foram brilhantemente sintetizadas por Le Corbusier.

Charles Édouard Jeanneret (Le Corbusier) nasceu em 1887, na cidade suíça e industrial de La Chaux-des-Fonds (cidade que havia sido reconstruída com traçado extremamente racional).

Durante toda sua vida profissional, pode exercitar os diversos papéis possíveis do arquiteto: projetou e executou dezenas de obras públicas e privadas; seus estudos e reflexões geraram diversos artigos, revistas e livros; foi urbanista e pintor.

No campo do estudo das cidades, apenas dois planos foram realizados: a cidade-jardim de Pessac (perto de Bordeaux) e o plano base de Chandigarh, capital do

66 O termo “urbanismo”, segundo G. Bardet e citado do livro de Françoise Choay (O Urbanismo), parece ter aparecido pela primeira vez em 1910 e ensinado na Escola de Belas Artes de Paris a partir de 1954.

67 CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 03.

68 MACHADO, Andréa Soler. *A borda do rio – POA: arquiteturas imaginárias como suporte para a construção de um passado*. Tese de Doutorado. UFRGS, 2003, p. 80.

Punjab. Já seus planos conceituais, proposições para novas cidades e inserções em cidades existentes foram numerosos.⁶⁹

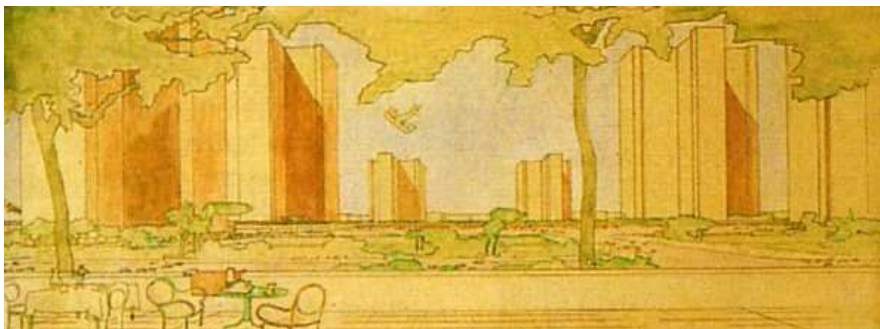


Figura 5: Le Corbusier, Cidade de três milhões de habitantes, os terraços, 1922.

Cronologicamente, o primeiro é o plano para uma cidade de três milhões de habitantes, de 1922, a ***Ville Contemporaine***.

Para tal projeto o arquiteto define suas proposições:

“Procedendo à maneira do prático em seu laboratório, fugi dos casos específicos: afastei todos os acidentes; concedi-me um terreno ideal. O objetivo não era vencer estados de coisas preexistentes, e sim *conseguir, ao*

69 As pesquisas arquitetônicas, feitas durante mais de cinquenta anos, tiveram em comum, além das especificidades já elencadas, outras relacionadas ao projeto urbano:

1. Análise das funções que se desenvolvem na cidade moderna e propostas: habitar (a parte mais importante da cidade, inseparável dos serviços que são complementares), trabalhar (separação das atividades produtivas: agricultura, indústria e comércio), cultivar o corpo e o espírito (modificar a lógica de ilhas verdes separadas na cidade burguesa por espaços livres, apropriados e verdes por toda a cidade) e circular (substituição da rua-corredor composta por passeio para pedestres e asfalto para todos os tipos de veículos por um sistema de percursos separados para os pedestres, as bicicletas, os veículos lentos e os veículos velozes).

2. Definição dos mínimos elementos para cada uma das funções urbanas: o estudo partiu inicialmente da habitação, da morada para a reorganização da cidade segundo as necessidades dos habitantes e analisa a estrutura interna, as relações entre as partes, as principais variações de distribuição e estabelece as regras de agrupamento das unidades geradas.

3. Busca dos modelos de agrupamento entre os elementos funcionais: Dada a célula básica, são ampliadas as suas relações de composição na escala do bairro, definidas as unidades de habitação coletiva e individualizados os outros elementos funcionais.

Essa metodologia foi utilizada pelos os principais mestres da arquitetura moderna, Walter Gropius (1883-1969, foi fundador e diretor da Escola Bauhaus. Seu primeiro e grande projeto foi a Fábrica Fagus, edificada com estrutura metálica, fechamentos em vidro, volumetria pura), Mies Van der Rohe (1886-1969, foi arquiteto alemão naturalizado nos Estados Unidos. Também foi professor da Bauhaus e um dos formadores do que ficou conhecido por Estilo Internacional. Deixou a marca de uma arquitetura que prima pela clareza e aparente simplicidade pela sua forma e pelo uso de materiais representativos da era industrial, como o aço e o vidro) e Le Corbusier na prática da construção do urbanismo.

construir um edifício teórico rigoroso, formular princípios fundamentais de urbanismo moderno.” ⁷⁰

Essa cidade foi projetada para ser “um centro de administração e controle com cidades-jardins para os trabalhadores, situadas junto com a indústria, para além da “zona de segurança” do cinturão verde que envolvia a cidade.” ⁷¹

Neste projeto, o arquiteto adota um sistema concêntrico com vinte e quatro edifícios dispostos no entorno do cruzamento de eixos; diferencia os setores da cidade pela separação de usos, pelas altas densidades; aplica o conceito de grandes áreas verdes livres e a distinção das vias para pedestres e veículos. No encontro dos eixos principais, uma recorrência de seus projetos: um terminal intermodal de transportes com diversos níveis de circulação, conectando ferrovias, rodovias e aeroporto.

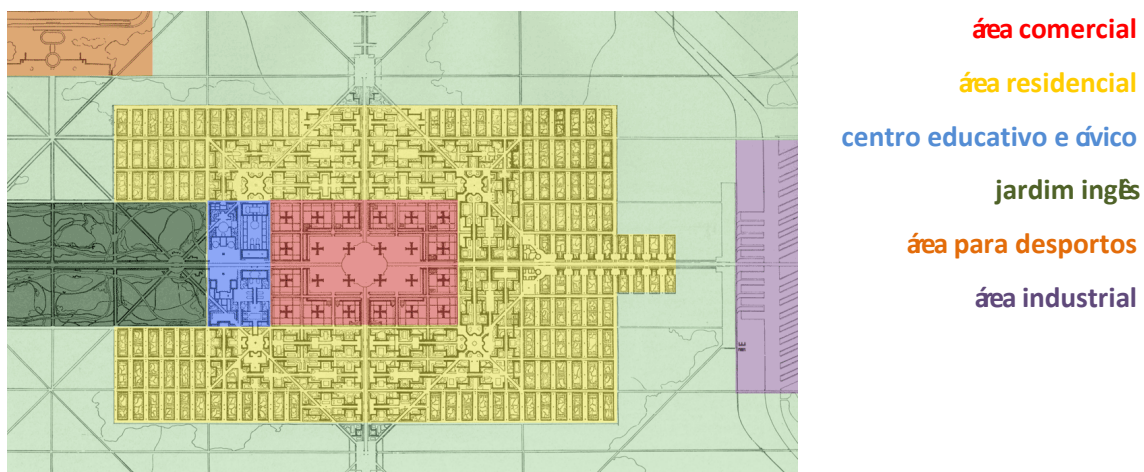


Figura 6: Planta geral da *Ville Contemporaine*

O resultado do espaço urbano era gerado por linhas que delimitavam as diversas funções. A geometrização regular e a centralização acabavam por tornar a composição homogênea, rígida, ordenada e altamente controladora.

Com os estudos aprofundados sobre a situação urbana daquele momento e o esquema formal e funcional já aplicado no projeto da sua cidade ideal, formula seus “quatro postulados brutais, concisos, que respondem com exatidão aos perigos

70 LE CORBUSIER. *Urbanismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 2ª. Edição, p. 156.

71 FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 185.

ameaçadores”⁷²: descongestionar o centro da cidade; aumentar a densidade do centro; aumentar os meios de circulação e aumentar as superfícies arborizadas.

Três anos depois da *Ville Contemporaine*, Le Corbusier aplica os mesmos preceitos num projeto para Paris.

O **Plan Voisin** pretendia descongestionar o centro da cidade, aumentar a densidade, melhorar o sistema de transporte e liberar espaço para inserção de parques. Para isso, propunha a demolição de um distrito medieval de Paris (o Marais) para a construção de dezoito torres de cento e oitenta metros de altura, separadas por um grande parque. A eliminação de quadras inteiras era comparada a uma cirurgia para extirpar uma doença maligna.



Figura 7: *Plan Voisin* para Paris – maquete física, 1925

Obviamente, o projeto foi violentamente criticado – e ainda é até hoje – mas Le Corbusier não receou em pronunciar-se pela tabula rasa e propor a destruição do centro histórico em benefício de uma nova cidade.

Obviamente, o projeto foi violentamente criticado – e ainda é até hoje – mas Le Corbusier não receou em pronunciar-se pela tabula rasa e propor a destruição do centro histórico em benefício de uma nova cidade.

Le Corbusier partiu em busca de novos ideais que refletiriam a mudança no espaço, tanto no âmbito conceitual – a apropriação social mais efetiva – quanto no formal – atenção da pequena à larga escala.

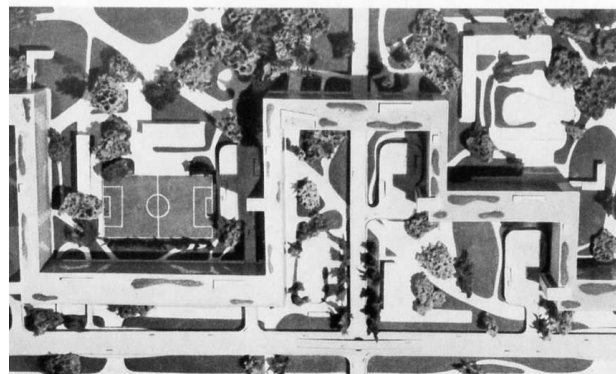


Figura 8: *Ville Radieuse* – estrutura de uma unidade-tipo de habitação, 1935

A **Ville Radieuse** condicionava seu funcionamento à cooperação de todos. Mantinha os preceitos anteriores de circulação livre e verde predominante, suas tipologias continuavam a ser os edifícios altos para administração e habitação. As diferenças fundamentais encontravam-se em três tópicos: a composição do seu traçado, não mais centralizador e sim linear; a opção por manter a continuidade dos

72 LE CORBUSIER. *Urbanismo*. Op.Cit., p. 156.

térreos, elevando o corpo dos edifícios sobre pilotis; e o ajuste à escala humana, principalmente nas unidades de habitação, “que não mais refletiam as desigualdades entre elite e classe trabalhadora existente nos espaços de produção.”⁷³ Foram as reflexões sobre os planos e conceitos contidos na *Ville Radieuse* e outras idéias a partir dela que posteriormente geraram, em 1943, um documento fundamental sobre urbanismo moderno: a *Carta de Atenas*⁷⁴.

Entre 1929 e 1962, Le Corbusier realizou oito viagens à América do Sul. Tais viagens foram de intensas trocas culturais e determinantes para a ampliação dos conceitos do Movimento Moderno, tanto para os países que receberam o arquiteto e suas idéias para as cidades daqui, quanto para ele próprio, que pôde vivenciar, aprender com a diversidade cultural que aqui encontrou e com o impacto produzido pela escala das novas paisagens.



Figura 9: Proposta para o Rio de Janeiro: um edifício sinuoso, que suportasse uma auto-estrada ao longo do território

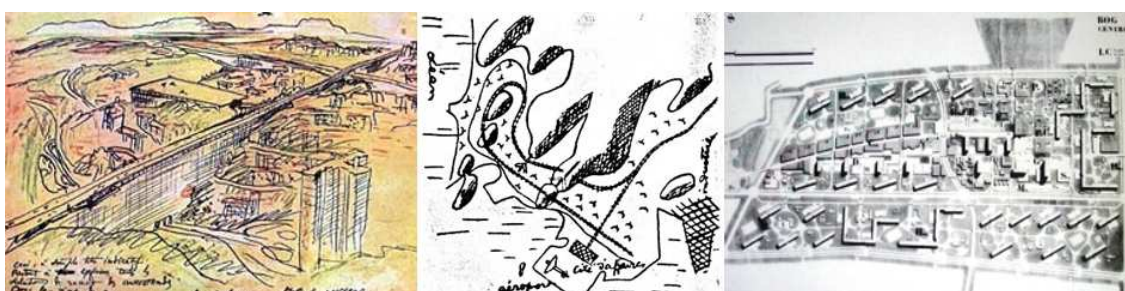


Figura 11: Propostas para as cidades de São Paulo, Buenos Aires e Bogotá

73 SCHULZ, Sonia Hilf. Utopias urbanas modernistas. In: Denise Pinheiro Machado. (Org.). Sobre urbanismo. 1 ed. Rio de Janeiro: Vianna & Mosley, 2007, v. 1, p. 23.

74 Realizou-se em 1933 o IV Congresso Internacional de Arquitetura – CIAM – e obteve como texto final, não apenas a redação de Le Corbusier como a consideração dos conceitos de muitos dos seus projetos. O texto é por ele novamente lido em 1941 e em 1943 é publicado o texto final intitulado com *Carta de Atenas*. Le Corbusier pretendia que a carta fosse instrumento fundamental de projeto e guia para as autoridades administrativas.

Na primeira passagem pelo Rio de Janeiro, Le Corbusier se surpreende com a paisagem exuberante. Mesmo que imbuído de suas idéias racionalistas e da força da ‘linha reta’, o arquiteto propõe um edifício sinuoso que pudesse suportar uma auto-estrada ao longo do território, a serpear entre o mar e as montanhas e que essa megaestrutura teria eternamente a paisagem da cidade diante de si, participando dela.

“Tentei a conquista da América movido por uma razão implacável e pela grande ternura que voto às coisas e às pessoas. Compreendi, entre esses irmãos apartados de nós pelo silêncio de um oceano, os escrúpulos, as dúvidas, as hesitações e os motivos que explicam a condição atual de suas manifestações. Confiei no amanhã. Sob uma luz como esta, a arquitetura há de nascer.”⁷⁵

Os demais esboços de projetos urbanos também tiveram o enfoque principal da conexão, da hierarquização das vias para a melhoria da circulação nas cidades de São Paulo, Buenos Aires, Montevideu e Bogotá. As idéias não passaram do papel à prática, mas contribuíram para a discussão das urbanidades nos grupos de arquitetos com os quais Le Corbusier trabalhou nas suas vindas para a América do Sul.

Assim como nesses projetos sul-americanos, a grande maioria dos de Le Corbusier foram apenas teóricos. Porém, ao analisarmos a força da disseminação de suas idéias pelo mundo, compreende-se a magnitude de seu trabalho.

Os preceitos da arquitetura moderna – muitos deles ainda vigentes hoje – são questionados principalmente pela maneira impositiva com que os projetos são aplicados nas cidades preexistentes. A pouca consideração com a história urbana e a pouca flexibilidade na adaptação dos planos aos contextos variados acaba por diminuir suas virtudes de organização do espaço.

Diferentemente dos contextos consolidados, as grandes áreas livres (principalmente as de países em desenvolvimento como os da América Latina, onde há muito por se fazer) se prestam para inserções de mega-estruturas – como as propostas de Le Corbusier para o Rio de Janeiro ou São Paulo – de parques ou áreas públicas

⁷⁵ Le Corbusier em seu livro *Précisions* citado por:
<http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha008.asp>

conectadas com edifícios de grande porte nas quais a grande escala está apropriada e um novo contexto pode ser conformado.

Além das questões formais e funcionais mais pragmáticas (mas nem por isso de fácil implementação) propostas para os planos das cidades modernas, outras eram abordadas nos campos sociais, ideológicos e de avanço científico: liberdade e igualdade na apropriação das áreas públicas e nos direitos sobre elas (diferentemente de Platão e coincidentemente com Morus); eleição de estruturas espaciais ideais que pudessem se expandir e perpetuar em outros espaços (genericamente como os falanstérios de Fourier) e a confiança e aposta no progresso tecnológico que poderia vir a aperfeiçoar as criações humanas (já antecipando os preceitos que seriam utilizados por jovens arquitetos, nas décadas posteriores).

Cities de Archigram

““ O que foi que construímos?” - explicava Cook - “um conjunto de atitudes, um conjunto de referências, uma ampliação de vocabulário da arquitetura não apenas no sentido formal, mas também no sentido do quê podia ser discutido por arquitetura.””⁷⁶

A viagem por algumas das utopias urbanas mundiais chega ao seu destino mais próximo de nossa época: década de 60 do século XX, de volta à Inglaterra. Depois do movimento moderno, com a intensa mobilidade internacional, o avanço veloz da tecnologia, a conquista do espaço e nas vitrolas o som dos Beatles, surge o grupo Archigram.

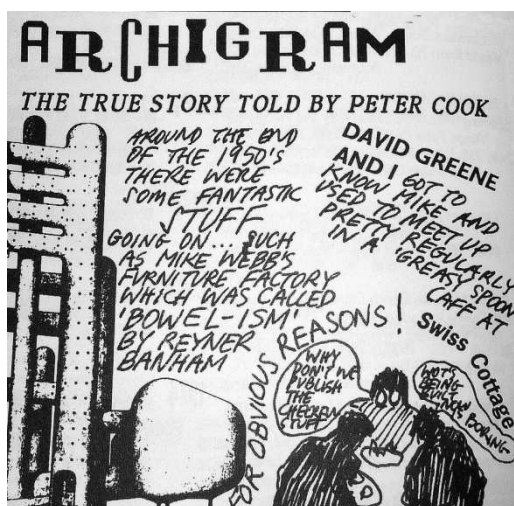


Figura 1: Trecho da tira “A verdadeira História de Archigram”

“Se a cidade ideal de Le Corbusier e a cidade real de metal e vidro foram alvos de ataques, proliferaram, na década de 1960, modelos alternativos, mas não menos utópicos e inexequíveis, modelos estes que buscavam redescobrir a urbanidade como lugar de formas e funções dinâmicas, como lugar de encontros e trocas. (...) As cidade desenhadas pelo (grupo) Archigram exaltavam a estética da máquina. Sem qualquer compromisso social ou político, a Plug-In City de Peter Cook e Walking City de Ron Heron exploravam a tecnologia avançada para criar ficções científicas, que remetiam a movimentos

artísticos, como surrealismo, expressionismo e pop art.”⁷⁷

⁷⁶ Peter Cook, Conferência em Milão sobre o projeto de ARCHIGRAM para Monte Carlo. Citado em: CABRAL, Claudia Piantá Costa. *Grupo Archigram, 1961-1974 – Uma fábula da Técnica*. Tese de Doutorado, Barcelona, 2001, p.8 conclusão.

⁷⁷ SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p. 190.

Foram a alta tecnologia e a cultura pop os fenômenos que mais influenciaram o discurso da arquitetura no âmbito internacional da década de 60.

Grupos de arquitetos utilizam-se da publicação de manifestos e da projeção de cidades de cunho utópico e revolucionário para questionar o movimento moderno e para propor novas formas de pensamento.

No início dessa década, alguns jovens arquitetos britânicos fundiram-se para formar o grupo Archigram e a revista do mesmo nome (*archi*= architecture e *gram*= telegram), com o intuito de experimentar e discutir uma nova arquitetura. Trabalharam, em projetos comuns até 1974, os arquitetos Warren Chalk, Peter Cook, Denis Crompton, David Greene, Ron Herron e Michel Webb. Da sua produção conjunta, fundamentalmente é a teoria do culto à tecnologia que prevalece: nos projetos, desenhos, colagens e nos discursos que são colocados em pauta através das revistas e das exposições por eles organizadas.

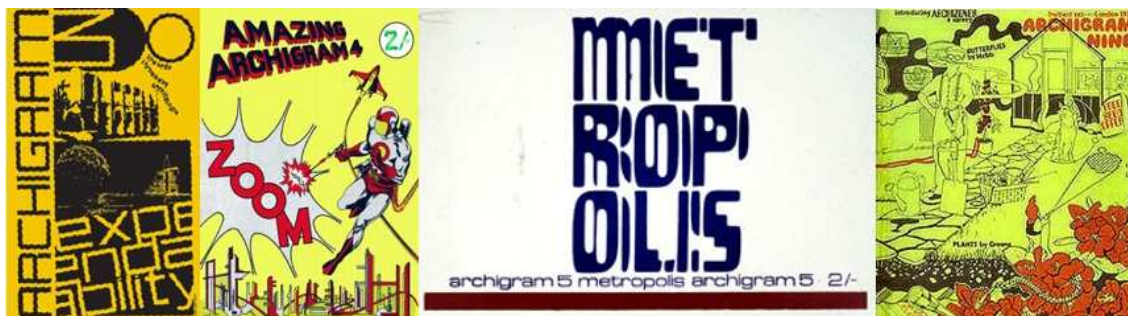


Figura 2: Capas das revistas Archigram, números 3, 4, 5 e 9

A expressão de suas idéias contextualizava-se com a época na qual estavam produzindo suas artes e arquiteturas. Nessa década e também na de 70, vários países do “primeiro mundo” entravam num período de grande desenvolvimento econômico (aumento da renda per capita, consolidação de alianças capitalistas pós-segunda guerra), tecnológico (nos meios de comunicação e de transporte) e da explosão da cultura de massas. Tal visão otimista da sociedade foi expressa nos projetos utópicos diferentemente das outras propostas anteriores, que viam na crítica ao sistema político seu principal alvo de questionamento.

A linguagem utilizada para a expressão dos novos conceitos seguia nos objetos, plana e volumetricamente. Com duas dimensões, a montagem era feita em forma de *bricolage*, justapondo desenhos com informações técnicas, fotografias, desenhos

artísticos, textos, frases, cores. E, nos objetos em três dimensões, o que atualmente na arte chama-se *instalação*. Essa linguagem era inovadora e criticava a produção e as formas de representação arquitetônica feitas até então.



Figura 3: colagens – 1. Tuned Suburb, 1968, Ron Herron; 2. Banquet, Features Monte-Carlo, 1969, Peter Cook, Dennis Crompton, Ron Herron; 3. Instant City Airships, 1968, Peter Cook.



Figura 4: instalações – 1. Sin Center, 1959-63; Michel Webb 2. Living Pod, 1965, David Greene; 3. Cushicle, 1966, Michel Webb

É nesse sentido que o grupo pôde converter tais conceitos em estratégia de projeto, conforme formulado na tese de doutorado de Cláudia Piantá Costa Cabral, seguindo três linhas principais:

- “1) tecnologia e consumo, que envolve todo o tema da substituição e de uma estética do descartável” como exemplo de projeto a *Plug-in City* – “ou por uma arquitetura descartável”;
- “2) tecnologia e lugar, que envolve o tema da mobilidade e da dispersão” projeto *Zoom* – “ou por uma arquitetura móvel”;
- “3) e por último, a tecnologia proposta quase como situação limite, que obrigaria a uma reflexão de fundo teórico sobre a própria natureza do ofício arquitetônico: a tecnologia é uma *alternativa da arquitetura*,

ou mesmo poderia converter-se em uma *alternativa à arquitetura?*”
On-Off “ou por uma arquitetura da ausência.”⁷⁸

Tais estratégias de projeto, não somente exclusividade das propostas do grupo Archigram, como de outros grupos ou arquitetos do mesmo período, trazem como forma de expressão o ineditismo e a inovação das técnicas, respondendo às novas racionalidades de produção, aplicadas nas megaestruturas, as “ficções de megalópoles soltas no solo”⁷⁹.



Figura 5: Revista Archigram no. 5 referências das grandes estruturas: (da esquerda e de cima) Jean Baptiste Piranesi, *Prisões Imaginárias*, 1743; Antonio Sant' Elías, *Città Nuova*, 1914; Tony Garnier, *Cidade Industrial*, 1918; Henri Sauvage, *Blocos escalonados*, 1926; Hugh Ferriss, *Arranha-céus*, 1923; Kenzo Tange, *Baía de Tóquio*, 1960; Arata Isosaki, *Clusters*, 1960-62; Constant, *New Babylon*, 1950; Paul Maymont, *Cidade Suspensa*, 1960

Os projetos de megaestruturas, mesmo que por diversos arquitetos considerados como inexecutáveis, acabavam por se tornar uma ferramenta de pensamento, de experimento e do desenho, quase suficiente, tão real como uma obra executada.

A megaestrutura tinha como pretensão responder às questões formais da cidade industrializada e, como ela, era conformada a partir da construção em série, da montagem de peças, da repetição dessas peças e das ações de composição específicas. Também “se colocava como *possibilidade formal* a explorar na regeneração dos setores urbanos de uma cidade cujos processos de crescimento, nem sempre controláveis, progressivamente dispersavam no

78 CABRAL, Claudia Piantá Costa. Grupo Archigram, 1961-1974 – Uma fábula da Técnica. Tese de Doutorado, Barcelona, 2001, p. 21.

79 Tsiomis, Yannis. *O ensino do projeto urbano entre a crise e a mutação*. Tradução: Denise Pinheiro Machado. In: Denise Pinheiro Machado. (Org.). *Sobre urbanismo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Vianna & Mosley, 2007, v. 1, p. 171.

espaço,”⁸⁰ Além de responder às questões funcionais de forma diferente das soluções pretendidas pelos arquitetos que seguiam a Carta de Atenas.

As novas estruturas não mais propunham a separação das diversas funções da cidade propostas por Le Corbusier – trabalhar, habitar, circular e cultivar corpo e mente - e sim aglutinar e articular todos os elementos, com o auxílio da composição formal e da tecnologia.

Desenvolvendo o conceito de megaestruturas, os membros do Archigram elaboravam vários projetos que pudessem responder às solicitações genéricas das cidades contemporâneas. Serão citados três projetos que se enquadram nas questões acima relacionadas: *Plug-in City*, *Walking City* e *Instant City*.

A *Plug-in City*, discutia a questão do tempo de vida útil dos edifícios (enquanto objetos de uso e consumo) e a questão das conectividades. “O conceito plug-in – literalmente conectar, ligar a uma tomada de eletricidade – é indicativo de uma metáfora elétrica, da noção de rede e da possibilidade de acesso indistinto a todos os pontos da mesma, da diminuição da distância que supõe as tecnologias elétricas e eletrônicas”⁸¹.

Os traços iniciais foram dados no ano de 1964 pelo Archigram, traços de Peter Cook, que propunha criar uma cidade tentacular, em forma de rede, que conectaria todos os pontos do sítio. Essa imensa estrutura era resumida a um único edifício articulado por passarelas metálicas (neste ponto o conceito se aproxima da idéia do edifício do Falanstério de Fourier) e constituído por elementos estruturais fixos ligados a elementos arquitetônicos móveis. Cada nó poderia ser uma residência básica ou algum módulo de serviço (hotel, restaurante, farmácia).

O conceito corbusiano de “máquina de morar” fora então reinterpretado e aprimorado pelos equipamentos eletrônicos que executavam tarefas com um simples apertar de botão. A residência básica ou a casa-cápsula era construída por materiais pré-fabricados extremamente leves e poderia ser substituída posteriormente por outra mais adaptada à mudança de vida – nesse ponto aparece a idéia do descartável: “a

80 CABRAL, Claudia Piantá Costa. *De volta ao futuro: revendo as megaestruturas*. Arqutextos (São Paulo. Online), v. 082, p. 082.e409, 2007.

81 CABRAL, Claudia Piantá Costa. *Grupo Archigram, 1961-1974 – Uma fábula da Técnica*, Op. Cit., p.136.

grua está sempre ali, de modo que a cidade pode continuamente construir e reconstruir a si mesma”⁸².

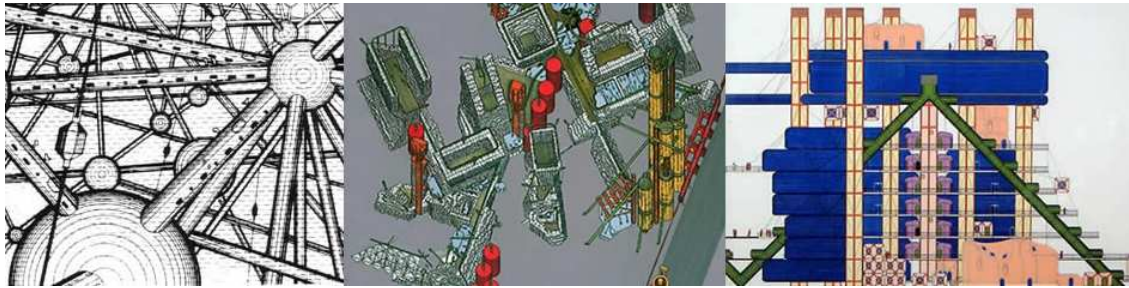


Figura 6: Plug-in City, Peter Cook, 1964

Na mesma linha das megaestruturas, a **Walking City**, ou cidade, andante foi outro projeto do grupo, no qual Ron Herron, em 1963, propõe uma cidade móvel formada por veículos imensos com 400 metros de comprimento e 220 metros de altura. A cidade não era fixada ao solo, possuía mobilidade terrestre e aquática e, por não possuir paradeiro específico, era destinada a viajantes e nômades.

Cada uma dessas gigantes unidades era provida de alguma função tradicional da cidade – habitação, saúde, cultura – e suas condições ambientais eram artificialmente produzidas.

O caráter futurista, extremamente utópico e possivelmente inexecutável da proposta tinha como objetivo a discussão do tema mobilidade urbana. Essa mobilidade seria possível através das conexões dentro da própria estrutura ou das novas relações que seriam estabelecidas com os novos lugares de encontros e suas pessoas, seus recursos e suas novas paisagens.



Figura 7: Walking City, Ron Herron, 1963

⁸² Peter Cook, Magazine Archigram, n. 4, Amazing Archigram, maio de 1964, p. 17 citado em: CABRAL, Claudia Piantá Costa. Idem. Ibidem, p.127.

A *Instant City*, ou Cidade Instantânea, foi proposta em 1969 com o apoio financeiro do *Graham Foundation for Advanced Studies in Art* de Chicago. O tema central era a cidade cultural e suas novas possibilidades. Assim, como nas propostas anteriores, a mobilidade e as conexões apareciam como conceitos primordiais. A mobilidade nessa proposta era feita pelo ar e as conexões eram feitas da metrópole – detentora da cultura, informação e tecnologia – para as cidades menores. O veículo de disseminação destas idéias era construído com lonas erguidas por balões configuradas em forma de circo,

“sob as quais poderiam ser encontradas estruturas pneumáticas, guindastes leves, unidades móveis de apoio conectadas a carros e caminhões, máquinas de entretenimento, jogos de iluminação e uma série de equipamentos e sistemas audiovisuais e de TVs. Uma cidade instantânea. Uma arquitetura do acontecimento, que surgiria do nada, interagiria com algumas comunidades e depois se esvaneceria.”⁸³



Figura 8: *Instant City*, 1969

Exóticas, imensas, futuristas. As arquiteturas das décadas de 50, 60 e 70 aparecem para problematizar novamente as cidades da era industrial. Assim como fizeram Fourier, Owen e Saint Simon - e suas experiências com comunidades auto-sustentáveis - e os modernistas das primeiras décadas do século XX - e seus projetos para cidades de milhões de habitantes – os arquitetos do grupo Archigram reinterpretaram a realidade e propuseram, com doses alopáticas de inventividade, outras formas de resolver antigos problemas urbanos.

83 SILVA, Marcos Solon Kretli. *Redescobindo a Arquitetura do Archigram*. *Arquitextos* (São Paulo. Online), v. 048, p. 048.e231, 2004.

Arquitetos como Kenzo Tange, Arata Isozaki e os do grupo Archigram⁸⁴ utilizaram-se de diferentes formas de expressão (gráfica e instalações) para experimentar novas possibilidades e propor novas soluções. Grande parte delas - assim como muitas de Le Corbusier - permaneceu no papel, mas foram fundamentais para as discussões ocorridas na época e nos anos posteriores.

A análise, o questionamento e a contestação foram os novos canais estabelecidos por diferentes grupos da sociedade. Eles se organizaram, encontraram formas de manifestação e buscaram atuar de forma diferenciada. Assim como o Archigram, grande fatia desse bolo populacional era composta dos jovens e suas novas utopias.

84 Nos anos 90 os projetos do Archigram foram retomados e novamente colocados ao público em forma de uma exposição que percorreu diversos países e no ano de 2002 ganhou a medalha de ouro do RIBA (Royal Institute of British Architects) como importante influência teórica arquitetônica para as diversas gerações.

Utopias Juvenis Modernas

*“People try to put us d-down (Talkin' 'bout my generation)
Just because we get around (Talkin' 'bout my generation)
Things they do look awful c-c-cold (Talkin' 'bout my generation)
I hope I die before I get old (Talkin' 'bout my generation)”⁸⁵*

Na mesma época dos projetos futuristas de arquitetos como os do grupo Archigram, muitos outros grupos produziam ou refletiam novos olhares sobre aquele momento, principalmente a parcela jovem da população.

A juventude da segunda metade do século XX foi extremamente atuante na sociedade de sua época e, em grande medida, responsável por diversas transformações culturais, políticas e sociais que ocorreram naquele momento e que ainda repercutem em nossos dias. Foi a partir dos anos 50 que as visões de mundo de jovens e adultos foram tomando rumos próprios e enfatizando a criação da chamada “cultura de juventude”⁸⁶.

Essas transformações ou intenções de transformações, utópicas ou concretas, foram frutos de novos conceitos introjetados pela juventude e por sua, à época, compreensão de atuação no mundo. Engajados, eles mobilizaram correntes de pensamento que buscavam resoluções para antigos e novos problemas.

Essa nova forma de pensar acabou por reverberar de forma muito mais globalizada do que as manifestações dos períodos anteriores, tendo em vista que sua divulgação foi feita através dos então recentes meios de comunicação em massa.

85 Música My Generations, do grupo The Who, 1965: <http://www.lettras.com.br/the-who/my-generation>

86 Base da reflexão da introdução deste capítulo:

BRANDÃO, Antônio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo: Editora Moderna, 1990.



Figura 2: 1. Festival Woodstock - na cidade rural de Bethel, Nova York, de 15 a 18 de agosto de 1969 com mais de 500.000 participantes; 2. Hippies dos anos 60; 3. Manifestação em Paris em Maio de 68.

Tais meios (rádio, cinema, televisão, discos de vinil), aperfeiçoados pela industrialização em larga escala e pelo desenvolvimento da tecnologia, foram os responsáveis pelo início da “indústria cultural”. Ela teve papel importante na influência e divulgação tanto da cultura erudita quanto da cultura popular. Constituiu-se um novo mercado, usufruído pela sociedade de consumo e por todas as diferentes camadas sociais.

Dentro desse novo contexto, as opções a serem seguidas eram muitas. Alguns movimentos juvenis optaram pelo continuísmo dos ideais conservadores (como por exemplo, os grupos de jovens neonazistas na Europa). Foram, todavia, os que se opuseram aos padrões conservadores da sociedade os que mais ajudaram a definir, ou, pelo menos, a questionar as novas posturas da sociedade contemporânea.

Alguns destes grupos encontraram na música e em outras manifestações artísticas o seu meio de comunicação (no rock, por exemplo). Outros buscaram passar sua mensagem através de protestos nas ruas de cidades pelo mundo afora. Ainda outros encontraram a solução para um mundo melhor no diálogo junto aos seus semelhantes em comunidades alternativas.

O surgimento dos movimentos juvenis

A revolta, o rechaço ou a ignorância da juventude pelo seu contexto histórico mundial teve seu início a partir da segunda metade do século XX. As crises pelas quais o mundo passava eram de toda ordem, afinal, mais de 50 milhões de pessoas

morreram num gigantesco conflito que abalou a história da humanidade: a Segunda Grande Guerra.

Não fossem as mortes, as bombas atômicas e as cidades destruídas, passado o período de cessar fogo, a civilização daquele período ainda se dividiu em dois grandes pólos, criando uma nova ordem mundial.

Com a impossibilidade de confronto direto (a guerra nuclear poderia destruir a vida no planeta), a conseqüência foi uma confrontação indireta: as ideologias capitalistas e socialistas se contrastavam e promoviam uma ruptura que acabou por se constituir com o nome de “Guerra Fria”.

A União Soviética foi o pólo irradiador das idéias comunistas. Esse sistema econômico, político e social tinha como objetivo básico a criação de uma sociedade sem classes e sem Estado, com predominância da propriedade comum sobre a privada. Obviamente esse caminho era temido e refutado pelos seus opositores.

O mundo capitalista era então liderado pelos Estados Unidos que, aproveitando-se da situação favorável do pós-guerra, passou a viver o período áureo de sua economia. Com esse objetivo, as ações governamentais do país giravam em torno da ênfase ao emprego, da máxima produção e da ampliação do consumo.

Com essa economia cada vez mais próspera, o país também ampliava sua população através da explosão demográfica (o “baby boom”) e passava a demonstrar toda sua superioridade para o resto do mundo através dos meios de comunicação que sintetizavam o estilo de vida consumista e material do homem-médio norte-americano em uma expressão: “American way of life”.

Obviamente, não eram todos os cidadãos que desfrutavam de tal abundância, ou melhor, era apenas uma parcela da população constituída pela classe média branca. Na nova mídia, não eram divulgadas as diferenças entre classes, nem tampouco se condenava a falta de acesso ao mercado de trabalho por parte das mulheres. Também o homem negro era visto à parte naquela sociedade, unicamente como servidor do homem branco, sem direito a ocupar os mesmos espaços, as mesmas escolas, nem tinha direito a voto.

Movimentos Juvenis de Libertação

Da mesma forma que o estilo de vida norte-americano, a cultura musical e a cultura de massa que foram propagados a partir dos Estados Unidos, também muitas inquietações e revoltas surgiram no seio daquele país. As questões raciais provavelmente foram as mais contundentes:

“Dentro desse contexto, começam a surgir movimentos sociais pela igualdade dos direitos civis entre negros e brancos, sob a liderança de pastores protestantes negros, como Martin Luther King, que, a partir de 1955, em Montgomery no Estado sulista do Alabama, inicia a organização de um movimento de protesto contra a discriminação racial, que irá abalar a sociedade norte-americana no início da década de 60.”⁸⁷

Esses protestos recebiam o apoio fundamental da juventude. Parte dela buscava a igualdade através do protesto pacífico, outra parte tinha a convicção de que apenas através da resistência armada seria possível conquistar os espaços que lhes eram de direito. Como exemplo desse último, poderia ser citado o grupo auto-intitulado “Poder Negro”, que se considerava como “o catalisador na reunião dos jovens, o verdadeiro proletariado revolucionário pronto a lutar por quaisquer meios necessários pela libertação do nosso povo”⁸⁸.

Carmichael, um dos líderes desse movimento, assim como outros ativistas, filósofos e críticos da sociedade moderna de vários países (David Cooper, Gregory Baterson, Herbert Marcuse) estavam encabeçando, de alguma maneira, a movimentação dos acontecimentos sociais na direção de uma igualdade entre etnias, classes, sexo, etc. Para uma forma de debate mais amplo, realizou-se em junho de 1967, em Londres, um Congresso sobre a Dialética da Libertação, no qual cada debatedor utilizava os questionamentos de sua área (sociologia, psiquiatria, filosofia, economia) para responder ou novamente perguntar sobre a situação global, como propunha John Gerassi:

87 BRANDÃO, Antônio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo: Editora Moderna, 1990, p. 19.

88 CARMICHAEL, Stokely. *O poder negro*. In: COOPER, David (org.). *Dialética da Libertação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 57.

“... por trás desta divergência de interesses está uma suposição subjacente que acredito ter sido feita por todos nós. Isto é, a de que o próprio inimigo, a estrutura, a sociedade em que vivemos e da qual sofreremos, tem de ser derrubada, deve haver uma reestruturação da sociedade.”⁸⁹

Na mesma época do Congresso, outras manifestações de jovens estavam ocorrendo pelo mundo: passeatas de estudantes norte-americanos pelo fim da guerra do Vietnã durante toda a década de 60; o movimento estudantil de *Maio de 68* na França⁹⁰ e a *Primavera de Praga*⁹¹, sucedida na Tchecoslováquia no mesmo ano.

Também nos países ditos “subdesenvolvidos” essas questões ecoaram. A América Latina, como ocorreu desde a sua época fundacional, recebeu as influências das grandes potências mundiais. Certamente, não em tempo real como temos hoje, mas com igual ou maior intensidade. A imposição do capitalismo e todas as conseqüências que vêm junto dele chegaram por aqui também.

A já citada “ameaça” comunista de se espalhar por todos os continentes fez com que os Estados Unidos apoiassem e financiassem a imposição dos regimes militares e seus golpes de estado em nosso continente. O cerceamento dos direitos civis e da liberdade de expressão, os Atos Institucionais, as torturas e mortes decorrentes desta forma de governo fizeram com que a juventude latino-americana se organizasse e fosse às ruas protestar. Muitos deles foram presos, agredidos ou morreram.

Movimentos Culturais Juvenis

Paralelamente às críticas mais contundentes e aprofundadas dos grupos de intelectuais e ao engajamento político dos jovens ativistas sociais, outra revolução estava acontecendo a partir da metade do século XX: a revolução cultural.

O consumo musical que anteriormente à década de 50 não tinha diferenciação entre jovens e adultos e sim entre brancos e negros, começou a alterar-se a partir do surgimento do Rock’n’roll. Esse estilo era composto de elementos de origem diversa –

89 GERASSI, John. *Imperialismo e Revolução na América*. In: Idem, *ibídem*.

90 Inicialmente a luta contra a má adaptação do ensino universitário e posteriormente uma greve geral de dez milhões de trabalhadores franceses.

91 Resistência dos estudantes à intervenção armada dos soviéticos.

música negra e branca – e logo caiu no gosto da juventude. Rapidamente as grandes gravadoras norte-americanas perceberam o promissor mercado que estava se formando e criaram uma imensa indústria cultural que seria exportada em grande medida para o mundo todo. Nomes como Chuck Berry e Elvis Presley eram ouvidos em todas as rádios e em todas emissoras de televisão.

A primeira abertura de espaço para a rebeldia no campo da cultura encontrou lugar também no cinema. Na mesma época de Elvis, três filmes refletiram o espírito da época: *O Selvagem* (1953, com Marlon Brando), *Juventude Transviada* (1955, com James Dean – um dos símbolos de uma juventude sem causa) e *Sementes da Violência* (1955). Essa fase durou pouco mais de dez anos.

Depois de um período de decadência nos EUA, o Rock ressurgiu com toda a força na Inglaterra, tornando-se, a partir daquele momento, um dos principais pólos divulgadores da cultura jovem. “Apesar de sua aparente ingenuidade, a juventude inglesa, ao contrário da inconstante rebeldia da juventude transviada norte-americana, começava a desenvolver uma consciência crítica em relação à sua geração.”⁹² É no início da década de 60 que dois grupos musicais surgem para modificar completamente a música popular mundial e influenciar o estilo de vida juvenil: Os Beatles e o Rolling Stones.

“Os Beatles foram um verdadeiro laboratório de influências e pesquisas que iam da música eletrônica à canção folclórica, da música oriental às mensagens existenciais de suas letras, que comunicavam uma visão filosófica do desconcertante cotidiano existencial.”⁹³

Da década de 60 às de 70 e 80, o rock foi fundamental para diversos movimentos juvenis e fragmentou-se em muitos estilos e novas linguagens divulgadas amplamente pela indústria fonográfica e consumidos por jovens – e não somente jovens – em todo o planeta.

Um bom exemplo disso foram os festivais de música que arrastaram multidões nas duas primeiras décadas - como Monterrey Pop Festival, Woodstock, Altamont - e que lançaram artistas internacionais como Jimi Hendrix, Santana e Janis Joplin.

92 Idem, *ibidem*, p. 48.

93 Idem, *ibidem*, p. 47.

Movimentos Juvenis Alternativos

Paralelamente aos intelectuais, ativistas e a uma juventude transviada embalada pelo Rock'n'roll, surgiu também, a partir da década de 50 um movimento amplo de contestação chamado contracultura. Ele transformou-se em uma forma de crítica anárquica em oposição às forças dominantes tradicionais (como a sociedade industrial capitalista e tecnocrática), principalmente nos Estados Unidos e alguns anos mais tarde em muitos outros países.

Partindo desse movimento, algumas ramificações foram possíveis. Uma delas foi a dos grupos de jovens universitários que contestavam o consumismo, o otimismo norte-americano pós-guerra e a falta de pensamento crítico através de um movimento libertário que oferecia uma alternativa ao "american way of life": a "geração beat". Eles propunham um estilo de viver livre, sem normas preestabelecidas na vida e na arte. Tiveram influências importantes de religiões orientais (budismo, hinduísmo) e também influenciaram posteriormente músicos como Bob Dylan, John Lennon e Jim Morrison.

Outro grupo também partia desse ponto de vista hedonista – afinal, a busca era por uma felicidade individual – mas sua continuidade objetivava mudanças num âmbito global por um mundo de "paz e amor" era apregoado pelos *hippies*. Eles propunham um estilo de vida comunitário, nômade, em comunhão com a natureza e com vários aspectos das religiões orientais, da astrologia e do psicodelismo. Propunham oposição aos valores tradicionais da classe média, do capitalismo e dos sistemas totalitários.

Também foi nos Estados Unidos, mais precisamente em São Francisco, a partir de 1966, que esta corrente de pensamento e atitude começou a surgir. A construção de comunidades alternativas se espalhou por todo o mundo com esses mesmos princípios libertários.

Algumas comunidades resistem ainda hoje, como Christiania na Europa, Alto Paraíso de Goiás e Cabo Polônio na América do Sul.

Christiania, a "cidade livre" dinamarquesa, foi uma área ocupada em 1971 por alguns milhares de hippies, anarquistas, artistas e músicos, como uma forma de

protesto ao governo do país. Apesar muitas tentativas de remoção dos habitantes daquele local por órgãos estatais, ela ainda permanece como uma comunidade independente, autogestionada, de intensa vida artística e cultural, com arquitetura individualista e pitoresca e espaços públicos intensamente apropriados pela população e pelos turistas de diversas partes do mundo.



Figura 3: Chistiania: um subúrbio da capital dinamarquesa.

Outra comunidade alternativa formou-se em 1964, em Alto Paraíso de Goiás, cidade brasileira do estado de Goiás, localizada no centro da Chapada dos Veadeiros.

Grupos de hippies e curiosos foram atraídos pelo magnetismo de toneladas de cristais subjacentes àquelas terras e pela exuberância do ambiente natural (dezenas de cânions, piscinas naturais, fauna e flora características do serrado).

Inicialmente chamada “Cidade da Fraternidade”, a região tornou-se um dos berços da “Nova Era” (movimento social e espiritual iniciado na década de 60) e o “Chacra Cardíaco da Terra”. Hoje é um parque nacional e também recebe centenas de turistas a cada ano.



Figura 4: Alto Paraíso de Goiás na Chapada dos Veadeiros: natureza e misticismo.

Já a história de Cabo Polônio, por ela viajaremos nas próximas páginas.

Uma Parada Necessária



Cabo Polônio

“El Cabo se adelanta en el mar; hace frente y le arranca una canción distinta. El oleaje se enfurece y rompe allí toda su espuma. El Polonio es eso: una fuerza de belleza resonante en la ilimitada soledad de un lugar de encantamiento. Las piedras se levantan como para fabricar espuma. Altas, pulidas y brillosas. Energía de una costa que endureció su destino en caprichosas figuras. Misterio de la naturaleza erguido en dique. Procesión de imágenes diferentes y cambiantes junto a un mar embravecido.”⁹⁴



Figura 1: “Liberté, Cabo Polonio”, exposição fotográfica de Stéphane San Quirce.⁹⁵

Textos, desenhos, passeatas, instalações, Morus, Archigram, Atlântida. Muitas são as formas de manifestação da utopia; muitos são seus criadores; muitas são as maneiras de experienciá-la.

Seguir viagem em busca de uma outra utopia - próxima física e temporalmente - requer, não apenas malas cheias de informações que nos provêm de embasamento analítico, mas de um roteiro que situe e contextualize o destino – Cabo Polônio.

As próximas páginas têm o objetivo de localizá-lo no mapa, conhecer sua história, reconhecer suas características e preparar a chegada.

94 LUNA, Angel M. in: VARESE, Juan Antônio. *De naufragios y leyendas en las costas de Rocha*. Ediciones Sanillana S.A. Montevideo: 1998.

95 As imagens foram tomadas pelo artista francês em Cabo Polonio entre 2004 e 2007, no inverno. A exposição foi realizada em 12 de junho de 2008. <http://www.lanacelle.fr/galerie/stephane-san-quirce/introduction.html>

Um lugar de dunas, mar, farol e histórias

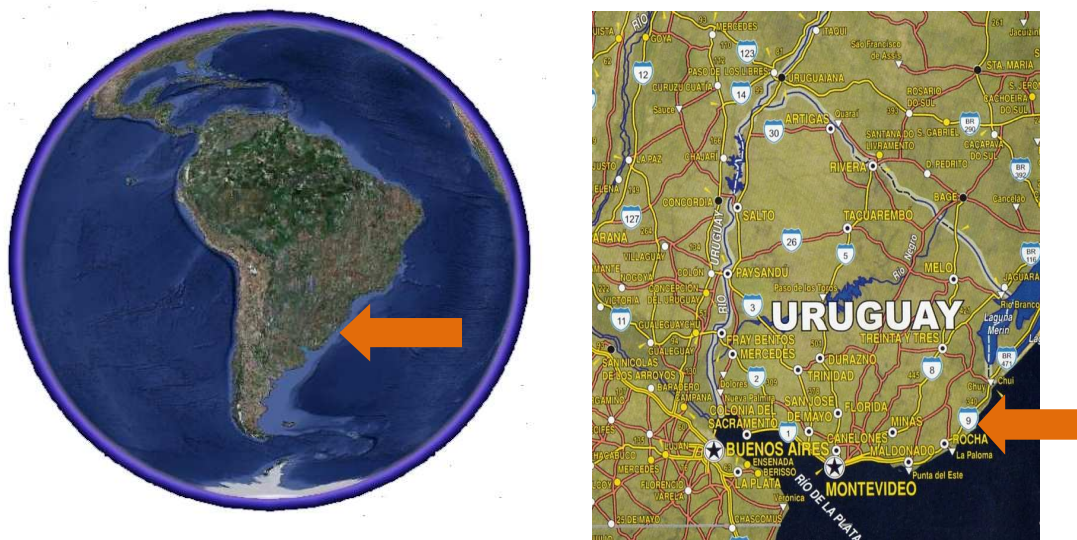


Figura 2 e 3: Uruguai na América Latina e Cabo Polônio no Uruguai (proximidades de Rocha)

Cabo Polônio é um lugar de muitos tempos, de muitas histórias, de diversos tipos de pessoas e que despertou a curiosidade e imaginação de todos que por lá passaram e que ainda passam.

Essa porção de 5.000 hectares de terra (e muita areia) que avança sobre o Oceano Atlântico, com 18 quilômetros de extensão e 5 de saliência, é hoje considerado Parque Nacional⁹⁶ pelos órgãos governamentais e como um dos poucos redutos de vida alternativa em meio à natureza por muitos utopistas.

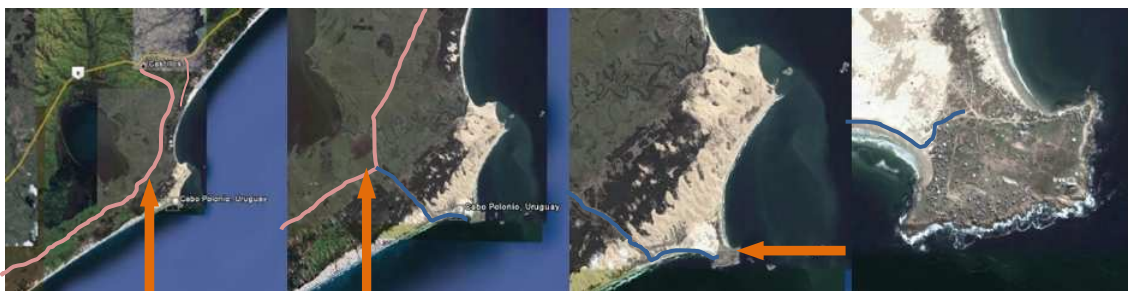


Figura 4: “Zoom” em Cabo Polônio – único acesso.

⁹⁶ Parque Nacional pertencente ao SNAP: “Sistema Nacional de Áreas Protegidas do Uruguai”.
Ver: <http://www.snap.gub.uy/index.php>

Para se chegar a Cabo Polônio, seja vindo do norte (de algumas cidades uruguaias ou do Sul do Brasil), seja vindo do sul (toda costa uruguia e Montevideú), é necessário acessar a “Ruta 10” e desembarcar no quilômetro 264.5.

A partir deste local, existem três possibilidades: caminhar por aproximadamente sete quilômetros, alugar um cavalo ou contratar algum dos veículos autorizados pelo governo para fazer essa travessia. Difícil? Um pouco. Mas já foi muito mais complexo – e perigoso – de se chegar a esse lugar em outros tempos.

O difícil acesso, a transposição da barreira geográfica das dunas e a completa diferenciação ambiental, social e formal configuram a metáfora do lugar: uma ilha. E poderia ser apenas uma metáfora, se por coincidência ou consequência, segundo pesquisas geológicas, a ponta de Cabo Polônio não fosse uma antiga ilha unida ao continente por um istmo: “una masa granítica con un banco de arena y conchillas en el centro”⁹⁷.

Hoje se constitui como um lugar de grande interesse biológico e paisagístico para as instituições ambientalistas e de governo, principalmente pelas praias, pelas dunas móveis e semifixas, pela vegetação característica e pela presença de milhares de lobos-marinhos. Interesse intelectual, social e acadêmico, pela forma das suas relações sociais e pela maneira como é apropriado o espaço. E, obviamente, político e econômico, por suas riquezas naturais e potencialidades turísticas.

História Uruguia: Sambaquis, Espanhóis e Lei das Índias

As histórias de Cabo Polônio são mais contadas que documentadas. Em grande medida, foram passando através das gerações e, em menor medida, por dados relacionados em um ou outro livro.

Para que se conheça um pouco da história de Cabo, especificamente, é necessário resgatar um pouco da história do próprio Uruguai. Os acontecimentos, os resultados das formas de colonização e as características desse país influenciam diretamente sobre o lugar, seja na repetição, seja no contraste.

97 PROBIDES. 2000. *Plan Director de la Reserva Bañados del Este*. PNUD – UE – GEF. Uruguay.

Do que se sabe⁹⁸, as terras da região nas quais se encontra Cabo Polônio foram território estável ou eventual de populações há mais de 5.000 anos. Essas populações eram originárias da região possivelmente pertencente a culturas sambaquis⁹⁹, que incursionavam desde o que hoje se conhece como sul do Brasil e deixaram suas marcas através de numerosos elementos de uso cotidiano.

Nesse sentido é importante considerar (mesmo que não através de vestígios icônicos) as populações pré-hispânicas como constituintes da história do país, já que “... el Paisaje tiene una dimensión intangible, y está presente (a modo de palimpsesto) en la presencia y los relatos silenciosos de quienes antes lo habitaron”¹⁰⁰.

Dos sambaquis à época pré-fundacional dos povoados do Uruguai, passaram-se mais de 6.500 anos. A formação da chamada “Banda Oriental”¹⁰¹, iniciou-se em 1516, com a posse de territórios *platenses*, pela Espanha, através da descoberta do *Río de la Plata* por Juan Díaz de Solís. Essa faixa de terra configurou-se por muito tempo apenas como caminho para alcançar o interior do continente, onde estavam as riquezas a serem exploradas pelos novos conquistadores.

Muitas das principais cidades espanholas da América já haviam sido fundadas enquanto a Banda Oriental não recebia atenção de quem a havia conquistado:

“... el proceso urbano de la Banda Oriental se produce con posterioridad a la codificación definitiva de las leyes españolas sobre poblamiento de las colonias, leyes que se fueron dictando en forma circunstancial a lo largo de los primeros siglos del período colonial.”¹⁰²

98 E aqui transcrevo as informações contidas no material fornecido pela Universidad de la República, através do professor e arquiteto Rafael Cortazzo, conteúdo esse utilizado para sua própria dissertação de mestrado, que encontra-se em andamento.

99 Segundo o dicionário Michaelis, a palavra sambaqui corresponde à: “(do tupi) Colina resultante da acumulação de conchas, cascas de ostras e outros restos de cozinha dos habitantes pré-históricos do sul Brasil. Encontram-se sambaquis ao longo da costa (sambaquis costeiros ou marinhos), à margem de rios (sambaquis fluviais) e até em pontos distantes das águas (sambaquis centrais).”

100 PERDOMO, Taller. *Concurso a5tap IPAT CP - 12 SEGUNDOS +*, Outubro 2008. <http://ante5tap.blogspot.com>

101 Banda Oriental do Uruguai ou *La Banda Oriental* é como era chamado antigamente o território do império colonial espanhol do Cone Sul localizado a leste rio Uruguai, desde a costa dos atuais estados de Paraná e Santa Catarina até o trajeto final do curso do rio que o leva a desembocar no Rio da Prata, abarcando a área do atual estado de Rio Grande do Sul e da atual República Oriental do Uruguai.

102 LENZI, Ricardo Alvarez. *Fundación de poblados en el Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República. Facultad de Arquitectura. Instituto de Historia de la Arquitectura, 1972, p. 7.

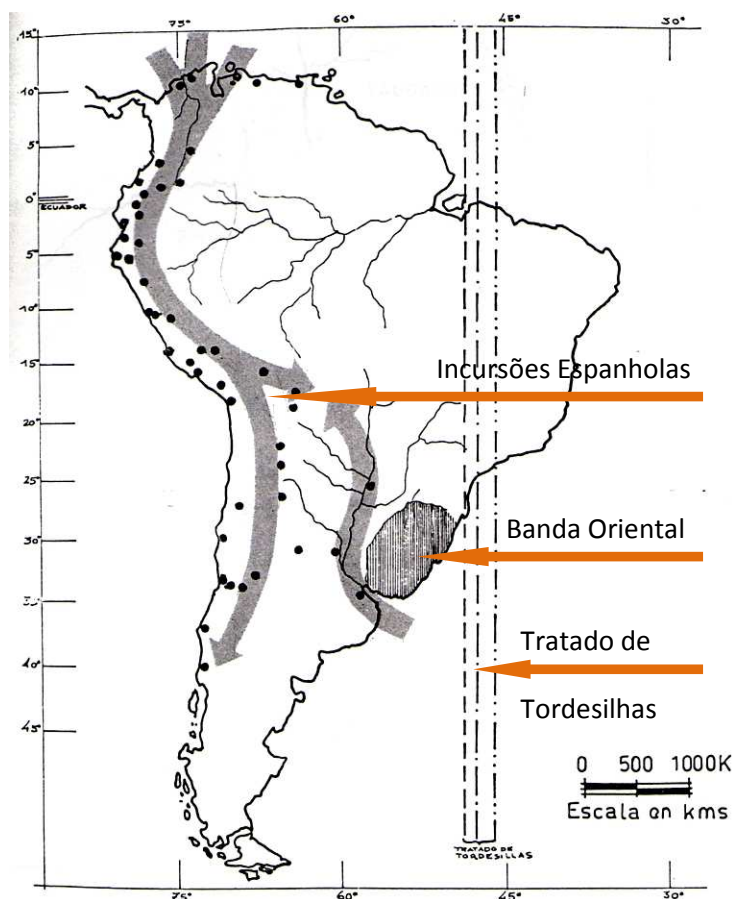


Figura 5: Rotas de Colonização da América do Sul

A Espanha continuava fundando suas principais cidades durante os séculos XVI e XVII e poucas foram as atitudes efetivas de povoamento da área. Uma delas, que não concretizou completamente seu objetivo (a de criar um povoado próximo ao porto de Montevideu para a defesa de Buenos Aires), mas que, de alguma forma, impulsionou o processo urbano, foi a de Hernandarias no início do século XVII, com a introdução da criação de gado no local.

Outra tentativa de povoamento ocorreu durante o governo de Francisco de Céspedes – entre 1626 e 1631 – que buscou, desta vez através da força armada, a imposição de uma nova ordem para a área, indo de encontro com a população autóctone – os índios.

Para esse novo propósito, o governo espanhol contou com o apoio de ordens religiosas de franciscanos e jesuítas que tentaram formalizar a conquista através do apaziguamento dos *charruas* e *chanaés*. Dessa ação missioneira resultaram algumas

fundações de povos de índios como *San Francisco de Oliéste*, *San Antonio de los Chanaés*, *Santo Domingo Soriano* (este o único que permaneceu) e os sete povos das *Misiones Orientales de la Compañia de Jesús*.

Durante o século seguinte, a região desenvolveu-se com o impulso da criação de gado. Esse desenvolvimento se fez de tal forma que acabou por despertar o interesse de Portugal, o colonizador vizinho.

Portugal, disposto a materializar sua política expansionista, em uma área de limites pouco definidos, funda, em 1680, a Colônia do Sacramento, justamente em frente a Buenos Aires. Essa ameaça real para com a integridade do império colonial espanhol ainda era enfatizada pelos piratas e corsários franceses, ingleses e holandeses que incursionavam pelo sul. Espanha decidiu então voltar a lutar por suas terras. Depois de muitas disputas entre Espanha e Portugal, a questão específica de Colônia só foi resolvida muito tempo depois, com o acordo firmado pelo Tratado de Madrid, em 1750, o qual determinava a posse desta para a Coroa Espanhola e os Sete Povos das Missões para a Coroa Portuguesa.

Dos povoados fundados na Banda Oriental, praticamente todos foram promovidos intencionalmente e planejados previamente, com exceção de Paysandu e Salto.

As fundações ocorreram em três períodos distintos da história uruguaia: no período colonial, no período intermediário e no período liberal, posterior a Grande Guerra Mundial.

Foi no período colonial (com o intuito da completude da defesa do estuário) que, entre outras localidades, foi fundada, em 1793, a *Villa de Nuestra Señora de los Remedios de Rocha* (Cabo Polônio pertence hoje a esse município). Depois de vila consolidada, Rocha acabou também por desempenhar, naquele período, a articulação que ligava ambas as frentes da costa uruguaia: a *platense*, ao sul, e a fronteira com o Brasil, ao norte.

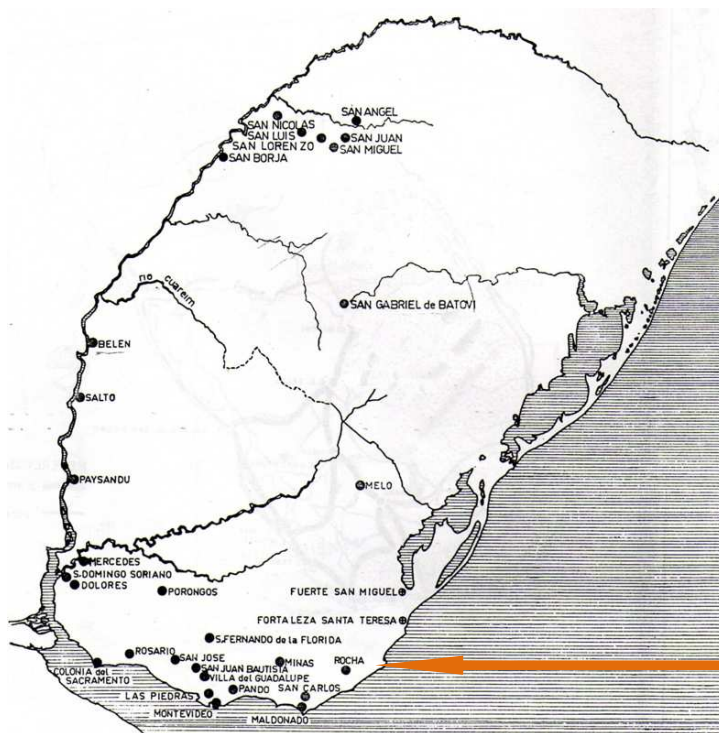


Figura 6: Implantação de núcleos urbanos na Banda Oriental na época colonial espanhola

Cidades uruguaias: Lei das Índias



Figura 7: Colonização espanhola: Tenochtitlán, a capital azteca, Planta de Havana, Juan Sísacara, 1691 e Planta da Cidade de Lima, Peru, século 18

Em toda a colônia espanhola, as Leis das Índias estabeleceram os procedimentos mediante os quais se pudessem realizar as fundações dos povos. Antes da concretização dessa legislação, em 1573, havia a aplicação de um modelo que seguia um conceito urbano padronizado e uniforme: quadrícula base composta por quarteirões idênticos, ruas ortogonais e retilíneas, independentemente das questões geográficas e topográficas. A “(...) Espanha pensava cartesianamente a geografia do

seu império e impunha uma geometrização e homogeneidade regulatória a todo seu reino”¹⁰³. Dessa forma,

“... a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: por uma aplicação insistente em assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas, mediante a criação de grandes números de povoação estáveis e bem ordenados. Um zelo minucioso e previdente dirigiu a fundação das cidades espanholas na América.”¹⁰⁴

Essa composição formal e funcional da cidade seguia a hierarquização a partir do centro. Ele era ocupado pelos grandes edifícios públicos (catedral, tribunal, intendência, residência dos colonizadores mais ricos) que abraçam uma grande praça retangular.

“Já à primeira vista, o próprio traçado dos centros urbanos na América espanhola denuncia o esforço determinado de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste: é um ato definido da vontade humana. As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo; impõe-lhes antes o acento voluntário da linha reta. (...) O traço retilíneo, em que se exprime a direção da vontade a um fim previsto e eleito, manifesta bem essa deliberação. E não é por acaso que ele impera decididamente em todas essas cidades espanholas, as primeiras cidades “abstratas” que edificaram europeus em nosso continente.”¹⁰⁵

103 BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *América Latina: territórios e experiências*. Arqtexto, Porto Alegre, v. 5, n. 5, 2005, p. 23.

104 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Semeador e o Ladrilhador*. IN: *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p.95.

105 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op. Cit., p. 96.

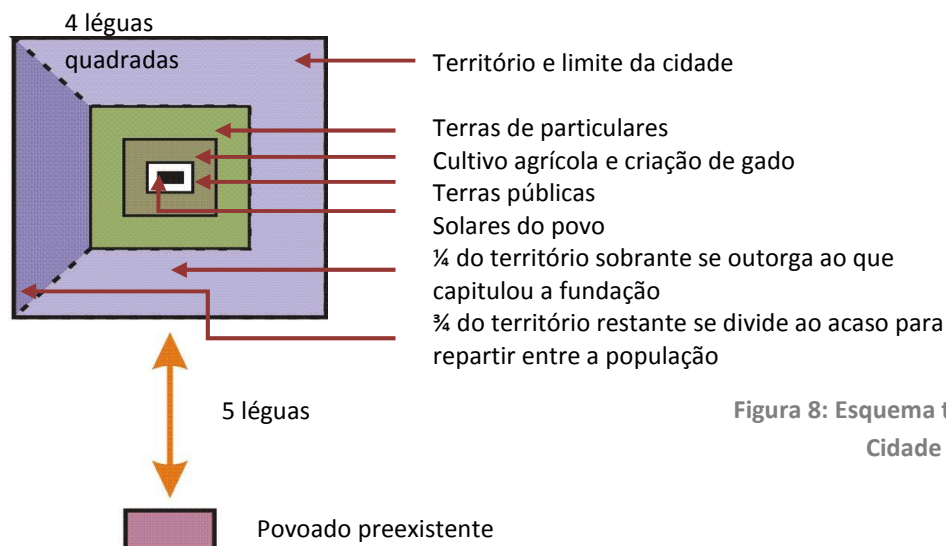


Figura 8: Esquema teórico da Cidade Território

A Lei das Índias configurou-se como a primeira legislação urbanística da idade moderna e foi “uma associação entre os princípios e idéias renascentistas, as influências do Tratado de Vitruvius e as realizações concretizadas na América”¹⁰⁶.

Havia, para a construção das cidades, algumas regras: o estabelecimento da planta do povoado a ser fundado deveria sempre ser levado pronto do império; a praça principal seria central ao povoado e definiria o ponto de partida para a criação das ruas; suas dimensões deveriam considerar a forma retangular (melhor proporção para festividades com cavalos) e serem proporcionais ao número de habitantes; os quatro ângulos deveriam estar direcionados para os pontos cardeais, pois desta forma, as ruas que se iniciavam na praça não ficariam expostas aos quatro ventos principais (regra oriunda do Tratado de Vitruvius); entre outras.

Algumas das cidades mais próximas ao nosso destino (Cabo Polônio) também seguiram regras de implantação. Algumas, estritamente segundo as Leis das Índias e outras, com data de fundação mais recente, apenas a lógica do traçado xadrez.

106 DANTAS, Ana Cláudia de Miranda. *Cidades Coloniais Americanas*. Arqutextos (São Paulo. Online), ISSN 1809-6298 arq000/esp241.asp



Figura 9: Rocha – capital departamental; La Paloma – cidade balneária; Castillos; Chuy – fronteira com Brasil.

Outra recomendação da Lei das Índias diz respeito à situação das novas povoações e à proximidade com o mar:

“... Não se escolha, diz o legislador, sítios para povoação em lugares marítimos, devido ao perigo que há neles de corsários e por não serem tão saudios, e porque a gente desses lugares não se aplica em lavrar e cultivar a terra, nem se foram tão bem os costumes. Só em caso de haver bons portos é que se poderiam instalar povoações novas ao longo da orla marítima e ainda assim apenas aquelas que fossem verdadeiramente indispensáveis para que se facilitasse a entrada, o comércio e a defesa da terra.”¹⁰⁷

Diferentemente da regra imposta pela lei territorial do século XVI, as terras litorâneas acabaram por se configurar para o Uruguai como uma importante área de acesso e trânsito, principalmente para o comércio e o escoamento da produção nacional recém iniciada. Obviamente, no período colonial, poucas informações haviam sido catalogadas e difundidas para os navegantes sobre o verdadeiro recorte geográfico e as reais possibilidades de atracque em cada ponto do litoral.

A existência de trechos com perigosas formações rochosas que submergiam do mar, nas proximidades das “terras à vista”, promovia, para inúmeras embarcações, acidentes, desastres marítimos e, em alguns casos, o desaparecimento completo das tripulações e navios.

Foi justamente um desses acontecimentos – lenda ou realidade? – que possivelmente tenha dado o nome ao local hoje conhecido como Cabo Polônio.

107 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Idem, p. 99.

Cabo Polônio: Navio Poloni ou Capitão José Polloni?

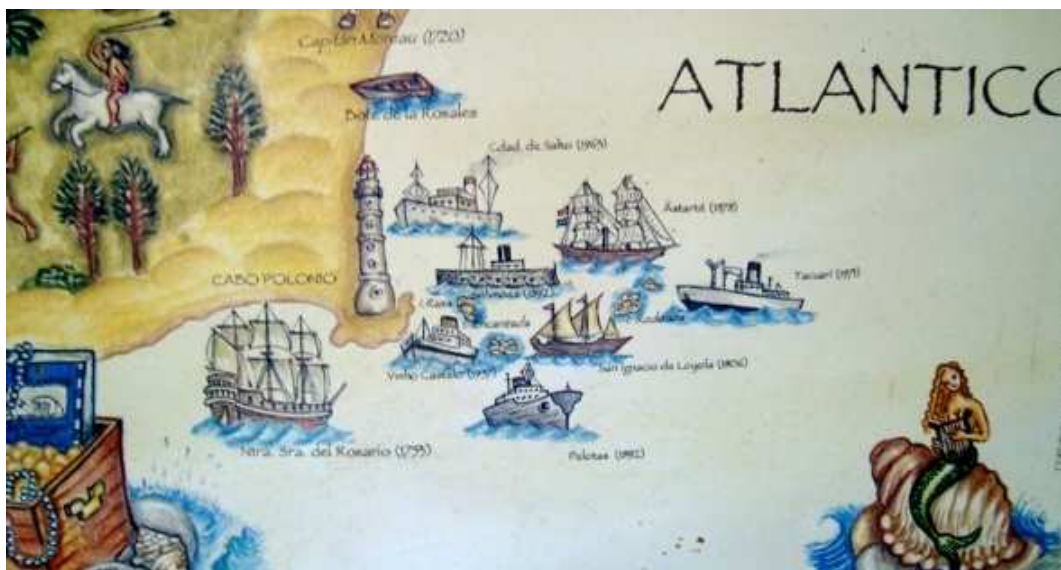


Figura 10: Gravura com os principais navios que teriam afundado nas proximidades de Cabo Polônio

Alguns pesquisadores que buscam as origens dos nomes de lugares sugerem, de maneira diversa, a referência inicial para Cabo Polônio.

Segundo Barrios Pintos (1966)¹⁰⁸, o nome é derivado de um navio de comércio de Cádiz chamado Polonio, que naufragou na noite de 31 de janeiro de 1735, chegando a perder-se completamente na manhã seguinte em praia próxima.

Já para Jones Brown (1972) e outros autores, a versão seria outra. Ela conta que o barco que naufragou nessas costas uruguaias em 31 de janeiro de 1953 (e não 1735) era “Nuestra Señora del Rosario, Señor de San José y las Animas” comandado por um marinheiro de 25 anos cujo nome era José Polloni ou Poloni, transportando cargas, passageiros e tripulação. O nome de Polônio é, para esse autor, uma deformação de Poloni ou Polloni.

Essa última versão também é encontrada, assim como outras lendas sobre outros naufrágios da costa do Uruguai, no livro de Juan Antonio Varese “De naufrágios y leyendas en las costas de Rocha” e confirma o perigo que era de se aportar em terras pouco conhecidas.

108 Extraído do “Documento Borrador para la Elaboración de un Plan Operativo para el Área de Cabo Polonio” / MVOTMA – DINAMA.

Para que não houvesse mais o perigo de ainda outros barcos naufragarem próximos ao litoral e para que fossem mais bem conduzidos pelos mares próximos à terra firme, foram construídos grandes faróis em diversos pontos da costa uruguaia.

O farol de Cabo Polônio foi inaugurado em maio de 1881. O alcance de seu fecho de luz protege tanto o avanço da terra (o próprio Cabo) quanto o direcionamento das ilhas, baixios e ilhotas que compõe o sistema - Isla Rasa, Isla Encantada, Isla del Marco, Bajo Oyarbine, Piedras Negras e Bajo Polonio.



Figura 11: Farol de Cabo Polônio, 2006

A partir da construção do farol no final do século XIX, Cabo Polônio passa a ser um local relevante para a região, seja através da emissão do fecho luminoso nas noites, auxiliando o percurso dos navios em seu trajeto marítimo, seja através da descoberta de suas potencialidades naturais.

Peixes e Lobos-Marinhos

Ao longo do século XX, os interesses sobre Cabo Polônio eram apropriados de formas diferentes e concomitantes pelas instituições e pela população: o início do turismo, a preocupação sobre o ambiente natural, a caça de lobos-marinhos e a pesca.

A pesca foi a primeira atividade produtiva de Cabo. Com a construção do farol, as pequenas embarcações que ali existiam puderam se lançar ao mar de maneira mais segura.



Figura 52: lobos-marinhos no costão de Cabo, 2006

Mas não foi apenas a

abundância de peixes que despertou interesse pela exploração natural da região. A presença de centenas de milhares de lobos-marinhos, tanto nos costões quanto nas ilhas próximas, fizeram com que algumas pessoas se deslocassem para tirar proveito dessa abundante fauna.

Os moradores que se dedicavam à caça dos lobos-marinhos foram os primeiros a viver de forma permanente em Cabo Polônio. Eram eles que faziam a manutenção do farol e residiam em suas próprias instalações.

A exploração comercial dos lobos-marinhos ganhou força com o passar do tempo e, em 1914, o Governo, através de órgãos hoje extintos – Instituto da Pesca, SOYP e ILPE – estatizou algumas terras e as doou para a ampliação da indústria *lobera*. Esse processo perdurou durante todo o século XX. Somente em 1992 uma Lei (16.320) proibiu definitivamente o abate e comércio dessas e outras espécies.

Natureza, Leis e Decretos

As leis e decretos que foram instituídos pelo Governo para as áreas litorâneas uruguaias, durante quase um século, tiveram diversos enfoques, objetivos e abrangências. Porém, praticamente todas elas relacionavam-se questões ambientais. O seu conhecimento é importante para caracterizar a área como de interesse dos diversos setores da sociedade uruguaia.

Não somente Cabo Polônio, mas toda a região imediata apresenta-se como uma zona de características naturais extremamente exuberantes.

A composição do ambiente é heterogênea, mas harmoniosa: praias arenosas, pontas rochosas, cinco ilhas, espelho d'água com largura de 5 milhas marinhas e sistema de dunas imbicado entre Cabo Polônio e Punta del Diablo.

A topografia apresenta um relevo particular, com elevações que variam entre 10m e 50m de altitude. O ponto mais alto está representado pelo Cerro Buena Vista e que constitui um magnífico mirante natural.



Figura 13: Paisagem natural: dunas, vegetação e praias

A primeira abordagem legal para essa área de abundância natural aconteceu no final da década de 30 e início de 40, com o objetivo de conter o avanço das dunas sobre os campos de pastagem. Naquela época, o Governo entendeu que a resolução do problema passaria pela implantação de uma extensa área de reflorestamento. Essa ação foi ordenada pelo Ministério da Agricultura e Pastoreio, apoiado pelo decreto que criou o “Parque de Reserva Florestal” na área de Cabo Polônio e Aguas Dulces, em 1942.

Provavelmente não foram feitos estudos ambientais aprofundados naquela época para a tomada de tal decisão, tendo em vista que, através da introdução imposta de uma vegetação exótica em larga escala, a movimentação natural das dunas foi alterada, assim como sua fauna e flora.

Na seqüência dessa, as legislações posteriores mais relevantes foram:

O Decreto 266 de 1966 que declarou simultaneamente “*Monumento Natural*” ao sistema de dunas existentes entre Cabo Polônio e Punta del Diablo e “*Refúgio de Fauna*” para a Laguna de Castillos” (lagoa que se encontra nas imediações de Cabo). Assim como o primeiro decreto, esse dava continuidade ao processo de reflorestamento da região, completando mais de 2000 hectares de vegetação intrusiva.

Em 1976 a área de Cabo Polônio, que já era parte integrante da “*Reserva de Biosfera de Banhados do Leste*”, foi incorporada à rede de reservas do “*Programa o Homem e a Biosfera*” (Mab) da UNESCO.

O Decreto 12/990 de janeiro 1990 declarou “Reserva Turística Nacional” à área da costa oceânica do departamento de Rocha, compreendida entre o limite com o departamento de Maldonado, a *Ruta Nacional* Nº 9 e o Oceano Atlântico.

A lei 16.320 de 1º de novembro de 1992 estabelecia que o INAPE (Instituto Nacional de Pesca) teria a seu cargo a conservação e preservação de lobos, baleias, golfinhos e demais mamíferos marinhos; teria amplos poderes de polícia em todas as costas e ilhas do país e nas zonas de direito exclusivo de pesca. Essa lei procurou reparar os erros do próprio governo – de apoiador da indústria *lobeira* a defensor dessa e de outras espécies.

No mesmo ano, a lei 16.736 proibia a entrada de veículos motorizados à área, assim como a construção de novas moradias. Essa lei continua em vigor, de forma que somente veículos autorizados têm permissão de ingresso a Cabo Polônio.

Com relação às construções, essas foram, desde o princípio, implantadas em áreas estatais ou privadas, sem autorização. O censo de 1996 revelava a existência de 225 edificações, e com grandes possibilidades de expansão deste número. Para isso, o governo, além de impedir que novas fossem edificadas, promoveu, nos anos 1994, 1995 e 2001 a demolição de diversas residências existentes (30 construções, 45 e 23 respectivamente).

A lei nº 17.234, de fevereiro de 2000, regulamentava as Áreas Protegidas, declarava de ordem pública as disposições legais relativas à preservação, conservação, manejo e administração das áreas naturais protegidas e estabelecia os requerimentos necessários para o ingresso de Cabo Polônio ao Sistema Nacional de Áreas Protegidas. Complementarmente a essa lei, ainda é estabelecido o decreto 12/2003 da Junta Departamental de Rocha de setembro de 2003 que aprovou o Plano de Ordenamento e Desenvolvimento Sustentável da Costa Atlântica do Departamento de Rocha (“ordenamento costeiro”) e definiu a zona de Cabo Polônio como “Área de Interesse para a Conservação - Área Protegida”.

Foram feitas diversas análises e audiências públicas para que Cabo Polônio fosse definitivamente incorporado ao Sistema Nacional de Áreas Protegidas. No corpo do texto que definia a sua proposta de ingresso, especificava sua justificativa principal:

“Os singulares valores naturais e histórico-culturais associados a toda a área de Cabo Polônio, assim como o potencial de um crescimento demográfico descontrolado e um desenvolvimento turístico desorganizado, justificam a adoção de urgentes medidas de manejo que assegurem a proteção de todos os

ambientes e ecossistemas assim como o uso sustentável de diferentes recursos.”¹⁰⁹

No dia 20 de julho de 2009, o ministro de “Vivenda e Medio Ambiente” do Uruguai anunciou a ampliação da proteção ambiental da reserva de Cabo Polônio. O decreto sancionado estabelece que tal área passa a ser definida como Parque Nacional dentro do Sistema de Áreas Protegidas e destaca alguns pontos:

“(…) las medidas de protección de la zona limitan las visitas a las islas del entorno, repletas de fauna marina, salvo para investigar, y prohíben la actividad minera, arrojar residuos, sustraer objetos arqueológicos e introducir especies extrañas. (...) también quedan prohibidas la actividad pesquera, salvo la artesanal o la deportiva, y la emisión de ruidos que afecten el entorno sonoro (y) (...) se niega el permiso para la construcción en el litoral rocoso y en la playa y todas las construcciones deben estar sujetas a pautas de ordenamiento y control.”¹¹⁰

Obviamente que nem todos os interessados (moradores, ambientalistas, políticos e empresários) estão de acordo com todas as novas medidas a serem adotadas. Estudos, análises, discussões e divergências acerca das formas como serão aplicadas as normativas sempre farão parte do processo de proteção e manutenção da área.

Praia de Temporada

O contexto inicial no qual estava inserida a pesca e caça de lobos-marinhos era de natureza agreste e exuberante. A própria legislação subsequente, como visto acima, buscou, durante todo o século passado e ainda hoje, encontrar medidas de controle natural e humano sobre Cabo Polônio e a região litorânea.

109 Livre tradução para: MVOTMA, MGAP, MINTURD e Intendencia Municipal de Rocha. *Propuesta de ingreso del Área Protegida Marino-Costera de Cabo Polonio al Sistema Nacional de Áreas Protegidas*, 2006, p. 02.

110 <http://www.eluniversal.com.mx/notas/613530.html> - Montevideu, 20 de julho de 2009, 16:30hs.

A distância do lugar, a falta de um acesso consolidado e de qualquer infra-estrutura fazia com que o desenvolvimento, ou melhor, a apropriação desta natureza pelo homem fosse muito gradativa.



Figura 14: Cabo Polonio 1940

Em 1935, construiu-se a primeira casa de habitantes temporários. A partir daí, foram construídas algumas residências transitórias. Na década de 1940, cria-se o primeiro hotel da zona (inexistente hoje), aproveitando o potencial turístico até então inexplorado.

Cabo foi seguindo, assim, como um pequeno povoado composto por trabalhadores da pesca artesanal, da lida com os lobos e do farol até finais da década de 70, contando com pouco mais que 30 moradores permanentes e algumas residências de veraneio.

Refúgio Juvenil

Desse período em diante, não apenas essa fração do litoral uruguaio passa a sofrer modificações e sim o país como um todo.

Foi no ano de 1973 que a sociedade uruguaia, de hábitos plenamente democráticos, recebe um forte impacto em todos os seus âmbitos: a imposição de uma ditadura militar.

Essa intempérie vivida também, por outros países vizinhos (como mencionado no capítulo “A Partida”), determinava a privação dos direitos fundamentais, promovia o controle absoluto das ações cotidianas, a censura da imprensa e a perseguição a pessoas contrárias ao regime, inclusive artistas. A repressão às manifestações públicas, principalmente aos jovens, era feita de maneira forte e até mesmo brutal.

O país modificou radicalmente seu cotidiano. Todas as ações eram vigiadas. Conversas, reuniões, encontros de familiares e amigos, tudo era alterado para que não fossem interpretados de maneira equivocada e sofressem represálias sem justificativas.

Então, encontrar refúgios seguros, longe de toda essa situação foi uma alternativa encontrada pela juventude para, de alguma maneira, dar prosseguimento a sua vida em tempos tão difíceis.

Cabo Polônio tornou-se um desses lugares.

Lá estavam localizados os principais componentes para a escolha do espaço pela juventude: a paisagem inóspita do lugar, o isolamento relativo e o pouco controle exercido sobre ele: “... íbamos a acampar (sobre todo en verano) en pequeños grupos con un perfil político de izquierda. Allí encontrábamos un refugio de libertad en tiempos de dictadura militar.”¹¹¹

A ditadura se manteve no poder até 1985. Cabo Polônio também se manteve por todo esse tempo e ainda depois como o abrigo natural, transformando-se em lugar de visita freqüente e crescente de jovens (naquele período em número de 200 ou 300). Parte desses jovens viveu ali alguns meses, outra parte chegou a permanecer alguns anos, denotando a partir daí um ar boêmio e alternativo a esse povoado.

A década de 80 se configurou como o período áureo para aquele lugar de comunhão da natureza com o ser humano. Um ambiente de trocas, de convivência, de interação sem sobreposição de uns ou outros componentes daquele sistema holístico.

111 Depoimento do arquiteto Rafael Cortazzo.

A Chegada



34°22' S, 53°47'59" W

Não era uma ilha, mas isolava-se como se fosse. As muralhas naturais eram erigidas de grãos de areia, centenas de milhões deles. Dunas, que separavam aquele lugar do resto do mundo, também o tornavam diferente todos os dias. A cada instante, a ação do tempo e a imposição do vento delineavam novas sinuosidades à paisagem.

...

Desde o limite mais externo, ao meio do povoado, percorreram-se sete quilômetros de curvas, de estrada de areia dura, esburacada, ladeada por vegetação – piso bege, paredes verdes, teto azul. O percurso não era retilíneo, mas parecia igual a todo tempo, monótono. O tempo cronológico era fácil de medir: quarenta minutos de viagem. O tempo psicológico um pouco se perdia, nas expectativas criadas antes, nas conversas com outros que distraíam o pensamento e na ansiedade de chegar.

Então o cenário mudou: saíram as paredes verdes, ampliou-se o horizonte e no foco central apareceu o mar. Aí a composição mar e areia pareciam competir com o céu... todos pareciam infinitos.

Poucos metros depois, e mudou novamente... uma curva de noventa graus à esquerda e o foco, finalmente, torna-se o povoado.



Figura 6: terra à vista

A porção de terra que avançava sobre o mar tinha em sua base ora dunas de areia clara, ora relva verde-desbotado, resultado de geadas intensas que ainda queimavam, mas que eram típicas daquela época do ano, naquele

lugar. Da base que tocava o mar até seu ponto mais alto, eram algumas dezenas de metros, e nessa superfície estavam espalhadas umas centenas de casas. Da distância que me encontrava naquele momento, só conseguia identificar que eram pequenas e brancas e a primeira imagem que relacionei à aquele visual era de encostas mediterrâneas, não fosse o farol cor de ladrilho que se destacava do conjunto.

Agora plana e quase reta, a estrada era a própria praia e o mesmo vento forte que deslocava as dunas, encrespava o mar. A paisagem era insólita, desértica, um verdadeiro cenário. Mas o vento que avançava do mar era real, intenso e adentrava por todas as frestas, por todos os poros.

Então a chegada.

A parada final acontece num pequeno campo, no meio do povoado. Não era uma praça, mas era o ponto que todos esperavam para chegar e para partir. A palavra “todos” bem que poderia ser substituída por “poucos”. Não mais que meia dúzia de pessoas circulava por ali. Com todo aquele frio congelante era fácil de entender. O desejo de qualquer um naquele momento certamente era de estar no abrigo, em algum invólucro.



Figura 7: casas do vilarejo

Quase acostumado com a temperatura, o olho mira em volta. As casas não são todas brancas. Várias são, mas tantas outras são coloridas, pintadas, enfeitadas. Possuem desenhos, textos, espelhos, garrafas enfiadas, bandeiras, coleções de materiais diversos pregados lado a lado. Janelas minúsculas, gigantes, horizontais, circulares, altas, baixas, mas sempre fechadas. Telhados inclinados, muito ou pouco, uma, duas ou mais águas. Paredes de alvenaria,

madeira, compensado e às vezes de papelão. Em comum possuíam a base completamente agarrada ao solo e tanta diferença até as tornava parecidas.



Figura 8: garrafas, janelas, alvenaria, madeira

A entrada em uma daquelas casas pareceu a entrada em um portal. O ouvido se acostumou com o assvio incessante do vento e o corpo voltou à temperatura normal, aquecido pelas labaredas que saíam da lareira, ininterruptamente, durante todo o inverno. As surpresas e descobertas continuavam. As noites de inverno de lá provocavam momentos intensos de sociabilidade. Nas poucas casas habitadas naquela época do ano, os sotaques se multiplicavam e se misturavam. Era em torno da lareira que todos ficavam - não mais iluminados pelo sol, mas por velas - e onde eram contadas as histórias do lugar pelos moradores (nativos ou não) e ouvidas pelos visitantes das diversas partes do mundo. No “cuaderno de recuerdos”, ainda mais memórias eram registradas: autenticações escritas da passagem - de algumas horas, dias ou alguns meses - por lá...



Figura 9: iluminação por velas, aquecimento pela lareira

Um novo dia começava cedo e era a oportunidade para novas descobertas. Uma breve observação no entorno e as características que antes foram percebidas nas edificações começam a aparecer no lugar como um todo. Com exceção da estrada que fazia a ligação com “o mundo exterior”, não se

identificava nenhum outro percurso definido, marcado. Os caminhos percorridos eram feitos nas mais variadas direções, a princípio sem uma regra definida, mas quando observados com mais atenção, percebia-se que eram feitos de acordo com os itinerários específicos de cada transeunte, para cada momento e objetivo determinados por quem os fazia. Mas, diferentemente do de um palimpsesto, que aceita e mantém de alguma forma as diversas camadas de marcações sobrepostas em sua superfície, as marcas efêmeras deixadas no chão duravam o tempo suficiente para que alguma rajada de vento movimentasse os grãos de areia e encobrisse as pegadas de minutos atrás.

Também diferentemente de todas as outras apropriações de espaço feitas pelos conterrâneos mais próximos ou mais longínquos, as casas eram dispostas com certa aleatoriedade, não obedecendo a nenhuma regra específica de composição formal do espaço. Eixos, simetrias, hierarquias, ritmos. Não eram esses os princípios de ordem que regulavam aquele espaço. A disposição desta ou daquela casa tinha como premissa muito mais as relações com o meio – o vento, os visuais, a proximidade ou distância com o mar, com o farol – do que as organizações espaciais que poderiam ser formadas enquanto conjunto.



Figura 10: geografia e edificações

Os limites físicos eram os limites geográficos – a duna, o mar, as pedras – e não havia cercas nem marcações de terrenos – as casas estavam fixadas no solo comum.

Este certo exotismo do espaço físico definia, ou melhor, era definido por uma convivência social ainda mais distante dos padrões habituais e das convenções pré-estabelecidas de uma sociedade convencional. As principais

formas de sociabilidade passavam no interior das residências. Predominava certo individualismo nas relações e também não havia organizações políticas ou sociais. Das poucas funções tradicionais da economia local, essas eram dependentes das conexões vindas de fora. Essas e muitas outras características ainda cambiavam conforme as variações de dia e noite, variações de inverno e verão, das marés, da lua e, como em outras partes do mundo, de decisões externas de poder que, na maior parte das vezes, independia que quem lá vivia.



Figura 11: sociabilidade

De volta ao ponto de chegada e partida e, mesmo depois, ao percorrer pelo mesmo caminho da ida, as imagens daquele cenário único, insólito, reverberavam incessantemente...

Agora, distante física e temporalmente daquele lugar, as representações mentais e lembranças chocam-se com o presente e tornam-se ora mais turvas, ora mais nítidas. Por vezes quase duvidando da realidade de tais vivências e as confundindo com um sonho ou com alguma história escrita em algum livro antigo.



Figura 12: utopia

Essa viagem poderia ter sido imaginária, assim como Platão imaginou Atlântida e Tomas Morus, Utopia. Mas foi real. Sendo real, poderia ter sido feita nos anos 50 ou 70. Mas foi recente. Mais precisamente em julho de 2006. Aquele lugar poderia estar

no sul da África, no Leste Europeu ou no Japão. Mas está ao Sul da América do Sul, no Departamento de Rocha, no Uruguai.

E se chama Cabo Polônio.

A descoberta desse novo lugar – de história, sonho e realidade – suscita a dúvida, o aprofundamento e o questionamento de lá (o outro lugar) e daqui (onde vivemos); instiga novas possibilidades e desafia as idéias pré-estabelecidas.

A viagem utópica segue seu caminho e chega ao seu destino final:

De malas prontas (carregando a história da utopia) e conhecidas algumas de suas características históricas, geográficas, legais e sociais, chega o momento de desembarcar no povoado, desbravar seus espaços, conhecer a sua gente, seus detalhes pitorescos e retornar com ainda mais bagagem – as experiências vividas, contadas, lidas e repassadas.

O deslocamento provoca, instiga, impulsiona o aprendizado com o diferente. O retorno faz refletir sobre nosso tempo, contrasta nossos padrões, compara nossas formas de viver e as decorrências de histórias distintas.

O povoado distante, o lugar “exótico”, a terra “de outros” faz-nos repensar sobre nossos desejos e projetos de cidades ideais e reais, sobre a valorização das culturas, através de outras arquiteturas, de outros contextos, questionando conceitos e estabelecendo novos significados a eles.

Dicotomias de Cabo Polônio



Figura 1: casa “Liberté”

“J’ai, pour ma part, découvert ce havre de paix en 1997. Mon amour pour cet endroit et pour ses habitants n’a jamais cessé de croître depuis lors. C’est un monde de liberté où le troc est encore largement utilisé. Beaucoup d’idéalistes rebelles ont fait de Cabo Polonio leur base arrière. C’est un île de liberté dans un monde chaque fois plus contaminé par la société de consommation. (...) Un endroit de rêve pour tout amoureux de la nature. Des lumières presque mystiques qui donnent au paysage une force et une dynamique uniques, renforcées dans nos coeurs par cet excellente odeur de LIBERTÉ si envoiivante, si rare. Stef.”¹¹²

Cabo Polônio, como já se viu nas páginas anteriores, é um lugar especial. Suas características particulares expressam dicotomias que acentuam ainda mais a referência de refúgio, de isolamento físico e temporal, ao mesmo tempo em que promovem um encontro.

Nesse sentido, as comparações se tornam inevitáveis, seja de Cabo na relação com o mundo - da estrada de acesso pra fora, na maneira com que foram implantadas suas casas, nas relações que se estabelecem interna e externamente, nos dias e nas noites...

112 <http://www.lanacelle.fr/galerie/stephane-san-quirce/introduction.html>.

Tradução: “Eu descobri este refúgio de paz em 1997. Meu amor por este lugar e por seu povo jamais cessou de crescer desde então. É um mundo de liberdade onde o escambo ainda é amplamente utilizado. Muitos idealistas rebeldes fizeram Cabo Polônio sua retaguarda base. Trata-se de uma ilha de liberdade em um mundo cada vez mais contaminado pela sociedade consumista. (...) Um lugar de sonho para todos os amantes da natureza. As luzes quase místicas que dão à paisagem uma força e uma dinâmica únicas, reforçadas em nossos corações pelo excelente cheiro de LIBERDADE tão divertido, tão raro. Stef”

Implantação: Leis das Índias e Traçados Efêmeros

(...) diferentemente de todas as outras apropriações de espaço feitas pelos conterrâneos mais próximos ou mais longínquos, as casas eram dispostas com certa aleatoriedade, não obedecendo a nenhuma regra específica de composição formal do espaço. Eixos, simetrias, hierarquias, ritmos. Não eram esses os princípios de ordem que regulavam aquele espaço. A disposição desta ou daquela casa tinha como premissa muito mais as relações com o meio – o vento, os visuais, a proximidade ou distância com o mar, com o farol – do que as organizações espaciais que poderiam ser formadas enquanto conjunto. (...)



Figura 2: Vista aérea e os infinitos caminhos possíveis

O traçado urbano que compõe essa área predominantemente pública deveria seguir, de alguma maneira, alguma das regras que norteiam todas as cidades, vilas ou povoados do Uruguai (as Leis das Índias não atravessaram as dunas). Deveria seguir se tivesse algum objetivo formal. Mas não tem. E seria até mais adequado se o chamássemos de “traçado humano”.

Essa área está contida por seus limites naturais – mar, dunas e céu – e contém provavelmente apenas um limite territorial – as cercas no entorno do farol. De resto, o que define o público do privado são as portas e janelas de cada residência.

Os caminhos que são percorridos durante o deslocamento entre quaisquer pontos do território, não foram projetados, não objetivam direcionar a um ponto focal, não consideram os pontos cardeais, não intencionam criar perspectivas, nem mesmo são feitos para durar.

São feitos, sim, por cada transeunte que passa, refeitos pelo que vem atrás, ou cobertos novamente pela areia, ou desaparecem por completo, com o nascer da grama. Somente alguns poucos permanecem, por serem os mais próximos a algum aglomerado de casas, por insistência.

Sem ruas, canteiros ou calçadas, cada casa está fixada no solo comum e voltada para a paisagem mais significativa para quem a construiu. Fachada principal voltada para o sol da manhã, para o mar, para o farol.



Figura 3: Visuais para casas, dunas, vegetação, o mar, pedras, farol e conjunto.

Arquitetura de partes e todo

(...) As casas não são todas brancas. Várias são, mas tantas outras são coloridas, pintadas, enfeitadas, possuem desenhos, textos, espelhos, garrafas enfiadas, bandeiras, coleções de materiais diversos pregados

lado a lado. Janelas minúsculas, gigantes, horizontais, circulares, altas, baixas, mas sempre fechadas. Telhados inclinados, muito ou pouco, uma, duas ou mais águas, paredes de alvenaria, madeira, compensado e às vezes de papelão. Em comum possuíam a base completamente agarrada ao solo e tanta diferença até as tornava parecidas. (...)

De todas as características pesquisadas e listadas nas documentações para a preservação da área, o único item que não comparece é o relativo às edificações.

Ou, melhor dizendo, apenas o farol, que é tombado pelo patrimônio histórico, é descrito como a construção que merece ser preservada.

Obviamente que o aumento significativo de construções em um local de natureza sensível pode afetar – e já está afetando – o equilíbrio do ambiente. Mas não se pode desconsiderá-las. São integrantes daquela paisagem.

Partindo-se do pressuposto que possui características especiais, vários são os fatores que convergem no sentido da preservação desse conjunto.

Há de se considerar que parte dessas construções é de moradia. Pertencem a famílias que ali vivem há 40, 50 anos. Sua subsistência depende de sua estada no local da labuta – a pesca. Esta mesma comunidade que gerou ricas tradições culturais (tanto o saber-fazer da pesca quanto a construção de barcos e o artesanato) hoje auxilia no cuidado e preservação do local.

Outro fator importante diz respeito às suas características arquitetônicas e sociais. Se os materiais são trazidos de longas distâncias, com dificuldade, se a mão-de-obra é do próprio local e se o aproveitamento e a reciclagem de materiais são atitudes recorrentes na ação de edificar, também é recorrente o intuito estético embutido nessa ação.

São planejadas *in loco* as posições das aberturas para os melhores visuais; são inseridos elementos e detalhes para compor o ambiente interno a partir do externo (como vidros coloridos que filtram os raios do sol); são aproveitadas as cores e texturas disponíveis no momento da construção; assim como janelas, portas e chaminés que já estiveram presentes em outras casas.



Figura 4: Elevações das Edificações de Cabo (Cortazzo, Rafael Arq. relevamiento de unidades constructivas en Cabo Polonio - playa de la Ensenada, 2003.).

A maneira como é feito o trabalho de construção dessas casas pode ser comparada ao do *bricoleur*, classificado por Levy-Strauss como aquele que opera a partir de objetos que já tiveram outra utilização, construindo um todo a partir dos fragmentos.

“O bricoleur utiliza sempre meios e alternativas que evidenciam a ausência de planos preestabelecidos e não obedecem às normas adotadas pela técnica. Ele não fica subordinado à obtenção de matéria-prima e ferramentas. Ao contrário, usa da liberdade de sua fantasia para criar com o que consegue arranjar.”¹¹³

Para essa execução, o processo se torna sempre retrospectivo, quando o *bricoleur*

“(...) se volta para o conjunto daquilo que dispõe – sempre um subconjunto da cultura – constituído por utensílios e materiais, dialoga com eles, no sentido de captar as possibilidades que esses objetos heteróclitos lhe apresentam, a fim de compreender o que cada um deles poderia “significar”.¹¹⁴

113 ZALUAR, Amélia Maria. *A casa da flor: Uma tentativa de compreensão*. In: Fernando Freitas Fuão. (Org.). *Arquiteturas fantásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editora Faculdade Ritter dos Reis, 1999, p. 51.

114 LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus Editora, 1989, p. 34.

Essa forma de reconstruir e reinventar a partir do “mesmo de outros” gera um olhar diferenciado, afinal, tais arquiteturas “se afastam do habitual e andam fora do lugar, se apresentam como algo totalmente “desencaixado” do sistema de compreensão da arquitetura tradicional”¹¹⁵.

Em Cabo, cada casa produz um resultado diferente. O somatório de cada uma delas (assim como o somatório de cada parte da edificação) produz um todo heterogêneo, mas harmônico, simples e belo.

O ‘diferente’, o ‘exótico’ tomam ali outras proporções. Já que todo o lugar é regido por lógicas antagônicas ao contexto próximo, mesmo essas edificações-colagens parecem completamente integradas ao contexto.

É dentro de cada uma dessas casas que acontece a grande sociabilidade de Cabo Polônio, também uma bricolagem, porém não de restos de coisas, mas de todos humanos: uruguaios, brasileiros, europeus...



Figura 5: Pinturas, garrafas, madeira, alvenaria, madeira, pedras e mar.

Interior e Exterior

*(...) A entrada em uma daquelas casas pareceu a entrada em um portal.
O ouvido se acostumou com o assvio incessante do vento e o corpo voltou à*

115 FUÃO, F. Fernando. *O fantástico na arquitetura*. In: Fernando Freitas Fuão. (Org.). *Arquiteturas fantásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do rio Grande do Sul. Editora Faculdade Ritter dos Reis, 1999, p. 4.

temperatura normal, aquecido pelas labaredas que saíam da lareira, ininterruptamente, durante todo o inverno. (...)

A diferenciação entre inverno e verão e entre dia e noite são notáveis em Cabo Polônio. Mas, independentemente da estação ou hora do dia, as principais formas de sociabilidade passam no interior das residências. O clima geralmente frio e a insistência do vento influenciam em grande medida para essa maneira de conviver.

Os grupos se reúnem no entorno da lareira e a conversa segue permeando as principais atividades cotidianas. A ausência da energia elétrica dificulta algumas ações e diminui o conforto, mas contribui para essa sociabilidade.

Se externamente as residências se apresentam com elementos que as personalizam, internamente essa característica é ainda mais ampliada. Em cada canto um detalhe e cada detalhe com sua simbologia. É gerado um ambiente pitoresco e aconchegante, uma reunião interna de pessoas e objetos que se relacionam com o externo pelas miradas das janelas.

Da porta para fora, poucos são os espaços públicos agregadores. Com certeza a praia é o principal atrator, porém, por suas grandes extensões, a apropriação se torna rarefeita.



Figura 6: A “praça” e os detalhes internos de uma das casas

Contudo, há um espaço central, um campo no meio do maior aglomerado de casas, próximo à praia. Se considerarmos o conceito de praça como qualquer espaço público urbano livre de edificações que propicie convivência e/ou recreação para seus usuários, essa área pode ser considerada como tal. Neste local, quem vem de fora desembarca, quem vai embora espera pela sua condução. É o principal lugar de

marcação de encontros, de vendas de artesanato, é onde se cruzam os principais trajetos dos transeuntes, os trajetos definidos e os efêmeros.

Inverno e verão, dia e noite

(...) A paisagem era insólita, desértica, um verdadeiro cenário. Mas o vento que avançava do mar era real, intenso e adentrava por todas as frestas, por todos os poros. (...)

O inverno intensifica as relações sociais nas residências. Isso é justificado por suas baixas temperaturas – os meses de junho e julho têm uma média de 11°C – e pela presença de um componente importante da dinâmica costeira: o vento. Ele é formado pelo anticiclone que se situa de forma semi-permanente sobre o Atlântico Sul, influenciando não somente a vida humana como a vegetação, a fauna e, principalmente, a conformação dunar e circulação das areias.

Neste período do ano a visitação de turistas é resumida praticamente aos finais de semana e parte das moradias que voltam à atividade pertencem aos moradores das redondezas e de Montevideú.

O aumento da temperatura e a proximidade com feriados ou férias escolares transformam radicalmente o visual de Cabo Polônio: há pessoas circulando por todas as partes, aproveitando a praia, enchendo bares que no inverno estavam fechados, movimentando o comércio de artesanato próprio e o que vem de fora. A música sai do interior das casas e vai para o enorme “pátio coletivo”.



Figura 7: Inverno e verão em Cabo Polônio.

Esse pátio busca as referências do mar e das dunas durante o dia. Os trajetos orgânicos de cada um podem ser feitos pela areia ou pela grama que, juntamente com o céu, ampliam os horizontes e destacam o contraste entre natureza e construído.

A chegada da noite minimiza as tonalidades terrestres e enfatiza seus contornos. Mas é o céu que demonstra suas principais matizes. E, com o tempo, também elas desaparecem para, na noite, convergirem os olhares para os dois pontos móveis luminosos: a lua e o farol de Cabo Polônio.



Figura 8: Dia e noite em Cabo.

Essas diferenças e contrastes despertam o interesse pelo lugar. Quem o visita as percebe, e ao retornar as divulga, distribui a outros que também acabam por querer conhecer.

Assim Cabo Polônio permanece em seu estado “real”, recebendo novos visitantes a cada ano e “imaginário” nas lembranças de quem por lá passou e nos desejos de quem não conhece, mas para lá quer ir.

Utopias e Cabo Polônio

“(...) a representação do mundo é, ela também, parte constituinte da realidade, podendo assumir uma força maior para a existência que o real concreto.”¹¹⁶

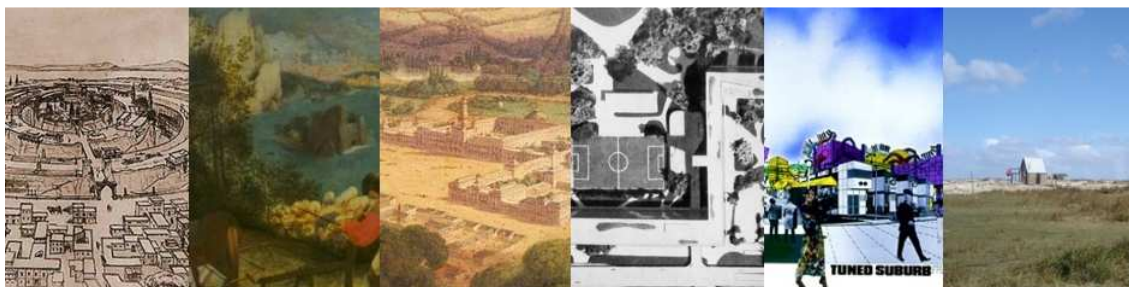


Figura 13: Utopias Urbanas

Feitas as viagens a cada período marcante da história dos ideários urbanos e percorrendo pelo universo da península uruguaia, chegou o momento de aproximar as utopias, tanto as escritas (Atlântida e Utopia), as projetadas (*Ville Contemporaine* e *Plug in City*), quanto as realizadas (Falanstérios e Cabo Polônio).

Categorizar como escritas, projetadas e realizadas é uma das maneiras de se fazer tal aproximação, mas esta classificação não pode ficar congelada em apenas um momento de sua expressão.

A utopia escrita por Platão pode ser definida por seu texto. Observando com mais atenção, todavia, as informações compositivas e geométricas descritas por palavras relacionam-se diretamente com os traços, com desenhos, com projetos. Mesmo a Utopia, texto literário de Tomas Morus, é fortemente influenciado pelos projetos renascentistas de sua época, e esses, anteriormente influenciados por Vitruvius.

O mesmo acontece com as cidades modernas projetadas por Le Corbusier. Suas idéias foram difundidas e concretizadas em diversos lugares do mundo, tendo como principal exemplo de realização completa a capital de nosso país. Ou ainda os

116 PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade – UFRGS, 1999, p.8.

projetos ditos revolucionários ou inexecutáveis do grupo Archigram. Eles podem, ainda hoje, serem traduzidos em forma de texto e virarem conceitos para novos projetos.

Ou ainda utopias ditas realizadas, como os falanstérios de Fourier. Elas foram, num primeiro momento, conceito; depois projeto. Edificadas e testadas, voltaram ao plano das idéias e das reflexões.

Cabo Polônio não chegou a ser texto, nem desenho, foi direto à realização. Mas agora passa por análises e reflexões, tanto de ordem acadêmica, políticas e institucional quanto de ordem social, através de discussões sociais de moradores e freqüentadores do local. O resultado desse novo enfoque possivelmente gerará um projeto de manutenção do seu ambiente, das suas formas de moradia e visitação, da sua utopia.

Outra forma de classificação pode ser definida pelos períodos cronológicos das suas criações. As utopias coincidem com suas formas de expressão, ou, melhor explicitado por Colin Rowe:

“A este propósito, y en particular puesto que estamos hablando de ciudades, hay dos historias: la primera es la de “la utopía clásica, la utopía crítica, inspirada por una moralidad racional y unas ideas de justicia universales, la utopía espartana y ascética que ya había muerto antes de la Revolución Francesa, y la segunda es de la utopía activista de la post-ilustración.”¹¹⁷

Nessa classificação, pertenceriam, ao primeiro grupo, as obras de Platão e Morus e, no segundo, as demais.

Mesmo que apresentadas de formas diferentes em cada época, as utopias urbanas, as representações de cidades ideais sempre estiveram presentes, de alguma maneira, em todos os períodos da história das cidades reais.

117 ROWE, Colin & KOETTER, Fred. *Ciudad Collage*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1982, p.19.

Critérios Comparativos

Alguns autores, ao estudarem essas propostas de cidades, identificaram características em comum que permeiam a grande maioria delas. Patrice de Moncan em seu livro *Cidades Sonhadas*, citado por Bárbara Freitag¹¹⁸, destaca algumas: o isolamento, o tamanho ideal, a geografia, as características urbanas sociais, de poder e os ideais de cada uma delas¹¹⁹.

Isolamento

“Pois então, disse eu a Rafael, fazei-nos a descrição dessa ilha maravilhosa. Não suprimais nenhum detalhe, suplico-vos. Descrevi-nos os campos, os rios, as cidades, os homens, os costumes, as instituições, as leis, tudo o que pensais que desejamos saber, e, acreditai-me, esse desejo abarcar tudo que ignoramos.”¹²⁰

A grande maioria das utopias era situada nos algures da imaginação, em alguma ilha distante, em algum lugar não identificável. Atlântida enquadrava-se perfeitamente nessa situação. Até hoje a localização dessa ilha não é considerada exata: possivelmente uma porção de terra perdida entre a Líbia e a Ásia. Mais distante ainda de uma determinação de qualquer posição está a ilha de Utopia: uma terra desconhecida. Os falanstérios, propostos por Fourier, não tinham essa conotação “imaginativa” de uma localização incerta. Tinham sim a proposição de distanciarem-se das grandes metrópoles, criando bolsões periféricos de comunidades auto-sustentáveis no campo. Suas experiências urbanas foram testadas primeiramente em Guise, na França e, posteriormente, em campos retirados na Bélgica, nos Estados Unidos e no sul do Brasil.

Os projetos de cidades modernas pressupunham um novo modelo urbano. Esse modelo preconizava a criação de uma cidade, de preferência, a partir de um ponto zero. As existentes não poderiam cumprir em sua completude todas as premissas

118 FREITAG, B. R. *Utopias urbanas*. In: César Barreira (org.). *A sociologia no tempo: Memória, imaginação e utopia*. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 218.

119 Ver tabela-resumo no anexo.

120 MORUS, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Editora Escala, 2000, p.72.

necessárias para a implantação de um novo sistema de circulação e divisão de funções. Alguns desses projetos foram implantados com o distanciamento necessário para que pudesse expandir e influenciar os novos espaços a serem criados. É o caso da Brasília de Lúcio Costa e da Chandigarh de Le Corbusier.

O único exemplo estudado contrário a essa premissa utópica é dos projetos do Archigram. O grupo de arquitetos propunha exatamente o contrário. As cidades compostas por equipamentos, máquinas de morar e megaestruturas seriam conectadas com as outras ou ainda conectoras de cidades existentes. Poderiam se deslocar até encontrar melhores condições de estabelecimento ou serem os veículos comunicadores de cultura das grandes metrópoles aos pequenos municípios.

Cabo Polônio consegue, mesmo no século XXI, permanecer com um considerável isolamento. A dificuldade de acesso ainda imposta pela natureza (as dunas como muralhas de areia por um lado e a imensidão do mar pelo outro) e pelo homem (a proibição de acesso de veículos particulares) distancia o povoado do resto do mundo. Essa distância, esse isolamento se tornou necessário e formador da própria utopia de Cabo, quando o lugar se tornou possibilidade de refúgio em tempos de cerceamentos de liberdades nos momentos difíceis da ditadura uruguaia. E, na seqüência de sua história, constituinte de suas características enquanto alternativa de vida urbana.

Tamanho Ideal

“a) Arranha-céu: 3.000 habitantes por hectare.

b) Loteamentos com reentrâncias: 300 habitantes por hectare.
Residência luxuosa.

c) Loteamentos fechados: 305 habitantes por hectare.”¹²¹

Os idealizadores das utopias tinham a convicção de que, com o controle da densidade e do número de habitantes, poderiam estipular as condições ideais de vida para um determinado território. Esse número estaria relacionado com as formas de se deslocar nele, as proporções que deveriam regular os espaços abertos e fechados, a

121 LE CORBUSIER. Urbanismo. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 2ª. Edição, p.163.

produção agrícola, industrial e de serviços que seria necessária para a manutenção dessa população, etc.

Le Corbusier definia que uma cidade com as características ideais de desenvolvimento teria aproximadamente três milhões de habitantes. Essa população seria distribuída de forma heterogênea no tecido urbano. Isso incentivaria a maior densidade em grandes torres para que o solo fosse liberado e utilizado por toda a população, com extensas áreas verdes e de recreação.

Para Charles Fourier, apenas 3.000 habitantes seria o número viável para que uma comunidade pudesse manter um alto grau de qualidade de vida. Distribuídos em diversas faixas de terras – que se tornam mais rarefeitas à medida que se aproximam da periferia – a principal concentração se daria no centro, no entorno do “edifício do povo”, o Falanstério.

A proposta de Morus para suas cidades, alguns séculos antes de Fourier, era de seis mil famílias. Esse número seria o mesmo para as 54 cidades que compunham a ilha de Utopia e controlado com rigor: toda vez que houvesse excedente, a população de uma cidade seria distribuída para as demais, com menor número de habitantes.

Um pouco menor que uma das comunidades de Morus era a cidade de Atlântida. Platão definiu para a cidade das Leis a quantidade de cinco mil e quarenta famílias, distribuídas nos diversos anéis de terra que eram separados por cinturões de mar, em toda sua extensão.

Diferentemente dos utopistas anteriores, os projetos do Archigram não especificavam números para cada um de seus projetos urbanos. Pelo contrário. Havia a possibilidade de anexar mais partes (e, portanto, mais pessoas) ao conjunto preexistente. Cada estrutura teria a quantidade de habitantes que fosse necessária e que os pudesse absorver. Assim como as cidades menores não precisariam aumentar seu contingente, pelo fato de poderem estar conectadas às maiores e receberem as informações, cultura e tecnologias necessárias num determinado momento.

Em Cabo Polônio, quem rege a variação de habitantes e/ou visitantes são as estações do ano. No inverno, são quantificados 72 moradores permanentes e alguns visitantes temporários. No auge do verão (que coincide com as férias), chegam a ser quase três mil turistas passando o dia no local. O número de pessoas vivendo em Cabo influencia menos que a concepção de vida desses habitantes. O objetivo comum de se

buscar um sítio afastado, em meio à natureza, com uma sociabilidade diferente – cada morador possui suas próprias regras e respeita às dos demais – é o verdadeiro enigma daquele lugar.

Geografia

“O terreno plano é o ideal. Em toda a parte o trânsito se intensifica, o terreno plano fornece as soluções normais. (...) O rio passa longe da cidade. O rio é uma estrada de ferro sobre a água, é uma estação de mercadorias, uma estação de triagem.”¹²²

Os projetos de cidades utópicas davam preferência à sua implantação em terrenos planos, sem relevo, para que elas pudessem expandir-se sem maiores dificuldades e para que seu traçado geométrico pudesse ser implementado em toda sua amplitude.

Essa recomendação projetual aparecia com grande ênfase no rol dos procedimentos enumerados pelas Leis das Índias, quando da fundação de novos povoados espanhóis, em meados do século XVI. Contradizendo a essa normativa, assim como a que dizia respeito a não utilização de áreas beira mar, Cabo Polônio distribuiu seu pequeno povoado em uma topografia razoavelmente acidentada, com elevações que variam entre 10 e 50 metros de altitude e com sua maior dimensão regulada pelos contornos do mar. A geografia natural rege o espaço urbano, define as ocupações, delimita ações e conforma o conteúdo urbano.

O mar também é o definidor dos limites externos da ilha de Utopia: “(...) a ilha inteira se arredonda em um semicírculo de quinhentas milhas de arco, apresentando a forma de um crescente, cujos cornos estão afastados onde mil passos aproximadamente. (...) O mar enche esta imensa bacia (...)”¹²³ Também a topografia é importante para a distribuição urbana, tendo em vista que as 54 cidades que compõem o conjunto são praticamente iguais é importante que o terreno tenha a mesma configuração – seja plano.

122 LE CORBUSIER. Urbanismo. Op. Cit., p.157.

123 MORUS, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Editora Escala, 2000, p. 74.

Atenas, que foi o mote para a história platônica de Atlântida, seguia a forma de apropriação do espaço como todas as cidades gregas:

“A cidade, em seu conjunto, forma um organismo artificial inserido no ambiente natural, e ligando esse ambiente por uma relação delicada; respeita as linhas gerais da paisagem natural, que em muitos pontos é deixada intacta, interpreta-a e integra-a com os manufaturados arquitetônicos.”¹²⁴

A própria Atlântida possuía seu território permeado dessa relação entre natural e construído, dispondo do relevo em aclave para receber sua acrópole e dos anéis de terra e mar dispostos em círculos circunscritos uns aos outros, através da modificação da natureza.

Os projetos dos falanstérios propostos por Fourier possuíam uma relação ainda mais estreita com a natureza. Ela era a reguladora e mantenedora de todo o conjunto. Porém, ao se escolher uma área rural para iniciar a construção de uma comunidade, era levada em conta a regularidade de seu terreno como facilitadora da expansão.

Os projetos de cidades modernas também privilegiam esse mesmo quesito na escolha do lugar. A cidade localizada em terreno plano possibilita um crescimento ordenado e mais econômico, conexões viárias mais simples e maior variedade na disposição dos equipamentos urbanos.

Já para os projetos do Archigram e muitos dos arquitetos seus contemporâneos, a geografia não era impeditiva para a construção ou crescimento das cidades. As estruturas por eles propostas poderiam adaptar-se à topografia e transpor as barreiras impostas pela natureza – e pelo próprio homem – através da tecnologia e dos novos equipamentos e engrenagens que poderiam se utilizar da terra, da água ou do ar.

Urbanismo

124 BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003, p.80.

“As ruas-galerias constituem um método de comunicação interna que por si só bastaria para desdenhar os palácios e as belas cidades da civilização. Quem quer que tenha visto as ruas-galerias de uma falange, contemplará o mais belo palácio civilizado como um lugar de exílio, um solar de toldos que, em 3.000 anos de estudos sobre a arquitetura, não aprenderam ainda alojar-se sã e comodamente.”¹²⁵

O edifício principal da composição urbana proposta por Fourier é denominada falange, e ele se localiza no primeiro dos três círculos concêntricos que contém a cidade central. O segundo círculo, mais externo ao primeiro, é o limite das fábricas e cercanias e o terceiro contém as avenidas e o subúrbio.

O mesmo partido é utilizado quase dois mil anos antes por Platão, quando também circunferências, no caso, anéis concêntricos, o definiam. As funções da cidade também estavam dispostas, em grau de importância, do centro para a periferia: os edifícios públicos (palácio, fonte e santuário) estavam no centro e as edificações de habitações em anéis mais afastados.

Morus, seguindo a mesma linha dos projetos renascentistas, propôs plantas urbanas compostas de malhas com forma ortogonal e divisão da cidade em quatro quarteirões iguais, localizando, em seu centro, o mercado com todos os produtos de necessidade básica.

Para Le Corbusier, mais do que um resultado formal pré-determinado, as cidades modernas deveriam contemplar os novos conceitos urbanísticos: a análise das funções que se desenvolvem na cidade (habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito e circular em espaços específicos, porém conformando a continuidade da cidade-parque); a definição dos mínimos elementos para cada uma das funções urbanas (o modular, por exemplo) e a busca dos modelos de agrupamento entre os elementos funcionais e suas relações de escala (da casa à cidade).

A contraposição a essa predeterminação de funções teve reflexo nos projetos de diversos arquitetos ou grupos no período posterior ao modernismo. O Archigram não mais propunha a separação das diversas funções da cidade e sim a aglutinação e

¹²⁵ CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 74

articulação de todos os elementos, com o auxílio da composição formal e da tecnologia.

Em Cabo Polônio também as funções estão miscigenadas no povoado: a pesca, a moradia e o pequeno comércio, como as cidades tradicionais pré-modernas. O urbano responde diferentemente do que outros lugares. As formas orgânicas, assimétricas e efêmeras de sua composição contradizem o passado tradicional de formação de cidades hispânicas a partir do traço, da reta, da simetria. A autoria coletiva dessa utopia não regula formas e funções, propõe sim, um espaço de simbiose natural, um caráter específico de cada edificação e uma estima pela liberdade.

Sociedade e Ideais

“(...) as utopias são <quiméricas> no sentido em que tomam a seu cargo as aspirações de uma vida social lógica, coerente e transparente, e no sentido em que se supõe a existência de sociedades indefinidamente transformáveis e racionalizáveis. Ora, muito simplesmente estão não o são. (...) Dito isso, as utopias não deixam de ser realizáveis. (...) As utopias ganham em <realidades> e em <realismo>, na medida em que se inscrevem no campo das expectativas de uma época ou de um grupo social e, sobretudo, na medida em que se impõe como idéia-guia e idéia-força que orientam e mobilizam as esperanças, ao mesmo tempo que solicitam as energias coletivas.”¹²⁶

Os utopistas urbanos imaginavam dispor um ambiente ideal para que a sociedade em questão pudesse viver da forma mais perfeita, harmônica e livre dos defeitos das cidades e sociedades históricas em que eles viviam.

A democracia postulada por Platão (diferentemente que a praticada em Atenas) visava à divisão desigual de obrigações e recompensas, de privilégios e honras, de acordo com as diferenças determinadas pela riqueza, pela força e pela inteligência de cada indivíduo. Sua lenda foi usada para descrever uma sociedade ideal, governada somente pela razão e destruída em razão de seus próprios vícios. Ou seja, era um modelo para inspirar os cidadãos atenienses de sua época.

126 BACZKO, Bronislaw. *Utopía. Los Imaginarios Sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991, p. 393

Tomas Morus propôs um modelo de sociedade que visava à distribuição igualitária dos bens, à ênfase no trabalho digno, ao planejamento da produção econômica, ao pluralismo religioso. Acreditava que uma sociedade ideal seria aquela em que a população fosse reinada pela liberdade e igualdade, paz e ordem, justiça e pela lei. E seria possível pela supressão da causa da desigualdade (a propriedade privada da terra com seus privilégios) e pela supressão das facções e dos conflitos (o Estado como instância separada da sociedade e as igrejas, portadoras da intolerância religiosa).

A sociedade ideal que propunha Charles Fourier e seus seguidores era organizada de tal forma que as classes sociais pudessem viver em harmonia e tivessem interesses comuns acima da exploração ou da busca incessante pelo lucro. Fourier tinha a crença que resolveria todos os problemas da sociedade através da elaboração de um complexo sistema de organização social. A extensa rede de falanstérios seria a base da transformação social que, por meio da experimentação, daria origem a um novo mundo.

Le Corbusier e outros modernistas acreditavam que um estilo e uma prática internacionalizados ultrapassariam as fronteiras geográficas e temporais e ofereceriam uma realidade nova para a humanidade, um ideário positivo da cientificidade e do progresso tecnológico a serviço de uma sociedade a partir de então, perfeita.

O grupo de arquitetos Archigram propunha uma sociedade mais dinâmica, conectada - física e virtualmente - através do respaldo da alta tecnologia e dos avanços da ciência. As cidades conceituadas e desenhadas exaltavam a estética da máquina, exploravam a tecnologia avançada para criar ficções científicas (que remetiam a movimentos artísticos) e propunham soluções alternativas para os antigos problemas das cidades industriais, também tão questionados pelo modernismo.

Cabo Polônio não foi um projeto criado ou uma estória inventada por algum teórico ou urbanista. Cabo foi e é um lugar ideal escolhido por grupos distintos (moradores, pescadores, hippies e turistas) que vivem (por dias ou anos) em harmonia em um espaço comum, sem instituições ou organizações sociais. Essa autoria coletiva de uma utopia real transformou Cabo num lugar diferente e especial: do refúgio e do encontro.

Novas Utopias para Cabo

“Las ideologías están muertas, nos dice, en cuanto son meras utopías.’ Eslóganes como éstos revelan y avalan todo lo contrario: la vitalidad de la estructura ideológica, de la que la utopía es una especie de maquete cuyo autor –en la utopía siempre hay un autor– ha pasado por alto todas las condiciones de tiempo y de lugar en que debiera advenir la perfección a que aspira, como ideólogo.”¹²⁷



Figura 14: painéis do Concurso a5tap * IPAT CP - 12 SEGUNDOS + *¹²⁸

Nômades pré-hispânicos, náufragos estrangeiros, pescadores, caçadores de lobos, jovens da ditadura de 1980, turistas europeus, compositores e poetas. Todos são personagens que fazem parte das muitas histórias que transcorrem no cenário único de Cabo Polônio.

127 GIANNINI, Humberto. *El lugar propio de la utopía*. Atenea (Concepc.). [online]. 2005, n° 491 p. 12.

128 Titulação das equipes do concurso a5tap * IPAT CP - 12 SEGUNDOS + *²: “Cabo Polonio... un rincón en el mundo”, “ReViviendo el Cabo Polonio”, “Ausencia”, “Huellas”, “Parque de arena y mar”, “Impacto 0”, “Mimesis vs equalizador local” e “Polonio Disperso”.

Antes de retornar dessa viagem, ainda cabem as reflexões sobre a atualidade das utopias urbanas, fundamentalmente sobre as de Cabo.

Ainda no Uruguai, mais surpresas se dão ao descobrir que, não apenas pesquisas de cunho governamental estão se desenvolvendo sobre aquela região costeira, mas, dentro do ambiente universitário, novos conceitos, críticas e propostas utópicas são feitos por jovens estudantes.

Em meados de 2008, a *Universidad de la Republica* (Farq - Udelar) realizou no seu atelier de anteprojeto 5 (*Taller Ángela Perdomo*), coordenado pelo professor e arquiteto Rafael Cortazzo, um concurso de idéias para Cabo Polônio. Oito projetos foram apresentados e a península uruguaia reaparece. São destacados seus contornos, reafirmadas suas características, planejadas novas possibilidades e apontados rumos para planejamentos posteriores.

Cada trabalho tem abordagens próprias, porém, todos eles possuem em comum diversos aspectos. Em todos, a natureza exuberante é enaltecida e a preocupação com sua preservação é considerada fundamental.

Os projetos partem do princípio de que, para se preservar um lugar, é necessário conhecê-lo e que sejam particularizados seus aspectos físicos, legais, econômicos e sociais. Eles, de maneira geral, identificam essas especificidades e as tornam os condicionantes primários para quaisquer que sejam as formas de



intervensões futuras.

Figura 15: Análise da vegetação e dunas (“Cabo Polonio... un rincón en el mundo”).

Todas as propostas reconhecem que o território é governado por diferentes sistemas naturais, com fundamental importância para o sistema dunar e oceânico, além das formações geológicas, fauna e flora. Consideram também que possui uma

média ou baixa antropização e se distingue por ser “uma área que se deixa percorrer livremente, sem nenhum limite entre o natural e o humano” ¹²⁹.

Algumas palavras que servem como predicativos do lugar, presentes em diversos trabalhos, acabam por se tornar as idéias-conceito de suas proposições: espontâneo, informal, desordenado, disperso, dinâmico, incomum. Os novos sistemas a serem implantados no lugar devem respeitar essa lógica, o *genius loci* e as mutações naturais impostas pelo tempo.

Espontâneo, informal.

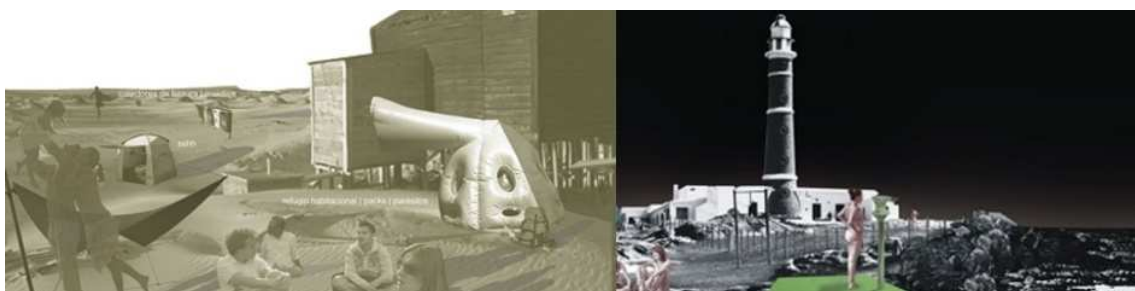


Figura 16: Apropriações espontâneas do espaço (“Huellas” e “Polonio Disperso”).

Assim como é a natureza presente em Cabo Polônio, as novas inserções devem se adequar ao espaço e não se sobreporem a ela, não repetindo o engano cometido nos finais de 1930, quando a imposição de um reflorestamento prejudicou o sistema dunar e a flora preexistentes.

As propostas apresentadas pelos alunos uruguaios buscam seguir a espontaneidade do lugar, criando dispositivos sutis ou provocativos, fazendo com que o visitante descubra novos visuais e novas formas de sociabilidade. Propõe o retorno à configuração inicial, através da remoção da vegetação exótica e da proteção ambiental, para que a natureza siga, sem entraves, seu curso próprio.

Da mesma forma que o ambiente natural, o ambiente construído também deve seguir a mesma filosofia:

129 Livre tradução do painel de apresentação do projeto “Polonio Disperso”.

“Las intervenciones del hombre se han dado de manera espontánea sin un orden predeterminado. Pequeñas construcciones de arquitectura informal, tanto residenciales como de servicio.

Éstas características con las que cuenta Cabo Polonio no deben ser alteradas, de modo de no perder la esencia del lugar (dispersión, desorden, reserva natural) la cual no hace único.”¹³⁰

Desordenado, disperso.



Figura 17: Percursos livres, marcas efêmeras, dispersão territorial (“Ausencia” e “Cabo Polonio... un rincón en el mundo”)

Desordem e dispersão podem ser, quase sempre, adjetivos negativos. Mas, quando aplicados a Cabo Polônio, tornam-se características positivamente inerentes à sua forma e conteúdo:

“En un pasado cercano, casi desconocido, Cabo Polonio se fue poblando siguiendo el modelo espontáneo y aldeano del pueblo de pescadores original. Fuera de los cánones comunes del típico balneario o de cualquier núcleo urbano, se convierte en un gran atractor ante la mirada del turista extranjero y local. Sin loteados ni cercados, sin calles, ni ramblas costaneras, logro anárquicamente una estética muy especial, acorde a la belleza agreste del lugar.”¹³¹

Identificando tais especificidades, os projetos as reafirmam, entretanto, de variadas formas. Alguns propõem intervenções pontuais duradouras apenas nas

130 Projeto “Polonio Disperso”.

131 Memória do projeto “Mimesis vs equalizador local”.

bordas e acessos à área mais externa do parque e outras intervenções efêmeras em seu interior, sem alteração do espaço:

“(...) donde las huellas (digitais) del visitante se diluyen con el tiempo a causa del tiempo, el agua e el movimiento de las arenas. El terreno queda así sin marcas permanentes para recibir a otro visitante.”¹³²

Outros identificam a necessidade de informar e capacitar o visitante a se tornar um recruta da conservação do ambiente. Para isso, propõem centros de informação, de fornecimento de mantimentos e serviços básicos necessários à estadia temporária em Cabo. As edificações também estariam situadas além dos limites das dunas.

A desordem se encontra presente nas apropriações do espaço e na continuidade da liberdade de deslocamentos pelo território (todavia, sempre sem veículos automotores).

Dinâmico, incomum.

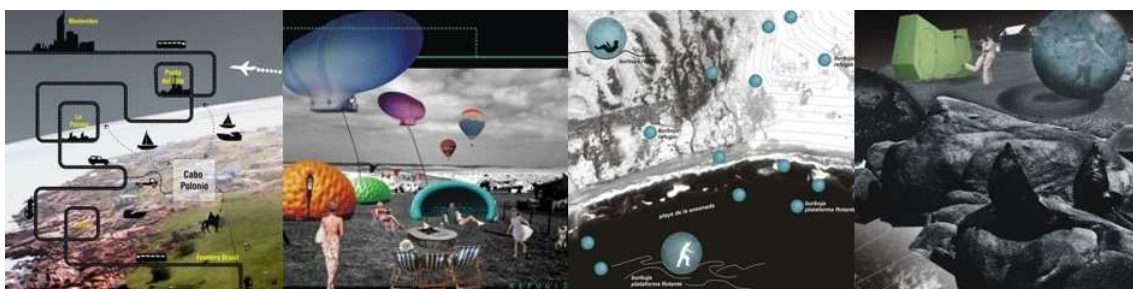


Figura 18: Propostas de intervenção (“Cabo Polonio... un rincón en el mundo”, “Impacto 0”, “Polonio Disperso”).

O dinamismo de Cabo Polônio se expressa em sua história (ancoradouro marítimo, vila de pescadores, refúgio juvenil, parque natural), em suas relações com a natureza (movimento das ondas e das dunas que o tornam sempre diferente) e na sua composição social (alguns moradores no inverno, milhares de visitantes no verão).

Essa qualidade distintiva fundamental reaparece em quase todos os projetos, ainda mais potencializada. Adéquam-se a ela as propostas de interação sutil do visitante com o lugar. Elas se dão através de novos meios de deslocamento (muitos

132 Projeto “Huellas”.

deles apenas conceituais e, provavelmente, inexequíveis); de estadia temporária programada (gerando maior rotatividade de turistas, porém em número reduzido simultaneamente); e de equipamentos móveis que servem como provisões temporárias e que não se fixam ao meio.

Conhecer suas especificidades e aprender como mantê-las é, provavelmente, o maior desafio de quaisquer projetos que venham a ser implantados num lugar incomum como Cabo Polônio, já que, “con limitados servicios, es hoy por hoy un lugar cautivante cuya cualidad mayor es para nosotros su navegar a la deriva, ha sido su suerte desde que sabemos de su existencia”¹³³.

133 Memória do projeto “Mimesis vs equalizador local”.

O Retorno



Utopia de Cabo Polônio

*Gira el haz de luz ¹³⁴
para que se vea desde alta **mar**.
Yo buscaba el rumbo de regreso
sin quererlo encontrar.*

*Pie detrás de pie
iba tras el pulso de claridad
la noche cerrada, apenas se abría,
se volvía a cerrar.*

*Un **faro** quieto nada sería
guía, mientras no deje de girar
no es la luz lo que importa en verdad
son los 12 segundos de oscuridad.*

*Para que se vea desde alta mar...
De poco le sirve al navegante
que no sepa esperar.*

*Pie detrás de pie
no hay otra manera de caminar
la noche del **Cabo**
revelada en un inmenso radar.*

*Un faro para, sólo de día,
guía, mientras no deje de girar
no es la luz lo que importa en verdad
son los 12 segundos de oscuridad.*



Figura 1: Detalhes do farol de Cabo Polônio

¹³⁴ “12 segundos de Obscuridad”: Nome da música e título do álbum do cantor e compositor uruguaio Jorge Drexler (letra de Jorge e arranjo musical de Victor Ramil). A letra relaciona-se com os 12 segundos durante os quais o farol de Cabo Polônio leva para dar uma volta completa em torno de seu eixo. Disponível em: <http://www.jorgedrexler.com>. Acesso: 10 de janeiro de 2009.

Espontâneo, informal, desordenado, disperso, dinâmico, incomum. Algumas das características que particularizam o lugar conformado entre dunas e mar na costa uruguaia, que evidenciam seu caráter atemporal e utópico e que suscitam a descoberta de suas potencialidades.

Cabo Polônio enquadra-se nas principais definições e conceitos de utopia: enquanto “um outro lugar”; enquanto possibilidade de vivência libertária diferenciada na comparação com os sistemas culturais, sociais e econômicos vigentes; enquanto distinção de seu entorno. Escapa, todavia, da rigidez, fixidez e completude da grande maioria das propostas utópicas. Não busca perfeição, não engessa alternativas, não pretende chegar a um determinado fim. Anseia, sim, pela sua manutenção, mesmo que mutável.

É possível que a grande diferença entre Cabo e as outras utopias encontre-se na sua autoria. Ela é coletiva. É um resultado de uma reunião de desejos individuais em busca de um sonho comum: o de viver em paz, em meio à natureza, sem a sobreposição de poderes, com a convivência harmônica da diversidade. Um sonho concretizado em Cabo Polônio, no Uruguai, assim como foi e é em Christiania, na Dinamarca; Alto Paraíso de Goiás, no Brasil, e em outros lugares que se propõem aptos a realizar ideologias na prática.

A descoberta, pesquisa e análise de um lugar como esse - que não imita qualquer modelo e nem pretende ser um - abre a discussão em torno de novos caminhos a serem percorridos pela teoria e prática dos projetos de cidades. Assim como sua aproximação às utopias históricas clássicas – enquanto forma de questionamento, crítica e proposição de outras formas de se proceder, no sentido de ‘fazer cidade’ – dá continuidade a essa discussão e retoma antigos problemas sociais e urbanos.

Os mecanismos de controle das cidades ideais; as fórmulas de imposição de ordem frente ao caos existente; os limites físicos, formais e funcionais estabelecidos pelas regras e composições para novas cidades ou radicais inserções nas antigas devem ser relativizados em prol de um bem maior. Os textos, desenhos, projetos e todas as formas de expressão do pensamento utópico devem ser utilizados como parte constituinte e extremamente relevante nas considerações e embasamentos dos projetos urbanísticos das cidades do presente e do futuro.

As utopias podem e devem ser utilizadas para melhor compreender a extrema complexidade das cidades, para questionar seus parâmetros pré-estabelecidos e propor outros, sem serem impositivos, já que:

“(...) As cidades reais desafiam qualquer definição, transbordam os traçados precisos, não podem ser reduzidas a relações imutáveis de medida e proporção, nem podem ser obrigadas a reproduzir padrões preexistentes. As formas urbanas somente se insinuam porque as fronteiras e as linhas divisórias estão em constante movimento, estabelecendo configurações provisórias no tempo. Esse dinamismo transforma o conceito de espaço, que passa da representação ortodoxa e racional de identidades para a expressão heterodoxa e pluralista de diferenças.”¹³⁵

As utopias não devem servir para imobilizar as idéias e cristalizá-las para sempre. Servem para mostrar caminhos e acentuar matizes possíveis, não apenas nos traços gráficos dos percursos e perspectivas, mas também nas alternativas de vivências.

Cabo Polônio começou a existir enquanto assentamento urbano, segundo suas lendas, a partir de 1753 (com o naufrágio de um navio) e, enquanto utopia urbana, nos primeiros anos da década de 1980. Suas características e excepcionalidades foram descritas e enfatizadas em grande parte do presente trabalho. A situação atual em que se encontra o lugar é de atenção, de cuidado com seus caminhos futuros. A utopia juvenil foi divulgada pelo mundo afora, desde então, e despertou a curiosidade de muitos. Tantos chegando a um lugar de natureza exuberante, mas sensível, acaba por diluir, de alguma maneira, a força daquele espaço. Reduzir a velocidade das mudanças foi um caminho correto escolhido pelo poder público, ao transformar a região em um Parque Nacional. De certa forma, encontra-se ‘protegido’. Mas as perguntas acerca do que está por vir suscitam debates e provocam embates entre as ‘partes interessadas’ – moradores, visitantes, políticos, empresários – e desafiam os projetos que melhor se adaptariam a aquele contexto, sem prejuízo a nenhuma das partes, muito menos à natureza.

135 SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p. 58.

De alguma forma, é possível que aquele sonho continue. Ainda mais se depender a nova geração de arquitetos e urbanistas que está se formando na universidade federal uruguaia. Eles reconhecem os ideais que nortearam a criação daquela comunidade, identificam as especificidades do ambiente natural e construído, distinguem suas singularidades e propõem sua continuidade com sutileza, dispersão, efemeridade, impacto zero e, até mesmo, ausência. Reafirmam e corroboram a utopia de Cabo Polônio.

Lista das Ilustrações

A Partida

Capa: JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p. 116.

Cidade e Utopia

1:

A: <http://www.blogdacomunicacao.com.br/?p=1999>

B: <http://www.pristina.org/tag/cidade/>

C: http://irc.blogs.sapo.pt/arquivo/2004_04.html

D: http://media.photobucket.com/image/marroc0s/tt-imagos/2004/Marroc0s00/Marroc0s20040409-18_01.jpg

E: <http://www.visitingdc.com/las-vegas/las-vegas-skyline.asp>

Atlântida de Plão

1 (01 de março de 2009):

A: <http://cache02.stormap.sapo.pt/fotostore01/fotos//87/ba/a3/18067000kbz61.jpg>

B: <http://inconsientecoletivo.net/wp-content/uploads/2008/11/atlantis-lg-tm.jpg>

C: <http://accel21.mettre-put-idata.over-blog.com/0/29/04/80/atlantide/atlantide.jpg>

2: VIDAL-NAQUET, Pierre. *Atlântida: pequena história de um mito platônico*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 47.

3: <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/civilizacao-grega/imagens/grecia-antiga2.jpg>

4: JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p.17

Utopia de Tomas Morus

1 (11 de março de 2009):

A: http://images.amazon.com/images/P/0140449108.01._SCLZZZZZZZ_.jpg

B: http://3.bp.blogspot.com/_uTGJ8P1HNSo/SDdX3gjbOkI/AAAAAAAAADQg/PMSbf_tS1PI/s400/thomas%2Bmore.JPG

C: <http://www.walkbook.net/satis/ADMIN/IMAGES/URUN/U49.jpg>

D: <http://ebooks->

imgs.connect.com/product/400/000/000/000/000/111/158/4000000000000000111158_s4.jpg

2: SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007, p 75.

3: JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p. 29.

4: ALONSO, María Nieves, BLUM, Andrea, CERDA, Kristov et al. *Donde nadie ha estado todavía: Utopía, retórica, esperanza*. Atenea (Concepc.). [online]. 2005, no.491, p. 40.

5: JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p. 45.

6: http://verdeceu.blogspot.com/2008_05_01_archive.html

7: ALONSO, María Nieves, BLUM, Andrea, CERDA, Kristov et al. *Donde nadie ha estado todavía: Utopía, retórica, esperanza*. Atenea (Concepc.). [online]. 2005, no.491, p. 40.

Falansérió de Fourier

1: JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p. 90.

2: Idem, ibidem, p. 93.

3: Idem, ibidem, p. 92.

Cidade Moderna de Le Corbusier

1: JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p. 116.

2 (22 de março de 2009):

- A: http://www.artline.ro/admin/_files/newsannounce/gogh.village-street-auvers.jpg
 B: https://elmundodebirch.wikispaces.com/file/view/arte_guernica_2.jpg
 C: http://www.bemhaja.com/bemhaja/images/henri_matisse.jpg
 3: JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p. 127.
 4: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp324.asp>
 5: JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p. 125.
 6: <http://urbanidades.arq.br/bancodeimagens/displayimage.php?pos=-22>
 7: THOENES, Cristof & EVERS, Bernd. *Teoria da Arquitetura - Do renascimento aos nossos dias*. Milão: Taschen, 2003, p.473
 8: Idem, ibidem, p. 474
 9: <http://hausmannobrasil.blogspot.com/2007/06/le-corbusier-e-o-edificio-viaduto.html>
 10:
 A: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp292.asp> SÃO PAULO
 B: <http://foro.elaleph.com/viewtopic.php?p=412590>
 C: <http://www.unal.edu.co/idea/proyectos/histamb2/hisamb2.htm> COLOMBIA

Cities de Archigram

- 1: <http://www.archigram.net/story.html#>
 2: http://www.designmuseum.org/__entry/4508?style=design_image_popup
 3: <http://www.designmuseum.org/design/archigram>
 4: http://www.archigram.net/projects_pages/adhox_3.html
 5:
 A: <http://www.spencerart.ku.edu/~sma/images/print/prp249x.jpg>
 B: <http://desenhoarq.files.wordpress.com/2008/05/powerplantbig.jpg>
 C: <http://cidadejardimecidadeindustrial.blogspot.com/2008/11/cidade-industrial-de-tony-garnier.html>
 D: <http://enigmafoundry.wordpress.com/2006/11/26/journey-to-the-end-of-the-night-hugh-ferriss-edition-sunday-draft/>
 E: <http://eras.free.fr/html/archi/sauvage.html>
 F: http://kirstenz.web-log.nl/expressfree/what_about_this/index.html
 G: http://paisagemdohomem.blogspot.com/2007_07_01_archive.html
 H: <http://workjes.wordpress.com/2008/01/30/clusters-in-the-air/>
 I: <http://www.fabiofeminofantascience.org/RETROFUTURE/RETROFUTURE16.html>
 6:
 A: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp231.asp>
 B e C: http://www.archigram.net/projects_pages/plug_in_city_5.html
 7: http://www.archigram.net/projects_pages/plug_in_city.html
 8: http://www.archigram.net/projects_pages/instant_city.html

Utopias Juvenis modernas

- 1:
 A: http://www.screenhead.com/wp-content/uploads/2008/04/woodstock_csg022.jpg
 B: <http://www.uff.br/obsjovem/mambo/images/stories/hippie.jpg>
 C: <http://www.alunosonline.com.br/historia/maio-de-1968/>
 2:
 A: Google earth, 09 de maio de 2009
 B: <http://travel.domnik.net/img-en/tr/05hr2.shtml>
 C: <http://barista.media2.org/?p=2993>
 3:
 A: Google earth, 09 de maio de 2009
 B e C: da autora (junho 2001)

Uma Parada Necessária

Capa: www.trekearth.com/gallery/photo855965.htm

- 1: Foto-divulgação da exposição Liberté, Cabo Polonio, del fotógrafo Stéphane San Quirce
<http://www.lanacelle.fr/galerie/stephane-san-quirce/introduction.html>
- 2: Google earth (12 de maio de 2009)
- 3 : Mapa – “Mercosur: Geomodelo representativo de SUS países integrantes”. Mapa Ancap
- 4: Google earth (12 de maio de 2009)
- 5: LENZI, Ricardo Alvarez. Fundación de poblados em el Uruguay. Montevidéo: Universidad de la Republica. Facultad de Arquitectura.Instituto de Historia de la Arquitectura, 1972. Parte II, figura 1
- 6: LENZI, Ricardo Alvarez. Fundación de poblados em el Uruguay. Montevidéo: Universidad de la Republica. Facultad de Arquitectura.Instituto de Historia de la Arquitectura, 1972. Parte II, figura 4
- 7: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp241.asp>
- 8: LENZI, Ricardo Alvarez. Fundación de poblados em el Uruguay. Montevidéo: Universidad de la Republica. Facultad de Arquitectura.Instituto de Historia de la Arquitectura, 1972. Parte II, figura 7 (redesenho e tradução)
- 9: Google earth (17 de maio de 2009)
- 10: VARESE, Juan Antônio. De naufragios y leyendas en las costas de Rocha. Ediciones Sanillana S.A. Motevideo: 1998.
- 11: da autora (junho 2006)
- 12: da autora (junho 2006)
- 13: A e C: www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=505104
- B: da autora (junho 2006)
- 14: Foto cedida por morador local. Cabo Polônio, 1950.
- 15: da autora (junho 2006)

A Chegada

Capa: francys jay (panorámico google earth)

34°22' S, 53°47'59" W

- 1 a 6 – da autora (junho de 2006)
- 7 - JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p. 8 e 9.

Dicotomias de Cabo Polônio

- 1: <http://www.lanacelle.fr/galerie/stephane-san-quirce/introduction.html>.
- 2: googleearth (30-05-2009) manipulada
- 3: A e B: autora
- C: cruzdelSur; D: lucho; E: reynald chatillon; F: francis jay (panorámico googleearth)
- 4: Arq. Rafael Cortazzo
- 5: A, B, C, E: autora
- D: gadeandres e F: horacio arbiza (panorámico google earth)
- 6: autora
- 7: A: autora
- B e C: lucho (panorámico google earth)
- 8: A e C: francys jay; b: reynald chatillon (panorámico google earth)

Utopias e Cabo Poñio:

1: A: <http://acel21.mettre-put-idata.over-blog.com/0/29/04/80/atlantide/atlantide.jpg>

B:

http://3.bp.blogspot.com/_uTGJ8P1HNSo/SDdX3gjbOkI/AAAAAAAAADQg/PMSbf_tS1PI/s400/thomas%2Bmore.JPG

C: JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994, p. 93.

D: THOENES, Cristof & EVERS, Bernd. *Teoria da Arquitetura - Do renascimento aos nossos dias*. Milão: Taschen, 2003, p.474.

E: <http://www.designmuseum.org/design/archigram>

F: da autora

Novas Utopias para Cabo:

1: Painéis do concurso a5tap * IPAT CP - 12 SEGUNDOS + *2: "Cabo Polonio... un rincón en el mundo", "ReViviendo el Cabo Polonio", "Ausencia", "Huellas", "Parque de arena y mar", "Impacto 0", "Mimesis vs ecualizador local" e "Polonio Disperso". Organizado pela *Universidad de la Republica* (Farq - Udelar), atelier de anteprojeto 5 (*Taller Ángela Perdomo*), coordenado pelo professor e arquiteto Rafael Cortazzo.

2: Painel "Cabo Polonio... un rincón en el mundo".

3: A: Painel "Huellas".

B: Painel "Polonio Disperso".

4: A e B: Painel "Ausencia".

C: Painel "Cabo Polonio... un rincón en el mundo".

5: A: Painel: Painel "Cabo Polonio... un rincón en el mundo".

B: Painel "Impacto 0".

C e D: Painel "Polonio Disperso".

O Retorno

Capa: autora

1: autora

Bibliografia

ALBUQUERQUE, J.A. Guilhon. *Movimento estudantil e consciência social na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

ALONSO, María Nieves, BLUM, Andrea, CERDA, Kristov et al. *Donde nadie ha estado todavía: Utopía, retórica, esperanza*. Atenea (Concepc.). [online]. 2005, no.491 [citado 22 Janeiro 2009], p.29-56.

Disponível na página da Web:

<http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-04622005000100004&lng=es&nrm=iso>. ISSN 0718-0462.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BACZKO, Bronislaw. *Los Imaginarios Sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.

BRANDÃO, Antônio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo: Editora Moderna, 1990.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *América Latina: territórios e experiências*. Arqtexto, Porto Alegre, v. 5, n. 5, p. 18-41, 2005.

CABRAL, Claudia Piantá Costa. *Grupo Archigram, 1961-1974 – Uma fábula da Técnica*. Tese de Doutorado, Barcelona, 2001

CABRAL, Claudia Piantá Costa. *De volta ao futuro: revendo as megaestruturas*. Arqtextos (São Paulo. Online), v. 082, p. 082.e409, 2007.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHING, Francis. D. K. *Arquitetura, forma, espaço e ordem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre Utopia. *Cienc. Cult.* [online]. 2008, v. 60, n. spe1 [cited 2009-01-17], pp. 7-12.

Disponível na página da Web:

<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0009-6725.

COOPER, David (org.). *Dialética da Libertação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

CORSINI, José María Ordeig. *Diseño Urbano y pensamiento contemporáneo*. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, S.A., 2007.

CORTAZZO, Rafael Arq. relevamiento de unidades constructivas en Cabo Polonio - playa de la Ensenada, 2003.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1971.

DANTAS, Ana Cláudia de Miranda. Cidades Coloniais Americanas. *Arquitextos* (São Paulo. Online), <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp241.asp>

FREITAG, B. R. *Utopias urbanas*. In: César Barreira (org.). *A sociologia no tempo: Memória, imaginação e utopia*. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 214-237.

FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FUÃO, F. Fernando. *O fantástico na arquitetura*. In: Fernando Freitas Fuão. (Org.). *Arquiteturas fantásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do rio Grande do Sul. Editora Faculdade Ritter dos Reis, 1999, p. 13 – 36.

GAETA, Julio C. *Guía Ciudad Vieja*. Montevideo: Editorial Dos Puntos, 1994.

GIANNINI, Humberto . *El lugar propio de la utopía*. Atenea (Concepc.). [online]. 2005, no.491 [citado 22 Janeiro 2009], p.11-22.

Disponível na página da Web:

<http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-04622005000100002&lng=es&nrm=iso>. ISSN 0718-0462

GÜTTLER, Antonio Carlos. A Colonização do Saí (1842-1844): esperança de falansterianos, expectativa de um governo. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JEAN, Georges. *Voyages en utopie*. Paris: Gallimard, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Semeador e o Ladrilhador*. IN: *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

KOHLSDORF, Maria Elaine. *A apreensão da forma da cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

LE CORBUSIER. *Urbanismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 2ª. Edição.

LENZI, Ricardo Alvarez. *Fundación de poblados en el Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República. Facultad de Arquitectura. Instituto de Historia de la Arquitectura, 1972.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, Andréa Soler. *A borda do rio – POA: arquiteturas imaginárias como suporte para a construção de um passado*. Tese de Doutorado. UFRGS, 2003.

MACHADO, Andréa Soler. *Cidades Ideais Regressivas: Utopias do Paraíso Perdido*. II Curso de Especialização: Patrimônio Cultural em Centros Urbanos, UFRGS, 2006.

MAHFUZ, Andrea S.M. *Dois Palácios e uma Praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

MORUS, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Editora Escala, 2000.

MVOTMA, MGAP, MINTURD e Intendencia Municipal de Rocha. *Propuesta de ingreso del Area Protegida Marino-Costera de Cabo Polonio al Sistema Nacional de Areas Protegidas*, 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Nuevos Caminos de la Arquitectura. Existencia, Espacio y Arquitectura*. Espanha: Editorial Blume, 1975.

OELKER, Dieter. *La locura nace en las Islas Afortunadas*. Atenea (Concepc.). [online]. 2005, no.492 [citado 21 Janeiro 2009], p.11-30.

Disponível na página da Web:

<http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-4622005000200002&lng=es&nrm=iso>. ISSN 0718-0462.

PERDOMO, Taller. *Concurso a5tap IPAT CP - 12 SEGUNDOS +*, Outubro 2008. [citado 20 Julho 2009].

Disponível na página da Web:

<http://ante5tap.blogspot.com>

PESAVENTO, Sandra Jatahi. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade – UFRGS, 1999.

PESSOA, Denise Falcão. *Utopia e cidades: proposições*. São Paulo: Annablume Editora /Fapesp, 2006.

PROBIDES. 2000. *Plan Director de la Reserva Bañados del Este*. PNUD – UE – GEF. Uruguay.

RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. *Edifícios modernos no Centro Histórico de São Paulo: dificuldades de textura e forma*. *Arquitextos* (São Paulo. Online), v. 089, p. 089.02, 2007.

ROCHA, A. L. C.. *Cidade como lugar do próprio e do absoluto: os dilemas de uma política*. In: I Encontro sobre preservação e valorização de bens materiais intangíveis, 1998, Porto Alegre. *Iluminuras* vol. 8. Porto Alegre: Publicação eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, 1998. p. 1-13.

ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROWE, Colin & KOETTER, Fred. *Ciudad Collage*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1982.

SCHULZ, Sonia Hilf. *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007.

SCHULZ, Sonia Hilf. *Utopias urbanas modernistas*. In: Denise Pinheiro Machado. (Org.). *Sobre urbanismo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Vianna & Mosley, 2007, v. 1, p. 17-26.

SILVA, Marcos Solon Kretli. *Redescobrimo a Arquitetura do Archigram*. *Arquitextos* (São Paulo. Online), v. 048, p. 048.e231, 2004.

ULTRAMARI, Clovis. *O fim das utopias urbanas*. São Paulo: Studio Nobel, 2005. Tenho.

ZALUAR, Amélia Maria. *A casa da flor: Uma tentativa de compreensão*. In: Fernando Freitas Fuão. (Org.). *Arquiteturas fantásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editora Faculdade Ritter dos Reis, p. 45 – 56, 1999.

VARESE, Juan Antônio. *De naufragios y leyendas en las costas de Rocha*. Ediciones Sanillana S.A. Montevideo: 1998.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Atlântida: pequena história de um mito platônico*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

THOENES, Cristof & EVERS, Bernd. *Teoria da Arquitetura - Do renascimento aos nossos dias*. Milão: Taschen, 2003.

TSIOMIS, Yannis. *O ensino do projeto urbano entre a crise e a mutação*. Tradução: Denise Pinheiro Machado. In: Denise Pinheiro Machado. (Org.). *Sobre urbanismo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Vianna & Mosley, 2007, v. 1, p. 65-80.

Anexo

Tabela comparativa auxiliar						
Utopias e suas principais características	Atlântida Platão	Utopia Tomas Morus	Falanstério Charles Fourier	Cidade Moderna Le Corbusier	Cities Archigram	Cabo Polônio
Isolamento: "a maior parte das utopias eram situadas em <i>ilhas distantes</i> , desconhecidas, não identificáveis."	Uma ilha perdida possivelmente entre a Líbia e a Ásia. Atlântida.	Uma terra desconhecida, de uma ilha distante.	Pequenas comunidades autossustentáveis longe das metrópoles.	Preferencialmente cidades novas, algumas distantes (ex Brasília).	Móveis, conectadas ou conectoras.	Distante, as dunas são suas muralhas.
Tamanho ideal:	O tamanho da cidade das Leis era limitado ao assentamento de cinco mil e quarenta famílias	Cinquenta e quatro cidades Cada uma delas era composta por seis mil famílias.	Até 3.000 habitantes.	Ville Radieuse (Le Corbusier) até 3 milhões habitantes.	Número de habitantes relativo a cada equipamento cidade projetado.	Certamente entre 72 habitantes (inverno) e 800 (verão).
Geografia: "de preferência as cidades utópicas deveriam ser construídas em terreno plano, sem relevo, para que pudessem expandir-se."	Acrópole no centro do território e subdivisão de anéis de terra e mar.	A ilha da Utopia tem duzentos mil passos em sua maior largura, situada na parte média. Esta largura diminuiu gradual e sistematicamente do centro para as duas extremidades.	Os falanstérios preferencialmente deveriam localizar-se em áreas rurais e planas.	Preferencialmente em terreno plano, sem alicive para que pudesse se expandir.	Os equipamentos urbanos poderiam se adaptar ao relevo e o transportar através das águas e do ar.	Elevações que variam entre 10m e 50m de altitude - contrariando as Leis das Índias.
Urbanismo: Os utopistas reclamavam a separação entre vias de pedestres e vias para carros/carruagens, propunham a separação das	Os anéis concêntricos que definiam sua composição formal regiam as principais funções da cidade: os edifícios públicos (palácio, fonte e santuário) estavam no centro e as	As plantas urbanas tinham a composição das suas malhas de forma ortogonal e a cidade inteira se dividia em quatro quarteirões iguais, localizando, em seu centro o mercado	As funções dos espaços definiam sua localização a partir de três círculos concêntricos: o primeiro círculo contém a cidade central, o segundo as grandes fábricas e as	Habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito e circular em espaços específicos, porém conformando a continuidade da cidade-parque.	Não mais propunham a separação das diversas funções da cidade e sim aglutinar e articular todos os elementos, com o auxílio da composição formal e da tecnologia.	Todas as funções estão miscigenadas no povoado: a pesca, a moradia, o pequeno comércio.

<p>diferentes funções.</p> <p>Urbanismo: Os utopistas reclamavam a separação entre vias de pedestres e vias para carros/carruagens, propunham a separação das diferentes funções.</p>	<p>edificações de habitações em anéis mais afastados.</p> <p>Os anéis concêntricos que definiam sua composição formal regiam as principais funções da cidade: os edifícios públicos (palácio, fonte e santuário) estavam no centro e as edificações de habitações em anéis mais afastados.</p>	<p>com todos os produtos de necessidade básica.</p> <p>As plantas urbanas tinham a composição das suas malhas de forma ortogonal e a cidade inteira se dividia em quatro quarteirões iguais, localizando, em seu centro o mercado com todos os produtos de necessidade básica.</p>	<p>cercanias e o terceiro contêm as avenidas e o subúrbio.</p> <p>As funções dos espaços definiam sua localização a partir de três círculos concêntricos: o primeiro círculo contém a cidade central, o segundo as grandes fábricas e as cercanias e o terceiro contêm as avenidas e o subúrbio.</p>	<p>Habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito e circular em espaços específicos, porém conformando a continuidade da cidade-parque.</p>	<p>Não mais propunham a separação das diversas funções da cidade e sim aglutinar e articular todos os elementos, com o auxílio da composição formal e da tecnologia.</p>	<p>Todas as funções estão miscigenadas no povoado: a pesca, a moradia, o pequeno comércio.</p>
<p>Sociedade: “muitos utopistas urbanos defendiam a <i>tolerância</i> religiosa e filosófica em “suas” cidades e condenavam a <i>propriedade privada</i>.”</p>	<p>A democracia postulada por Platão visava à divisão desigual de obrigações e recompensas, de privilégios e honras, de acordo com as diferenças determinadas pela riqueza, pela força e pela inteligência de cada indivíduo.</p>	<p>O modelo de sociedade proposto para a cidade visava a distribuição igualitária dos bens, a ênfase no trabalho digno, ao planejamento da produção econômica, ao pluralismo religioso.</p>	<p>A sociedade ideal que propunham era organizada de tal forma que as classes sociais pudessem viver em harmonia e tivessem interesses comuns acima da exploração ou da busca incessante pelo lucro.</p>	<p>O homem-médio era utilizado como o padrão geral para a sociedade. E todos os cidadãos teriam liberdade e igualdade para a utilização dos espaços públicos, para circular, habitar e compartilhar da cultura, esportes e educação.</p>	<p>Propostas para uma sociedade mais dinâmica, conectada, física e virtualmente, respaldada pela alta tecnologia e avanços da ciência.</p>	<p>Diversos grupos distintos (moradores, pescadores, hippies, turistas) que vivem (por dias ou anos) em harmonia em um espaço comum, sem instituições ou organizações sociais.</p>